

A romantic couple is shown in a close embrace, nearly kissing. The man, on the left, has a beard and is wearing a dark blue ribbed sweater. The woman, on the right, has long dark hair and is wearing a red sweater with a white herringbone pattern. They are both smiling and looking at each other. The background is a soft, out-of-focus outdoor setting.

O AMOR É DEMI-SEC

Luciane Monteiro

Editora **Verso**



® 2020. Editora Inverso

R. Doutor Goulin, 1523 Alto da Glória
CEP 80040-280 Curitiba-PR
(41) 3254-1616 e (41) 3558-8001
editorainverso@editorainverso.com.br
www.editorainverso.com.br
Facebook.com/editorainverso
Instagram @editorainverso

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cristina Jones
Editora InVerso

**CAPA, PROJETO GRÁFICO
E ARTE-FINAL**

Adriane Baldini

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Mona Youssef Hammoud – CRB/ 9ª 1393

M775o

MONTEIRO, Luciane. **O amor é demi-sec** (Livro eletrônico)
Curitiba: InVerso, 2020
218 p. 15 x 21cm – PTBR

ISBN: 978-65-86436-23-5

1. Romance. 2. Relacionamentos.
I. Título

CDD: B869.14

Romance: B869.14

Sentimentos: B869



Ao adquirir um livro, você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por transformar ideias em realidade e trazê-las até você. **Todos os direitos reservados.** É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação de direitos do autor (Lei 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Dedico este livro a todos aqueles que ainda
gostam de histórias de amor, de recomeços.*

E que acreditam na arte do encontro!

SUMÁRIO

- 1 CIDADE SOLITÁRIA 6**
- 2 UM OMBRO AMIGO 25**
- 3 COMPARTILHANDO HISTÓRIAS 44**
- 4 NO ALTO DA COLINA 69**
- 5 NO CALOR DO MOMENTO 90**
- 6 NA VARANDA, SOB A LUA 111**
- 7 FANTASMAS DO PASSADO 131**
- 8 DE MÃOS DADAS 146**
- 9 UMA BRINCADEIRA QUASE INOCENTE 172**
- 10 CORAÇÃO FECHADO 195**
- 11 UMA NOVA CHANCE 207**

1 CIDADE SOLITÁRIA

Eram duas e trinta da madrugada, somente Beatriz e o silêncio persistente. Não sentia sono, não sentia saudade, não sentia nada, só o silêncio. Amortecida pela dor da decepção, nem sabia como estava encarando a vida. Trabalhando, trabalhando, trabalhando muito, era só o que sabia fazer.

Duas e quarenta e cinco, o sono não vinha, não queria pensar em nada. Mas pensava, sim, na verdade, pensava sem parar em tudo por que tinha passado. Não havia um dia que a mesma imagem não lhe viesse à mente: ela no carro em uma espera angustiante no dia mais fatídico de sua vida. Quase três anos de solidão, não queria mudar esse quadro, não queria mudar nunca mais. Nunca mais um novo amor. De que servem os momentos? Apenas para guardar no esquecimento, decidiu.

Já era quase hora de sair de novo e nem se lembrava em que momento tinha conseguido dormir um pouquinho. O dia estava claro, levantou-se e olhou pela janela as pessoas caminhando apressadas de um lado e de outro, estava atrasada, mas observava os transeuntes indo e vindo, esquecida das horas, esquecida de si mesma. Seguiu, por fim, para a vida.

Antes de sair, olhou-se no espelho, mas não havia luz em seu olhar, não admirava o que via, não estendia o olhar a si mesma por muito tempo. Preferiu não se demorar e partiu para enfrentar mais um dia na empresa

de eventos que herdara do pai. Herdara sem querer herdar, aliás, pois não era onde queria estar, não era o que gostava de fazer.

— Bom dia — sorriu Luciana, a secretária.

Sorriso radiante ela tinha, Beatriz observou. Os olhos falavam de seu novo amor a todo instante. Por uns momentos a invejou, logo depois, sentiu pena. Todo novo amor fica velho, desbota e acaba, afirmou amarga para si mesma.

— Bom dia, ele já chegou?

Ela perguntou sobre o novo sócio da Rasé Eventos. O homem que respondera ao anúncio já havia trabalhado com o pai de Beatriz há cerca de quatorze anos, época em que ela ainda não se envolvia com os assuntos da empresa, de modo que não o conhecia pessoalmente.

— Ligou, sim. Disse que chega em trinta minutos — a secretária respondeu.

— OK, vamos conhecer o novo sócio da Rasé — disse Beatriz, suspirando sem muita empolgação.

— Já o encontrou antes? Dizem que é um homem muito reservado.

Beatriz se lembrou dos comentários que Eliana, a ex-secretária do pai, havia feito sobre o homem:

— Dizem que é um pobre infeliz, perdeu a esposa há três anos e vive isolado. Mais um baixo astral em nosso meio, como se não bastasse eu — lamentou.

— Não fale assim. Não te acho um baixo astral! — Luciana protestou, repreendendo a chefe.

— Você é muito bondosa. Olha minhas olheiras, estou horrível. Aliás, eu me entreguei — ela concluiu.

— Você nunca fica horrível, Beatriz, é uma mulher linda!

— Há muito tempo não me sinto assim, há muito tempo não sinto nada — disse quase para si mesma.

— Detesto te ver desse jeito, é um desperdício, tão nova! — Luciana balançou a cabeça.

Beatriz olhou com empatia para a secretária, tão jovem, tão cheia de sonhos! Sentiu-se culpada:

— Desculpe, Lu. Desculpe te incomodar com minhas tristezas — ela se lamentou.

— Você vai melhorar, você precisa apenas se desligar do passado e viver o presente — ela aconselhou. — Já faz três anos que tudo aconteceu!

— Passado? Quem disse que estou pensando em passado? Aliás, eu tenho um? — ela ironizou, querendo se fazer de forte.

Luciana riu, balançando a cabeça. Sabia das tristezas de Beatriz e compreendia quando ela tentava se fazer de forte.

— Logo o Sr. Lorenzo Theodoro chega e você terá alguém diferente para dar um novo ânimo ao seu trabalho. Quem sabe seja até um novo amigo para você.

— Lorenzo Theodoro! — ela repetiu o nome do sócio, suspirando. — Isso é nome? Deve ser um senhor de charuto, como os amigos do meu pai, talvez começando a ter entradas. Vai nos dar dicas sobre festinhas para terceira idade — brincou sarcástica.

Luciana ria sem parar, divertindo-se com a chefe:

— É exatamente assim que eu imagino, já que ele disse que era amigo do seu pai. Isso é transmissão de pensamento! — ela acabou admitindo que achava a mesma coisa.

— Bem que eu gostaria de ter sido contatada por uma pessoa mais jovem, cheia de novas ideias, novo ânimo. Era do que a empresa precisava — ela divagou. — Mas vamos deixar para enfrentar isso daqui a pouco. Vou trabalhar por enquanto, com licença.

Sentou-se em sua confortável cadeira, na sala grande e fria que pertenceu um dia ao pai. Muito mais competente do que ela, o Sr. Orlando Sampaio conseguiu construir sozinho a Rasé Eventos, cujo nome fora escolhido para homenagear a avó festeira que sempre contava de sua descendência francesa. Segundo o pai, ela havia sido sua inspiração para que quisesse trabalhar com eventos e festas em geral. Contudo, desde que assumira a empresa, Beatriz nunca teve a mesma empolgação a ponto de, no presente, precisar de um novo sócio para ajudá-la a reerguer os negócios.

Que lástima, pensou, ao menos no talento para negócio podia ter puxado o pai, mas nem para isso, lamentou. A decoração ainda era a mesma do tempo do Sr. Sampaio, um homem discreto, muito dedicado ao trabalho e à empresa. Observou os móveis de madeira rústica, as poltronas de couro escuro, os tapetes clássicos.

— Para que mudar? — falou consigo mesma. — Continuo assim, como a decoração dessa sala: fria, sem cor.

Assinava uns papéis rotineiramente, pois já nem se atinha para nada que fazia, todos os seus movimentos eram mecânicos. Mecânicos como eu, pensou amargurada, não uma mulher, um robô.

— Com licença — uma voz masculina tirou sua concentração.

Levantou apenas os olhos sem mudar, porém, a expressão entediada:

— Pois não? — Beatriz perguntou, bastante séria, estranhando que alguém entrasse em sua sala sem ser anunciado por Luciana.

— Desculpe, a secretária não estava e resolvi entrar.

Beatriz continuou olhando em silêncio para o sujeito à sua frente, esperando que se apresentasse. Ele se aproximou estendendo a mão educadamente.

— Creio que seja Beatriz Sampaio. Muito prazer, eu sou Lorenzo Theodoro.

A dona da Rasé ficou uns segundos em silêncio antes de se levantar e apertar sua mão. Isso porque realmente não estava esperando um sujeito alto, magro e elegante em vez do senhor de charuto que imaginou quando brincava com Luciana. Lorenzo tinha um ar muito agradável e ela logo encantou com sua simpatia.

— Sim, sou eu mesma. Muito prazer, Sr. Lorenzo, sente-se, por favor — ela apontou a cadeira à sua frente. — Desculpe-me não ter ido te buscar no aeroporto. Um cliente marcou comigo, mas não apareceu. Até achei que fosse você.

— Ora, não se preocupe, não tem problema — ele respondeu tranquilo.
— Mas não use de formalidades comigo me chamando de senhor, não estou tão acabado assim, estou?

Beatriz riu com ele, sem mencionar como o havia imaginado totalmente diferente.

— Claro que não! Você está certo — ela concordou, lembrando que, pelas informações passadas pela secretária, ele deveria ser bem mais velho.

Enquanto se acomodavam, ela conferiu mais uma vez os dados que Luciana passara do novo sócio e confirmou que a mesma mencionara quarenta e nove, mas não podia ser. Espiou rapidamente o seu currículo lattes na tela do computador e confirmou que a secretária havia se enganado, Lorenzo tinha trinta e nove. Muito novo para passar pelo trauma de uma perda tão drástica, pensou, recordando-se de sua viuvez.

— Está bem instalado? — Beatriz quis saber.

— Muito bem. O hotel que você me arrumou é ótimo, mas quero logo alugar um apartamento para trazer alguns pertences mais importantes. Como sabe, hotéis são lugares tão impessoais!

Ela teve que concordar com ele:

— Sim, você tem razão. Minha secretária vai te ajudar a achar um bom apartamento ou uma casa, não sei o que prefere. Eu, aliás, pedi que ela separasse alguns anúncios, mas na verdade não conversamos sobre a região que você quer.

— Bem, eu não tenho muita preferência. Já morei em Belo Horizonte antes de me mudar para São Paulo. Morava em Belvedere, que não é tão longe de carro, de modo que poderia ser algo nessa região, já que estou acostumado. Ou pode ser algum apartamento aqui pela vizinhança mesmo, tendo em vista que o bairro é bem agradável.

— Eu moro em Santo Agostinho. Fica a poucos minutos daqui e, se eu não fosse tão preguiçosa, poderia até vir caminhando — ela comentou.

— Hum, Santo Agostinho, Lourdes... são bairros agradáveis também. Se souber de algum lugar que tenha tudo ao alcance para um homem sozinho, eu digo, mercados, restaurantes com serviço de entrega — ele brincou.

Beatriz fez um sinal afirmativo, lembrando-se de que ele havia perdido a esposa e vivia sozinho, provavelmente nunca cozinhava para si mesmo.

— Entendi, vou conversar com minha secretária.

— E, então, vamos falar sobre nossa sociedade? — ele parecia ansioso para começar a trabalhar.

— É claro — ela ainda o olhava intrigada. — Desculpe a minha surpresa, mas minha secretária anotou quarenta e nove na sua ficha, por isso eu estava esperando alguém mais velho.

— Bem, se trinta e nove não é velho para você, eu fico contente. Ainda posso fazer muita coisa.

A empresária riu com ele, balançando a cabeça:

— Com certeza, pois hoje em dia as pessoas envelhecem muito mais tarde. Mas você... mesmo com trinta e nove ainda parece mais novo.

— Obrigado, é sempre bom receber um elogio e saber que não estou tão acabado quanto pensava — ele riu, bem-humorado.

Beatriz lamentou por si mesma. Ela, sim, provavelmente estava aparentando mais do que seus trinta e quatro anos, isso devido ao desânimo profundo em que mergulhara após o fim do noivado.

— Bem, vamos falar de negócios e da nossa sociedade — ela sugeriu. — Fico contente de poder negociar com uma pessoa que já trabalhou com meu pai e conhece bem a empresa.

— Conhecer seu pai foi um grande prazer para mim — o sócio fez questão de mencionar. — Ele foi a primeira pessoa que me empregou quando cheguei a Belo Horizonte, e eu aprendi muito com ele.

— Que bom ouvir isso! Eu não cheguei a trabalhar com meu pai, mas, por insistência dele, nos últimos anos, vinha toda semana para acompanhar o andamento da Rasé. Na verdade, ele sempre tentava me convencer a ficar — ela riu daquela lembrança.

— O Sr. Orlando nos ajudou em tudo, até a encontrar lugar para morar. Foi muito bom trabalhar com ele. Só saí da Rasé porque minha esposa passou em um concurso e nos mudamos para São Paulo — ele explicou.

— E foi lá que passou os últimos anos?

— Os últimos doze anos! Mas eu já estava querendo sair de lá quando vi o seu anúncio. Ao me deparar com o nome da empresa, logo me lembrei dos bons tempos em que trabalhei com o Sr. Orlando.

— Bem, você viu que a situação da empresa não é muito animadora — ela disse, sem graça. — Eu, particularmente havia pensado em vender, mas, quando me lembro do quanto este lugar era importante para ele, perco a coragem. Devo confessar que não tenho a experiência do meu pai.

— Eu sei, nós conversamos sobre isso e eu decidi encarar o desafio de te ajudar a fazer da Rasé uma grande empresa de novo. Acredito que desafios nos renovam e eu gosto de estar bem ocupado. Mas devo te dizer, ainda não sei se é aqui que vou me estabelecer.

Beatriz lembrou-se de que, quando conversaram por telefone, Lorenzo realmente havia mencionado que não tinha intenção de se estabelecer definitivamente em Belo Horizonte.

— Eu entendi.

— É uma experiência para mim. Fiz isso com o bar do meu amigo na minha cidade, montamos projetos e fizemos daquele lugar um sucesso. Quero um desafio assim novamente, mas pode ser que, quando acabar o desafio, eu precise de algo novo — ele explicou.

Beatriz analisou uns segundos o sujeito à sua frente e compreendeu que a sua necessidade era de nunca deixar a mente silenciar, talvez para não se deparar com o silêncio da ausência da esposa. Não era diferente do que ela própria fazia, trabalhar muito para esquecer os fracassos da vida pessoal.

Em seguida, ela levou Lorenzo para conhecer a empresa e os funcionários. Luciana também ficou surpresa quando viu o novo sócio e Beatriz reparou que ela olhou depressa na ficha, provavelmente conferindo a idade.

— Muito prazer, Sr. Lorenzo. Seja bem vindo à Rasé — disse, receptiva.

— Obrigado, mas não há necessidade de formalidades comigo.

A jovem sorriu satisfeita, arrumando os óculos, aliviada de ver a simpatia do novo chefe.

— Ainda temos outra funcionária que acabou de entrar de férias. A Alice cuida da recepção nos eventos — Beatriz informou. — Não somos uma empresa de grande porte, temos uma equipe pequena, mas que funciona muito bem.

— Sim, é verdade, Sr. Loren... — a secretária se calou, corrigindo-se. — Lorenzo.

— Bem melhor assim, sinto menos o passar dos anos — ele brincou.

— Somos quase uma família, embora a dona da Rasé não admita isso para parecer durona — Luciana falou baixinho, brincando com a chefe.

Beatriz ficou muito sem graça com o jeito espevitado da secretária:

— Luciana!

Lorenzo riu com as duas e a dona da Rasé imediatamente o trouxe de volta para sua sala. Pouco depois o advogado da empresa se juntou aos dois e os novos sócios focaram especificamente nos ajustes para formalizar a sociedade entre eles. Lorenzo entraria com uma parte do dinheiro para saldar algumas dívidas e revigorar a empresa.

Beatriz logo percebeu que o futuro sócio era um viciado em trabalho como ela, o que poderia lhe parecer uma boa qualidade. No entanto, sabia que, para ela, trabalhar em excesso era apenas uma forma de fugir da própria solidão.

Lembrou-se da história que ouviu sobre ele, na verdade foi a antiga secretária que lhe contou tudo. Beatriz não chegou a conhecê-lo no período em que trabalhou com Orlando, porque naquele tempo ela estava nos últimos anos de estudos, entre faculdade e pós-graduação. Além disso, fazia estágio em outra empresa.

Eliana ainda manteve contato com Lorenzo depois que ele foi trabalhar em São Paulo e foi ela quem comentou a respeito da morte prematura da sua esposa, contando sobre a luta que a jovem travara contra uma leucemia. Segundo a antiga funcionária, o casal se isolou de todos; foram meses de tratamento que os levou a um desgaste muito profundo, sem vitória alguma, porém.

O que leva algumas pessoas a dedicar todo seu esforço ao trabalho?, perguntou-se Beatriz, mais tarde, ao se dar conta de que haviam trabalhado incessantemente toda a manhã. Foi Luciana que, retornando do almoço a uma e meia da tarde, os lembrou de que deveriam se alimentar também. Sorriram um para o outro, finalmente se dando conta do quanto tinham se ocupado naquele primeiro dia.

Beatriz procurou levá-lo a um dos melhores restaurantes da cidade, com vista para uma bonita praça do outro lado da rua, mas foi inevitável tocarem em assuntos profissionais. Logo viu que Lorenzo realmente levantaria a empresa e que competência tinha de sobra para isso.

É de um sócio assim que eu preciso, que só pense em trabalho como eu, ela concluiu.

No fim da semana estavam cansados, mas isso só se percebia no olhar de ambos. Nenhum dos dois se deu conta, sequer um momento, do quanto haviam trabalhado. Contudo o que mais chamou a atenção de Beatriz foi o fato de o sócio demonstrar tanta empolgação com o que fazia, ressaltando sempre os pontos positivos da empresa.

Ela ficou pensando se tudo aquilo era uma máscara para esconder sua tristeza pela perda da esposa ou se ele realmente achava a Rasé interessante. Ela mesma nunca tinha olhado para a empresa desse modo. Na verdade, nunca tinha se sentido atraída pelo ramo ou cultivado a vontade de trabalhar com o pai, de modo que assumir o negócio quando o Sr. Orlando se foi havia sido um fardo para ela.

— O café — Lorenzo a serviu de novo.

— Vai me acostumar mal desse jeito — ela comentou, aceitando.

— Não tem problema, não me incomodo — ele disse, indo tranquilo até a janela observar o movimento do lado de fora. — O fim de semana está chegando.

Beatriz sentiu naquele comentário certa nostalgia, o olhar dele era muito distante. Pensou em si mesma, também se sentia triste ao ver o fim de semana aproximar-se junto à sua solidão, enquanto as outras pessoas planejavam seus compromissos, encontros e distrações. Ouvia os funcionários fazendo planos, às vezes queria curtir suas postagens nas redes sociais, mas decidiu ficar o mais “invisível” possível ao mundo. Isso depois do fim do relacionamento com Daniel, quando deixou que apenas ele postasse fotos feliz ao lado da nova companheira.

Decididamente, ela não se animava quando o final de semana se aproximava. Preferia estar ali ocupada com mil coisas, sem tempo para pensar bobagens.

— Vai poder descansar um pouco, Sr. Lorenzo.

— Por favor, já pedi que não use formalidades comigo. Tudo bem que eu sou o mais velho aqui, mas...

Beatriz riu daquele comentário.

— Depois que passamos dos trinta, as diferenças ficam bem irrelevantes... Mas eu, na verdade, devo te confessar que pensei que entraria aqui um senhor mais sisudo, já com entradas, como os amigos do meu pai, no entanto... — ela se calou, sem graça.

— No entanto, estou bem conservado para minha idade — ele tentou brincar para deixá-la à vontade.

Beatriz sorriu sem graça, os dedos inquietos contornando o pires. Lorenzo era um homem bastante atraente, mas não olhava para ele com

segundas intenções, pois via no sócio um sujeito solitário que nunca superara a ausência da esposa. Via nele um pouco de si mesma, via escondido por trás da face sorridente um olhar angustiado.

— Na sua ficha a Luciana colocou quarenta e nove, por engano. Eu não sei, acho que pela consideração que você demonstrou, eu associei você aos amigos do meu pai, que eram, de fato, mais velhos.

— Seu pai era um homem incrível — ele lembrou. — Aprendi muito vendo a empolgação dele com o que fazia, era preocupado com os detalhes. Além disso, era muito atencioso, logo conseguiu um bom apartamento para mim e me deu toda a assistência que eu precisava para me instalar na cidade.

— Eu também aprendi muito com ele. Aliás, tudo que sei, mas... não aprendi tão bem quanto ele me ensinou — ela lamentou.

— Você é muito competente, Beatriz. É que existem fases ruins em nossas vidas e, nesses momentos, é difícil seguir adiante.

Ele adivinhou seus pensamentos como se soubesse as situações pelas quais ela havia passado. Bobagem, Beatriz pensou, não justificava, já que ele perdeu a esposa e não deixou de ser competente por isso; ela, no entanto, admitia que tinha sido uma tola.

— Deve ter sido muito difícil para você, não é? Lidar com a doença da sua esposa. Desculpe, eu não fiquei especulando sua vida, mas como ainda tenho contato com Eliana, a ex-secretária do meu pai, foi inevitável que ela não tocasse no assunto.

— Tudo bem — ele deu um sorrisinho apagado.

— Na verdade, ela quis me alertar a fim de que eu não fizesse perguntas ou comentários inconvenientes — explicou.

— Sim, Beatriz, tem sido muito duro para mim e eu prefiro realmente não tocar no assunto. Não sei se um dia deixará de ser difícil enfrentar essa dor.

Beatriz ficou bastante pensativa diante daquela confissão tão dolorosa, pois via muita tristeza nos seus olhos. Um homem marcado por uma perda sem volta. Por outro lado, também era assim que via o fim do relacionamento com Daniel, um fim sem volta. Mas era diferente, admitia, não teve uma vida ao lado dele como Lorenzo deve ter tido ao lado da esposa. Nunca mais poder olhar o rosto, tocar, ouvir a voz de alguém que se ama, certamente nada era mais difícil do que isso.

— Você tem filhos? — ela quis saber.

— Eu deveria ter, mas não conseguimos salvá-la, era uma menina. Pouca gente sabe disso porque decidimos nos isolar para o tratamento. Júlia estava grávida quando soube da doença, mas não quis se submeter à terapia para não prejudicar a criança — ele se calou uns instantes.

— Lorenzo, se não te faz bem falar... — ela lamentou ter tocado no assunto.

— Tudo bem — ele suspirou, tomando fôlego. — Ela desconfiava que estivesse enferma, mas não fez os exames porque queria tentar levar a gravidez até o final. Quando eu soube o que estava acontecendo, comecei uma luta contra o tempo para tentar salvá-la. Os médicos tentariam convencê-la a interromper a gravidez se ela não tivesse demorado tanto tempo para buscar confirmação da doença.

— Como assim?

— Ela não contou aos colegas sobre os sintomas que vinha sentindo, bem como não falou sobre a gravidez. Mesmo depois que os exames confirmaram a leucemia, ela demorou a me contar. Assim, ela não iniciou logo o tratamento para tentar segurar o bebê, entendeu? — ele contou.

Beatriz ficou surpresa com aquela revelação:

— Ela foi muito corajosa, arriscando a própria vida.

— Eu não podia mesmo esperar outra atitude dela. Por outro lado, ela acabou com a minha vida também quando partiu. Foi uma luta intensa, dolorosa, os tratamentos foram adiados ao máximo e não foram suficientes para salvar nenhuma das duas — Lorenzo se calou novamente. — Desculpe, não sei se um dia estarei preparado para falar dessas lembranças.

Beatriz pousou a mão sobre a dele, comovida com a sua história, arrependida de ter feito o sócio tocar naquele assunto.

— Está bem, não vamos falar mais nisso, se não quiser — ela lhe disse.
— Sei que a dor é recente, mas o tempo é capaz de curar todas as feridas, você tem que ser paciente.

Disse aquilo mesmo sabendo que o tempo ainda não tinha sido capaz de curar as suas próprias feridas. Ainda estava machucada, por mais que sua dor nem se comparasse à de Lorenzo. A sua dor da humilhação, da vergonha, pensou, percebendo naquele momento o quanto as mágoas ainda a machucavam.

— Não vou te aborrecer com minhas tristezas — ele disse.

— Você não está me aborrecendo. Às vezes, Lorenzo, falar do assunto ajuda a amenizar a dor porque é um desabafo, você pode me falar sobre ela sempre que quiser. Tenho certeza de que, além da parte triste, você também tem as histórias alegres que viveram.

Lorenzo olhou com ternura para ela dessa vez, percebendo sua sinceridade naquele momento. Sinceridade em parte, porque, se estava sendo sincera dizendo que realmente queria ajudar, por outro lado, não estava sendo sincera ao dar um conselho que nem ela própria seguia. Nunca falava sobre o que havia acontecido entre ela e Daniel, recusava-se a tocar no assunto e ia remoendo a mágoa sozinha a cada dia. Fechou-se em seu mundo, fingindo que não precisava de ninguém para ser feliz.

— Por que não me fala um pouco de você? — ele sugeriu.

— Não, não quero falar de mim — ela imediatamente se retraiu, envergonhada da própria história. — Quero saber um pouco mais de você, da sua vida no interior.

— Minha vida em São Sebastião do Rio Verde foi muito boa, foi lá que conheci a Júlia. Eu te falei que ela era médica? Era pediatra, e de uma generosidade excepcional, um amor tão grande pelo trabalho que exercia! Era o que fazia com que salvasse tantas vidas, aquele sentimento, a dedicação ao trabalho.

Beatriz sorriu admirada com o entusiasmo com que Lorenzo falava de sua esposa como se ainda pudesse vê-la em sua frente. Aquilo, sim, era amor de verdade, amor que não tinha fim. O amor que quis receber um dia, mas que, em sua vida, não passou de ilusão.

Ficou imaginando a esposa de Lorenzo vestida de branco, sorridente e eficiente em seu trabalho, sendo admirada por todos. Desejou ter conhecido o casal no período em que o sócio trabalhou para o seu pai, mas ela nem participava muito dos negócios da empresa nesse tempo.

Sentiu-se pequena e insignificante naquele momento, vendo a si mesma enfiada em suas roupas sóbrias cor de nada, escondida atrás de uma mesa, levando os negócios do pai à ruína. Não se sentia uma boa administradora em nenhum aspecto, nem na vida, nem nos negócios. “Você parece um robô, Beatriz, será que não consegue ser um pouquinho mais sexy?”, Daniel lhe dissera certa vez no calor de uma discussão.

Fechou os olhos, triste por se lembrar daquilo.

— Tudo bem, Beatriz? — Lorenzo a despertou de seus pensamentos, talvez percebendo seu olhar perdido, que se entristeceu ao longo das lembranças.

— Sim, está tudo bem — tentou disfarçar. — Só estou um pouco cansada.

— Acho que está mesmo na hora de irmos. Eu vou levar alguns contratos para estudar melhor em casa e segunda-feira nos encontramos.

Beatriz entendia bem aquilo, era pura solidão. Costumava fazer isso também, levar trabalho para casa, assim passaria o tempo.

— Não prefere descansar? — perguntou por educação, pois entendia a necessidade do sócio de estar ocupado.

— Eu vou descansar — ele sorriu. — E você também, descanse bastante porque essa semana trabalhamos muito.

— Descansarei — disse apenas.

Entretanto, quando chegou em casa, Beatriz não foi para a cama. Foi para a varanda, com uma taça de champanhe e ficou atrás da sacada, de onde não pudesse ser vista. Mas na verdade há tanto tempo não era vista, ou não se sentia vista, na verdade, que não fazia diferença. Fechou os olhos suspirando profundamente, às vezes sentia muito ódio, mas esse ódio confundia-se com a pena que tinha de si mesma.

Saiu da varanda, pensando em se recolher. Quando entrou em seu quarto, virou-se para o espelho grande, o qual já devia ter tirado para não se ver envelhecendo todos os dias com aquela expressão taciturna. A face amarga de uma pessoa que nunca ria, nunca se divertia.

Aproximou-se olhando para si mesma, a camisola de seda delicada deixava transparecer seus traços femininos, bem delineados, a pele macia e aveludada que há tanto não era tocada. Beatriz acariciou seu braço, ombro, pescoço, então depositou a taça na cômoda e deixou-se sentar na poltrona, com a cabeça virada para baixo, derrubada no móvel, gemia baixinho, mas não chorava, nem conseguia. Era só um leve desespero, desespero daquele quarto na penumbra, da sua vida na penumbra.

Passou o final de semana trancada em casa, analisando papéis, revendo filmes e seriados que já vira tantas vezes. Analisando mais papéis, rascunhando projetos que depois amassava e jogava no lixo, achando todos ruins.

Saiu contente para trabalhar na segunda quando viu que o caminhão estacionado na frente do prédio carregava a mudança do vizinho chato do quinto andar com seus três gatos e dois cachorros barulhentos. Não que não gostasse de cães, no fundo desconfiava que não gostava era da felicidade alheia.

Chegou à empresa com a mesma expressão de sempre, e de óculos escuros para disfarçar as noites maldormidas.

— Bom dia!

Aquele cumprimento, no entanto, encheu a sala de vida, um tom agradável! Que bom dia verdadeiro e bem-humorado, ela pensou. Sorriu consigo mesma antes de sorrir para Lorenzo, admirada de ver como ele conseguia separar os problemas pessoais do trabalho.

Quando Beatriz soube da sua história, logo imaginou um sujeito amargurado e infeliz. Contudo ele era capaz de passar por cima da própria dor para ser agradável com as pessoas. Queria aprender a ser assim, pensou, uma pessoa de bem com a vida apesar de todas as frustrações.

— Bom dia, Lorenzo, como passou o final de semana?

— Descansei muito, dormi muito e nem pensei em trabalho. E você? — ele respondeu depressa.

— Eu? Bem, eu também passei muito bem — ela tentou ser convincente, mas desviou os olhos dele para que ele não descobrisse sua mentira pelas olheiras que denunciavam as poucas horas de sono.

— Eu estou brincando, Beatriz. Trabalhei o final de semana todo para não pensar na vida — ele confessou, dando de ombros.

Beatriz riu com ele, surpresa que o sócio não tivesse medo de entregar suas fraquezas. Sentiu-se até um pouco tola tentando fingir que estava bem.

— Eu passei estudando uns projetos novos para modernizar a empresa e conseguir novos contratos — ele contou. — Separei também uns nomes que desejo contatar, gostaria que você analisasse e podemos discutir o assunto. Quero ver se aprova minhas ideias.

— Quer minha aprovação? — ela perguntou, insegura.

— Óbvio que sim, somos sócios.

— Eu... você sabe que não me saí bem como empresária, estou... — Beatriz se controlou, pois não podia ficar demonstrando sua insegurança diante do novo sócio, tinha que ser mais decidida para que ele não desistisse da sociedade, então procurou mudar de tom: — Estou muito disposta a analisar tudo e, então, conversamos.

— Ótimo, prefere olhar sozinha e eu volto depois? — ele quis saber.

— Não. Acho que pode me falar sobre seus projetos e discutimos um a um agora, se não se importar.

— Não, não me importo. Quero trabalhar, quero produzir — disse, animado, abrindo suas pastas. — Veja bem, em primeiro lugar vamos investir mais na divulgação das nossas ideias, nossas formas de trabalho e nossa tradição. Afinal, a empresa do seu pai, quero dizer, a nossa empresa, tem nome e é respeitada no mercado.

— Sim, isso é verdade — ela concordou, lembrando o quanto o pai era, também, estimado por seus clientes.

— Mas, por outro lado, precisamos nos modernizar porque, veja, mudanças são necessárias já que em alguns aspectos a Rasé está... digamos, ultrapassada.

Ele deu uma pausa como que esperando algum comentário.

— Prossiga — ela pediu, admirando a forma familiar com que ele falava da empresa, como se realmente já fizesse parte dela há muitos anos.

— Vamos mudar um pouco o layout dos eventos, modernizar o uniforme das coordenadoras, ampliar as opções de músicas. O seu pai organizou formaturas para grandes universidades quando eu trabalhei com ele, vamos trazê-las de volta. A princípio vamos ter que baixar nossos preços para montar outro portfólio, já com as novas mudanças... — ele se calou uns instantes. — Você pode me interromper a qualquer momento.

— De forma alguma, eu estou adorando te ouvir — ela disse, sendo contagiada com o entusiasmo do sócio para levantar a Rasé Eventos.

Durante toda a manhã conversaram sobre a empresa e a empolgação de Lorenzo começou a animar Beatriz, fazendo-a se lembrar do tempo em que visitava o pai e o quanto a sua euforia costumava envolvê-la.

— Vamos almoçar? — ela o chamou, mais tarde. — Costumamos nos encontrar no balcão do café para irmos juntos, portanto procure estar aqui nesse horário se não quiser almoçar sozinho — ela brincou.

— Sim, senhora, lembrarei disso. Mas hoje vou dar uma volta para ver se encontro algum apartamento para alugar por aqui.

Beatriz então se lembrou do seu vizinho, dono dos gatos e cachorros.

— Eu não moro muito longe daqui e vi que um apartamento no meu prédio estava sendo desocupado hoje. Se quiser, posso verificar para você.

— Ah, sim, em Santo Agostinho, não é? — ele quis confirmar. — Acho que você havia comentado comigo.

— Sim, é lá que eu moro. E é um bairro com uma boa infraestrutura.

— Eu agradeço se puder verificar para mim — ele respondeu.

2 UM OMBRO AMIGO

A segunda semana com Lorenzo foi bastante agitada na empresa, com muitas reformulações e trabalho. Beatriz começava a despertar para a companhia, não da forma monótona e desanimada com que vinha levando os negócios ultimamente, mas já se sentia mais disposta e confiante. Era disso que precisava, trabalhar muito, porém trabalhar com vontade, com objetivos reais e mensuráveis.

Conforme prometera, Beatriz verificou a disponibilidade do apartamento no prédio em que morada. Naquela mesma semana o sócio foi visitar o imóvel que vagara e passaram a ser vizinhos, mas combinam de alternar os horários de chegada e saída. Assim, um chegava antes e saía mais cedo e o outro chegava e saía mais tarde, de modo que sempre haveria alguém para atender os clientes.

No final de duas semanas, tendo sido a última bem intensa, decidiram jantar fora para comemorar os primeiros ajustes. A princípio ela não estava empolgada para sair, pois preferia ficar em casa descansando, mas não quis ser rude com Lorenzo. Como havia um evento naquela noite, somente Luciana fora convidada, mas desmarcou na última hora, lamentando-se. Restaram ela e o sócio.

Fizeram um brinde e Beatriz degustou uma champanhe prazerosamente; era sua bebida preferida, companheira de muitas noites de solidão.

Sorriu timidamente para Lorenzo que a observava, porém ainda com sua taça pela metade. Ela ficou bem sem graça e desviou o olhar.

— Eu também gosto de champanhe, não tanto assim, claro, mas gosto — ele procurou brincar com ela.

— Pois eu adoro — ela confessou. — Por isso vou parar por aqui.

— Não! Estamos comemorando — ele disse, enchendo-lhe a taça novamente. — Não precisa ficar sem graça.

— Está bem, mas me conte se está gostando do prédio — ela quis logo mudar de assunto.

— Ah, é bem agradável. Porém, olhando lá de baixo, eu descobri que a varanda do seu apartamento tem uma vista bem mais privilegiada do que a minha, você não quer trocar, não?

— E deixar de olhar o parque? Nem pensar! Tenho direito adquirido, cheguei primeiro. Mas prometo que te aviso se vagar outro do mesmo lado.

— Tudo bem, eu agradeço! Mas, brincadeiras à parte, é um prédio muito tranquilo.

— Agora sim, já que meu vizinho dos cachorros barulhentos foi embora — ela comentou.

— Eu gosto de cachorros — ele fez questão de dizer.

Beatriz olhou depressa para ele o advertindo:

— Não se atreva — brincou.

— Isso é sério?

— Hum... mais ou menos. É... talvez eu seja um pouco implicante — ela confessou, por fim.

— Não foi o que me pareceu — ele a observou melhor. — Não, não é não. A propósito, sei que você não é casada porque está no contrato, mas não sei se já viveu com alguém, se tem filhos.

— Nunca fui casada e nunca tive filhos, somos eu e meu trabalho vendo os dias passarem. Oh, desculpe — disse, rindo, um pouco envergonhada de se revelar daquela forma. — Desculpe, acho que foi o champanhe.

Lorenzo riu com ela, achando graça do seu jeito. Então, tocou de leve sua mão:

— Tudo bem, já disse que não precisa ficar sem graça por minha causa, eu sei como são essas coisas — ele tentou deixá-la mais à vontade.

— O que você sabe? — ela questionou.

— O que é solidão.

Beatriz pensou sobre aquilo. Seria solidão o que ele sentia ou apenas saudades de alguém especificamente? Sim, era luto, pensou.

— Mas, afinal, o que é a sua solidão? Você é novo, pode recomeçar sua vida — ela aconselhou.

Ele, porém, não pareceu interessado em um novo relacionamento:

— Eu estou bem assim. Eu, definitivamente, não pretendo me arriscar de novo.

Beatriz contraiu a testa tentando entender o medo do sócio, pois certamente não era nada fácil perder alguém para uma doença estúpida. Quanta tristeza Lorenzo devia guardar no peito!, ela pensou, sentindo compaixão por ele. Talvez fosse normal que ficasse arisco daquele modo.

Ele, então, quis mudar a conversa:

— Mas e você, além de trabalhar, o que mais você faz? O que faz nos finais de semana?

— Penso em trabalho — Beatriz respondeu depressa.

Os dois riram da sua resposta. Ele insistiu:

— Você não sai? Não se diverte? — indagou, estranhando seu isolamento.

— Me divirto em frente à TV com meus filmes e seriados. Ah, mas não quero falar de mim — ela quis fugir do assunto. — Quero saber mais da sua história, por que saiu de São Sebastião do Rio Verde?

— Bem, eu... também não gostaria de falar sobre isso.

Os dois se olharam por alguns segundos e, então, caíram juntos na risada. Devagarinho, voltaram a ficar sérios, compreendendo o silêncio um do outro. Ela entendeu que havia mais tristeza por trás da história de Lorenzo do que apenas a perda da esposa. Bem como ele entendeu que ela tinha feridas não cicatrizadas das quais ainda não se sentia preparada para falar.

— Está bem, já que não vamos nos abrir um para o outro, vamos falar de coisas mais inocentes. Me diz que música você gosta, eu vou colocar uma para você — ela pediu, apontando para a máquina musical.

— Tem uma música que eu gosto muito e combina perfeitamente conosco: Lonesome Town. Conhece?

Beatriz riu junto com ele.

— Está me chamando de solitária? É isso? Ora, eu posso ter uma vida amorosa bem intensa e secreta, sabia? — ela brincou.

— Desculpe invadir sua privacidade assim. Você está certa, eu sei que não é casada, contudo não sei se você tem alguém, mas deduzi que não por ter vindo jantar comigo.

— É um jantar de negócios, de certo modo — ela explicou —, porque estamos comemorando nossa semana. E só estamos sozinhos

porque Luciana não apareceu, já que a convidamos, e os demais estão coordenando um evento.

— Eu sei, é verdade. E você tampouco poderia ter um namorado ciumento, já que muitas vezes os eventos terminam tarde — ele deduziu.

— É por isso que estou indo cada vez menos, quer dizer, por terminar tarde, não por medo do tal namorado ciumento — ela logo esclareceu.

— Prefiro ficar só na coordenação. Alice é ótima para a parte prática, é excelente para liderar a equipe, organizar e recepcionar. Ela está de férias, mas volta em duas semanas.

— Eu diria que temos uma equipe bastante competente, mas precisando de uma pouco mais de motivação. Cuidaremos disso — ele observou.

— Sim, e aqui estamos nós falando de trabalho. Vou colocar a sua música e vou te confessar, eu adoro também. Em qual versão você prefere? Ricky Nelson? Paul McCartney?

— Uau, você conhece as duas? — Ele pareceu impressionado. — Vejamos, vamos de Paul McCartney hoje, a interpretação é impecável e duvido muito que você encontre Ricky Nelson nessa máquina.

Beatriz concordou e foi providenciar a música. Logo os sócios descobriram mais um gosto em comum, cantando junto o refrão da canção que escolheram. A canção que falava da cidade solitária e dos corações partidos.

Bem a nossa cara mesmo, ela pensou, sentindo empatia por Lorenzo. E ela, que andava tão desanimada de tudo, começava a descobrir uma amizade bastante cara.

A semana seguinte foi de muito trabalho para eles, tendo em vista que estavam implantando algumas mudanças na Rasé. Na sexta-feira, ela teve que acompanhar um evento de inauguração de uma loja, já que um

dos funcionários estava de atestado. No sábado, o trabalho foi intenso, pois era uma festa de quinze anos que atravessou a noite. Beatriz chegou em casa tão cansada que logo apagou e conseguiu acordar bem tarde no domingo. Preferiu almoçar um sanduíche para não precisar cozinhar.

Ao final do dia, olhou pela varanda a cidade silenciosa. Sentou-se em frente à TV com um pote de pipoca para sua rotina de final de semana. Tinha acabado de ligar o aparelho quando a campainha tocou. Era seu novo vizinho:

— Olá. Vim verificar se era mesmo verdade que passava o final de semana assistindo a filmes — ele brincou.

— Puxa, é sério? Então você me pegou fazendo exatamente isso.

— Bem, mas eu também queria saber se gostaria de dividir essa pizza comigo. Eu devia ter pedido uma pequena.

— Hum, sanduíche no almoço, pizza no jantar, estou indo bem.

— Se preferir, eu posso voltar com um prato de salada.

Beatriz deu uma gargalhada, abrindo a porta para que ele entrasse.

— De jeito nenhum, é disso mesmo que eu preciso, uma pizza. Assim, quem sabe eu fique com a consciência pesada e faça mais exercícios.

— Se quiser companhia, eu costumo correr em dias alternados, mas faço isso bem cedo.

— Para quem mal caminha, corrida seria um pouco demais — ela lamentou.

— Eu caminho com você — ele disse. — E aos poucos você vai pegando condicionamento para correr. Eu não gosto muito de academias, mas descobri que gastar energia e transpirar muito é uma forma de colocar para fora um pouco desses sentimentos que vão nos angustiando no dia a dia.

— Compreendo.

Beatriz sabia sobre o que o sócio falava e também supôs que ele desconfiava de que ela sentia as mesmas angústias, mas foi discreto. Como não deduzir, ela pensou, quão solitária é a vida de alguém que passa os fins de semana trancada em casa assistindo a filmes?

— Bem, escolha um vinho — ela apontou para a adega — enquanto eu arrumo a mesa para nós. E minha pipoca esfria na sala — lembrou, rindo desse detalhe.

— Não tem problema, estaremos bem satisfeitos — ele brincou. — Hum... o que temos aqui: seco, demi-sec, demi-sec, demi-sec, seco.

Beatriz riu com ele:

— O que procura, um suave?

— Claro que não! Estou especulando seu gosto.

— Posso escolher? — ela pegou um seco. — Eu ganhei esse de um cliente, mas ele é tão caro que achei um desperdício tomar sozinha, posso dividir com você?

— Que honra! Você é muito generosa dividindo o seu melhor vinho, mas com isso eu também posso deduzir que não é muito de receber visitas — ele presumiu.

— Está vendo? Eu sempre me entrego — ela deu uma risada um pouco nervosa.

— Eu já tinha imaginado isso quando você ficou feliz o dia em que viu seus vizinhos felinos partindo com o dono — ele lembrou.

— Ah, é verdade. Você não sabe, eles me davam cada susto no corredor! Isso quando os gatos não invadiam o meu espaço entrando pela minha varanda.

— E você nunca compreendeu que seu vizinho cheio de animais de estimação era apenas mais um solitário...

Beatriz olhou pensativa para Lorenzo, mas não quis esconder suas falhas naquele momento:

— Sim, eu entendi. Mas não quis me compadecer da sua solidão. Talvez eu me irritasse porque me via um pouco nele e não queria terminar daquele jeito — ela confessou. — Mas não quero que pense que sou uma antissocial, você pode me visitar quando quiser — frisou.

— Ah, que bom — ele brincou. — Eu já estava em dúvida se ficava, mas senti uma empatia da sua parte.

— E você está certo. Quando eu soube da sua história, achei que teria um sócio fechado e marrento como eu, mas você está sempre sorrindo e animando todo mundo, eu fico até constrangida — revelou, envergonhada. — E, ao mesmo tempo, fico com vontade de ser um pouco assim também.

Lorenzo segurou sua mão para que ela ouvisse o que tinha a dizer:

— Você não é fechada e marrenta. Se fosse, eu não estaria aqui — ele afirmou carinhosamente. — Muito pelo contrário, você me recebeu tão bem, confiou em mim, nas minhas ideias. Você é tão acolhedora quanto seu pai.

— Obrigada — ela disse, feliz que alguém enxergasse nela alguma coisa do pai.

— Às vezes a vida nos torna ariscos, nos impele a nos isolarmos de todos — ele admitiu. — Eu também tenho feito isso nos últimos anos, me isolado. Quando penso que vou sucumbir, então eu trabalho como um louco, e essa é a forma que encontro de me reerguer. Quando o ritmo acalma, eu vou atrás de outro desafio para não me apegar ao lugar em que estou — ele revelou.

Beatriz constatou que o sócio realmente não tinha intenção de ficar para sempre. Tão logo a empresa se reerguesse, ele lhe venderia sua parte e buscaria outro desafio, conforme já lhe dissera em outra ocasião. Foi a forma que encontrou para não sofrer mais com as perdas, não se apegar... Queria ela poder fazer isso também, pensou, mas tinha a responsabilidade de manter o emprego dos seus funcionários, o que, infelizmente, já significava um tipo de apego. No fundo, queria ser mais egoísta do que realmente era.

Lorenzo não se demorou muito, já que tinham que acordar cedo no dia seguinte. Acabaram assistindo a um filme juntos e conversando um pouco mais antes de se despedirem.

Foi somente na quarta semana, depois da chegada de Lorenzo, que a empresa seguiu num ritmo um pouco mais calmo, o que não significava menos trabalho. Entretanto Beatriz observou que o sócio já não parecia mais tão convincente em se mostrar animado como antes, pois naquela semana ela o achou mais silencioso do que o normal.

Na quinta-feira, ela sentiu sua falta na sala do café antes do almoço.

— Será que Lorenzo não vem? Estou morrendo de fome — lamentou Luciana. — Ele está atrasado.

— Tudo bem, ele deve estar terminando algum serviço. Podem ir na frente, vou ver se ele precisa de ajuda.

— Combinado — a secretária concordou, seguindo com outro funcionário que também as aguardava.

Beatriz deu uma batidinha à porta e entrou em seguida na sala do sócio, flagrando-o com a cabeça debruçada sobre a mesa. Ele levantou o rosto devagar para ver quem acabava de entrar, mas a expressão em sua face era de pura tristeza.

— Oi, desculpe entrar sem bater — ela ficou sem graça. — Está tudo bem?

— Oi — ele tentou forçar um sorriso. — Está tudo bem, sim.

— Estávamos te esperando para almoçar. A Lu já foi, mas falou que nos encontra no restaurante.

Lorenzo a olhou com um olhar um pouco perdido. Ela diria, na verdade, desorientado e triste:

— Desculpe, eu não sabia que estavam me esperando. Eu... não vou hoje, vou terminar de resolver uns assuntos por aqui.

Beatriz se aproximou, preocupada:

— Não parecia que estava resolvendo algum assunto. Sei que não é problema meu, mas será que posso ajudar?

— Eu agradeço a sua preocupação, mas... não, você não pode ajudar — Lorenzo respondeu, num tom de voz baixo.

— Está pensando nela, não é? Na sua esposa — Beatriz deduziu.

— Bem, às vezes é difícil não lembrar, quase sempre, na verdade — o sócio admitiu.

— Eu sinto muito. Achei que você estava mais quieto do que o normal essa semana.

— Na verdade, amanhã seria seu aniversário. Essa semana foi difícil não lembrar dela todos os dias, mas não quero te chatear com minhas tristezas. Vai almoçar, Bia, eu vou ficar bem.

Bia se sentou de frente para ele:

— Não, eu não posso sair e te deixar desse jeito. Às vezes ficar sozinho não é a melhor solução.

— E o que vai fazer? Compartilhar do meu luto a cada aniversário de nascimento e morte, datas comemorativas...? — ele indagou, com um sorriso triste.

— Se você quiser, por que não? Os amigos servem para isso, para estar junto, dar apoio. Sei que nos conhecemos há pouco tempo, mas eu tenho muito apreço por você. Sabe, eu estava aqui tão sem ideias, desanimada, achando que nunca iria levantar a empresa do meu pai. Achando que... os meus problemas fossem os piores... Então você chegou tão animado, apesar de tudo.

— É, a gente tenta — ele disse, sem mudar sua expressão.

— Mas você não precisa ser perfeito o tempo todo — Bia fez questão de lembrar.

— E eu não sou. Trabalhar é uma forma de esquecer tudo o que eu passei, mas há momentos em que as lembranças são mais fortes. Eu estaria escolhendo um presente essa semana, fazendo reserva em um restaurante... — ele contou.

Bia se sentiu enternecida ao ouvir o sócio falar e, ao mesmo tempo, entristecida por ver que o amor tão lindo que ele vivera não existia mais. Amantes assim nunca deviam ser separados, ela pensou, achando a vida injusta.

Ela esperou que ele seguisse seu desabafo, mas ele parecia distante.

— Continue — ela pediu. — Falar é rememorar, é sentir novamente a pessoa. Eu sei que, se você falar, você logo estará sentindo como se tivesse estado com ela mais recentemente.

— Você parece entendida — ele forçou um sorriso apagado.

— De luto, um pouco, pois passei por isso quando perdi minha mãe, depois meu pai. A vida vai levando as pessoas, é o curso natural das coisas. Claro que, no meu caso, foi cedo demais, eu ainda adoraria ter

um colinho de mãe agora ou a companhia do meu pai. E, no seu caso, também foi cedo demais, e inesperado, acredito.

Ele balançou a cabeça afirmativamente:

— Sim, um choque. Mais do que isso, um pesadelo. Eu teria feito qualquer coisa para mantê-la ao meu lado, mas a vida não deu trégua — lamentou, suspirando, antes de se levantar. — Venha, Bia, vamos almoçar, não vou te perturbar mais. E não vou te deixar sem almoçar também.

— Eu não estou preocupada com isso, só quero te ver bem.

— Eu vou ficar — ele disse, abrindo a porta para saírem.

Beatriz o acompanhou e percebeu que Lorenzo se esforçou para não se mostrar tão abalado durante o almoço. Porém dessa vez parecia mesmo difícil, a tristeza estava estampada em seu rosto. Além dos olhos cansados que denunciavam que ele provavelmente dormira pouco também.

No dia seguinte, Lorenzo não apareceu para trabalhar e ela imaginou que aquele deveria ser o dia mais difícil para ele, um aniversário que não comemoraria mais, uma existência que se fora. Sentiu-se entristecida pelo sócio e, depois de algumas horas de espera, deixou Luciana no comando e foi até o apartamento dele.

Quando Lorenzo abriu a porta, tinha uma aparência péssima, olhos inchados de quem provavelmente não segurara o choro. Ele a olhou com um ar de lamento, e ela constatou que não havia muito para ouvir ou para dizer.

Beatriz se aproximou e, num impulso, o abraçou como se pudesse amenizar um pouquinho da dor que ele sentia. Lorenzo aceitou aquele abraço, permanecendo acolhido por um tempo até que abriu espaço e apontou o sofá para que ela se sentasse.

— Desculpe não ter aparecido. Eu...

— Você não precisa dizer nada — ela o interrompeu docemente. — Eu sei pelo que está passando e compreendo perfeitamente a sua ausência.

— Obrigado, Beatriz, sou muito grato pela sua compreensão. Não queria te deixar na mão — ele lamentou.

— Algumas coisas são mais importantes do que trabalho e faturamento.

— Bem, eu me uni à Rasé para te ajudar a reerguer a empresa e não para te trazer mais um peso.

— Você tem me ajudado, Lorenzo, e mais do que apenas reerguer a empresa. Você tem me mostrado que podemos trabalhar com empolgação e vontade. Na verdade, você me fez olhar para a Rasé com outros olhos, talvez com os olhos apaixonados do meu pai — ela fez questão de lhe dizer.

— Que bom — ele deu um sorrisinho apagado. — Ouvir essas coisas nos dá um pouco de alento, dar minha contribuição é o que tem me animado. Júlia fazia o seu trabalho com tanto sentimento, era prazeroso ver como cada paciente representava mais do que um nome, um número de leito. Cada um era uma vida que, quando estava em suas mãos, valia mais do que tudo.

Beatriz tentou imaginá-la naquele momento e ficou se perguntando por que pessoas boas partiam...

— Eu queria ter conhecido sua esposa, você fala dela com tanta admiração.

— Não tinha quem não gostasse dela, um coração gigante. É por isso que, às vezes, eu penso que a vida é injusta — o sócio desabafou.

— Quem sabe ela fosse boa demais para ficar nesse mundo tão cheio de maldade, não é? — ela tentou encontrar uma resposta que o consolasse.

— É, quem sabe. Mas eu posso dizer que ela contribuiu imensamente para fazer desse mundo um lugar melhor.

Beatriz o ouvia atentamente, pensando em si mesma e em sua inutilidade. O que fizera nos últimos três anos além de se lamentar por suas decepções? E se entregar em seu mundo solitário, fazendo-se de vítima e injustiçada, acrescentou. Sentiu-se tão tola e ficou pensando que teria sido uma pessoa de sorte se tivesse conhecido Júlia. Entretanto viu que Lorenzo tinha a mesma essência da esposa, um coração generoso.

— Eu sei que não há palavras que possam consolar um coração em luto, mas acredito que o consolo é saber que a pessoa teve uma existência bem vivida. Sabe, algo que valeu a pena. Foi embora deixando boas lembranças, bons frutos.

— Sim, com certeza — ele lhe sorriu. — Obrigado de novo, mas sei que precisa trabalhar, eu... eu não sei se consigo me levantar hoje — ele disse, entorpecido de tristeza.

Foi a primeira vez que Beatriz viu Lorenzo tão entregue. Ele não era tão forte quanto tentou parecer no início, tinha também seus limites e ali estava agora, sucumbindo, sem forças para se reerguer.

— Não, eu não preciso trabalhar, eu preciso ajudar um amigo a suportar a sua dor. E é isso que eu vou fazer — ela decidiu.

Embora inebriado de tristeza, o olhar de Lorenzo para ela foi de gratidão e apreço:

— Eu tento ser forte, porém às vezes penso que não vou conseguir — ele confessou.

— Mas vai, eu garanto isso — ela disse segura. — Não vou te deixar se entregar dessa forma. Você tem tanto a contribuir, e não somente com seu trabalho, mas com seu bom humor, sua resistência apesar de tudo. Sua capacidade de levantar o astral do escritório com seu “bom dia” animado.

— Sim, em alguns momentos parece que é possível superar, em outros, as lembranças me jogam no fundo do poço de novo. Uma vontade de

tocar o inalcançável — ele se calou mais vez. — Desculpe, você não merece ficar ouvindo tudo isso.

— Deixa eu te ajudar. Me deixa ficar? — ela pediu. — Se quiser falar dela o dia inteiro, eu vou te ouvir. Se quiser chorar, eu te dou meu ombro. Se quiser silenciar, eu silencio com você. Eu não quero que passe sozinho por isso mais.

Lorenzo suspirou, talvez se segurando para não chorar, e acariciou seu rosto.

— Você é muito especial, Beatriz, mas é muito difícil arrancar essa dor aqui de dentro — ele confessou, com olhos angustiados de quem estava prestes a se entregar.

Beatriz ficou muito tocada com a dor expressada por Lorenzo e deixou que ele desabafasse. Ficou com ele sem se importar com o passar das horas ou o trabalho pendente. A amizade de Lorenzo vinha lhe fazendo tão bem que não via outro modo de agir senão retribuindo. Era-lhe grata pela forma como fez com que ela descobrisse amor pela empresa herdada do pai.

Beatriz o deixou à vontade para falar quando quisesse, calar quando necessitasse de silêncio. Apenas se deixou ficar para que, no auge do desespero, ele percebesse que não estava sozinho.

Aquela manhã foi de muito luto, mas ela se manteve firme ao lado do sócio. Em certo momento, Lorenzo deu um suspiro profundo, passando a mão no rosto, antes de olhar com carinho para ela:

— O que eu posso fazer por você? — ele perguntou, mais tarde. — Quem sabe um almoço.

— E se eu te fizesse um almoço?

— Não, você já fez demais por mim — ele disse se levantando. — Vou te preparar algo.

— Então, que tal irmos juntos para a cozinha? — Bia sugeriu.

— Combinado — ele concordou, estendendo-lhe a mão. — Não devo ter muita coisa. Sabe como é... apartamento de um homem solteiro.

— Acha que o meu é muito diferente? Também não tenho para quem cozinhar e nem sempre estou disposta a formalidades comigo mesma — ela confessou.

— Que tal um fettuccine? — ele propôs. — Eu até que faço um molho bem saboroso.

— Eu adoraria. Enquanto isso, vou fazendo a salada.

O clima passou a ficar um pouco mais leve depois que começaram a cozinhar juntos. No início Lorenzo ainda falou um pouquinho de Júlia, lembrando os pratos favoritos que cozinhou para ela. Beatriz, por outro lado, o achou interessante de avental preto, ele parecia ainda mais acessível, uma pessoa simples. Um cozinheiro exemplar, ela concluiu mais tarde.

— Esse molho está perfeito — ela elogiou.

— Sua salada também está saborosa — ele fez questão de retribuir o elogio.

— Hum... faltou um molhinho diferente, quem sabe mostarda e mel — ela observou.

Na verdade, como sempre, Beatriz nunca achava que o que fazia era bom o suficiente.

— Juro que é um dos meus prediletos, mas vou ficar te devendo dessa vez. Porém prometo que não vai faltar da próxima — ele respondeu.

— Que bom, isso significa que vai me convidar para comer um fettuccine de novo?

— Claro, é só me pedir e eu cozinho para você.

— Olha, não me dá muita ideia não. Eu posso me aproveitar — ela brincou.

— Eu não me importo. Agora acho que precisa voltar para a empresa. Não vou te segurar mais — ele disse, enquanto tirava os pratos.

Beatriz se levantou, ajudando-o e já colocando a louça na máquina, enquanto ainda tentava convencê-lo a mudar de ideia:

— Bem, eu posso voltar sozinha, mas não acho que ficar aqui entregue à sua dor vá mudar alguma coisa. Eu acredito no que você me disse, que o trabalho distrai, que ocupar a mente relaxa.

Ele entendeu sua boa intenção, mas a alertou depressa:

— Não sou uma boa companhia para nada hoje.

— Quem disse que precisa estar cem por cento o tempo todo? Vamos, ninguém vai te cobrar perfeição. Bem, é só uma sugestão — ela disse, levantando-se. — Do modo como você me fala da sua esposa, eu aposto como ela não gostaria de te ver sofrendo.

— Eu estou melhor. Vou ficar bem — ele disse, tentando convencer a si mesmo.

Beatriz pensou em partir, mas ficou apreensiva em deixá-lo naquele momento:

— Então vem comigo, não quero te deixar sozinho aqui.

— Não vou fazer nenhuma besteira — ele lhe sorriu. — É disso que está com medo?

— Não! Eu só estou com medo que se entregue à sua dor. Não vou deixar que faça isso.

— Está bem, minha querida — ele a puxou para si, com um abraço carinhoso. — Obrigado por se preocupar tanto comigo — disse, beijando-lhe na testa. — Vamos lá, vamos colocar o serviço em dia.

Beatriz sorriu, satisfeita, mesmo sabendo que ele estava apenas se esforçando para superar o que sentia, mas que continuava ferido por dentro. Ela também estava, uma dor diferente, é claro, porém uma dor que ainda latejava. Contudo, Lorenzo lhe mostrou que era possível sorrir apesar desse sentimento.

— Agora, sim, estou começando a ver meu velho sócio de novo. Aliás, não tanto assim, já que estamos trabalhando juntos há apenas um mês, ou quase. Contudo parece que nos conhecemos há bem mais.

— Você está certa, Beatriz, tenho a mesma sensação — ele concordou.

Lorenzo e Beatriz seguiram para a Rasé. Por sorte, não ficou muita coisa acumulada pela ausência deles de manhã, já que Luciana era competente e sempre dava conta do trabalho.

No final do dia, como era sexta-feira, Beatriz convocou Lorenzo para acompanhá-la no evento do dia, um casamento, assim teria certeza de que ele se distrairia em vez de ficar em casa lembrando-se da esposa.

Quase no final da festa, os dois se sentaram observando a multidão se dispersar. Nesse momento a banda parou e o som mecânico tocou uma música que lhes chamou a atenção:

“Sorrir é tão difícil / quando o coração está em dores / mas sorrir é preciso / é preciso para preencher o vazio de cores.”

A canção parecia ter sido escolhida para Lorenzo. Os sócios se comunicaram pelo olhar, mas ele forçou um sorriso e aceitou a mão que ela lhe estendia. Ao contrário do lamento, os dois cantaram juntos mais um trequinho:

“Procure acreditar que há um sorriso para amanhã / porque amanhã você pode ser feliz de novo...”

— Mais um gosto em comum — ele sorriu, já que ambos sabiam a letra.

— Parece que existe um complô para nos agradar — ela observou. — Ou, nesse momento, apenas transmitir uma mensagem que precisa ser ouvida...

— De que devo sorrir? Pensar no amanhã? Não, eu não penso — ele confessou. — Só quando preciso fugir.

— Mas um dia vai conseguir voltar a sentir vontade de ser feliz de verdade. E de viver um dia de cada vez, sem medos.

Lorenzo não pareceu muito convencido do que ela dizia, ainda tinha o olhar distante e o pensamento parecia remoto também.

Mais tarde, despediram-se na porta do elevador no andar dela.

— Como você está? Vai ficar bem? — ela quis saber.

— Vou, sim, fique tranquila. Todo ano é assim, é só se adaptar — ele disse, com um ar cansado.

Ela observou sua expressão e percebeu que aquele cansaço era mais mental do que físico, embora eles tivessem tido uma noite cheia também.

— Pelo menos agora tenho certeza de que está cansado o suficiente para cair num sono pesado a noite toda — ela brincou. — Boa noite.

Ele a presenteou com um sorriso afetuoso, embora um pouco apagado. Havia compreendido suas intenções de deixá-lo exausto para que não abrisse brecha a pensamentos mórbidos na ausência de sono.

3 COMPARTILHANDO HISTÓRIAS

Beatriz ainda ficou pensando no vizinho, antes de dormir, tocada pela sua tristeza. Certamente não havia nada mais difícil do que ver a pessoa que se ama partindo devagarinho, sem que nada pudesse ser feito para mudar tal destino. Nem a esposa, nem o bebê, apenas as lembranças lhe restaram.

Recordou-se de suas próprias perdas. Ainda era muito nova quando perdeu a mãe, de quem se lembrava, embora fosse uma memória mais distante, alguns gestos, algumas expressões. Já a perda do pai era mais recente e foi bem no momento em que mais precisava dele, pouco depois do fim do noivado, de modo que ficou ainda mais desorientada.

Foi se deitar pensativa aquela noite, demorando mais uma vez a pegar no sono. No sábado, enviou uma mensagem logo cedo para Lorenzo: “O café acabou de sair, quer me fazer companhia?”

Deixou o vizinho à vontade, mas pouco tempo depois ele chegou com um pacotinho da panificadora na mão:

— Bom dia. Pão de queijo paga o café?

— Bom dia, Lorenzo. Claro que sim, eu não seria uma autêntica mineira se não gostasse! — ela abriu espaço para que ele entrasse. — Como você está?

— Estou melhor — ele tentou ser convincente, porém não parecia muito diferente da noite anterior. — Mas acho que a sua tática funcionou, cheguei tão cansado que não demorei a pegar no sono.

— Ótimo — ela disse, satisfeita. — Usarei essa técnica sempre que for preciso — brincou.

Beatriz gostou de ter a companhia de Lorenzo para o café da manhã, puderam conversar e se conhecer um pouco mais.

Mais tarde, no início da noite, foi sua vez de levar uma pizza para dividir e conhecer o gosto do sócio para filmes. Contudo não foi o que ele escolheu, preferindo assistir com ela a um concerto de rock. Foi revirando os DVDs dele que ela descobriu que tinham um gosto musical bem aproximado.

— Olha, você também gosta de música antiga...

— Deu para ver depois do “Lonesome Town” no restaurante — ele lembrou.

— Bee Gees, Beatles, Liverpool Express... — ela lhe sorriu. — Algumas bandas de rock... Kansas!

— Está alisando meu perfil?

Ela olhou para o vizinho, tentando decifrá-lo:

— Um pouco roqueiro, meio nostálgico.

Lorenzo deu uma risada gostosa, balançando a cabeça.

— Aos poucos vou te conhecendo melhor — ela disse. — Já sei que temos gostos bem parecidos, o que é um bom começo, caso você decida se revelar aos poucos e comece a ouvir música alta.

— Sim, começamos pela música alta, depois vêm os gatinhos, os cachorros...

Foi ela quem riu com gosto dessa vez:

— Você não esquece essa história, não é?

— Não mesmo. O que eu posso pensar de uma pessoa que não gosta de bichinhos de estimação? — ele a provocou mais uma vez.

— Sim, eu andava mal-humorada naquela época, confesso.

— Não consigo te imaginar mal-humorada. Mas se disse isso no passado, então significa que não anda mais? Isso é um bom sinal!

— E, por falar em sinal, já está bem tarde — ela disse se preparando para deixá-lo. — Você vai ficar bem?

— Vou sim — ele se levantou para acompanhá-la. — É muito gentil da sua parte se preocupar tanto comigo. Eu até te seguraria mais tempo, mas sei que deve estar cansada. Afinal, trabalhamos muito ontem.

— Sim, é verdade. E você também precisa descansar — ela lembrou. — Boa noite.

Bia se despediu de seu vizinho mais uma vez. Contudo, no domingo, antes que ele pensasse em ficar entristecido de novo, ela o chamou para uma caminhada no parque à frente.

— Achei que seria mais difícil te convencer a se exercitar — ele comentou.

— Eu faço exercícios, Lorenzo. Pratico pilates e caminhadas leves, mas confesso que mais por uma questão de saúde do que estética — admitiu, ao mesmo tempo envergonhada por não ser mais vaidosa. — Você sabe, meu pai teve um infarto fulminante. Vai entender... um homem tão tranquilo.

— A vida não escolhe suas vítimas — ele comentou, certamente se lembrando da esposa.

— Sim, mas, na verdade, o Sr. Orlando não se cuidava mesmo, estava acima do peso, era fumante...

— Porém você pode ficar tranquila, está em forma — ele elogiou.

— Em forma, eu não sei, mas devo ter puxado a minha mãe porque não tenho muita tendência a engordar. Aliás, falando em engordar, o almoço hoje é por minha conta. E já que comemos pizza ontem, vou fazer uma lasanha vegana bem saudável para nós — ela avisou, antes de voltarem.

— Que interessante! Estou adorando ser seu vizinho — ele disse, aprovando a sugestão.

Apressaram o passo durante alguns metros em que ele insistiu em aumentar sua intensidade na caminhada, ao que ela reclamou muito. Isso porque estava bem desacostumada.

Na hora do almoço, Lorenzo trouxe um vinho demi-sec da sua casa. Beatriz estava terminando de arrumar a mesa.

— Você acertou meu gosto — ela disse, passando-lhe duas taças.

— Na verdade, eu dei uma espiadinha na sua adega esses dias, lembra?
— ele contou.

— Olha só...

— Eu não podia errar depois de ter sido tão gentil comigo o final de semana todo.

— Está bem, eu agradeço. Tem gente que não gosta — ela riu daquilo. — Meu pai dizia que não era vinho, só tomava seco.

— Eu não me importo, embora prefira o seco. Mas também aprecio o branco porque gosto de frutos do mar. Então depende do acompanhamento. Porém o mais importante é a companhia, e hoje eu só quero te agradecer.

— Não precisa me agradecer, só ficar bem — ela afirmou. — Sente-se, quero ver se você aprova.

Ele fez o que ela pediu, provando, por fim, sua lasanha vegana.

— Aprovado. Eu diria que está pronta para casar — ele brincou.

Beatriz deu um sorrisinho rápido e forçado, lembrando-se do noivado fracassado, da mágoa ainda não curada.

— Obrigada, mas estou bem assim — ela respondeu.

— E por que ainda não se casou? Desculpe minha curiosidade, você é jovem, é bonita, inteligente.

— O quê? Está brincando! Eu só não fali a Rasé porque você chegou. Além disso, como diz a Luciana, eu vivo mal-humorada.

— Mentira, eu nunca te vi mal-humorada — ele protestou.

— Então eu disfarcei direitinho para você não abandonar a empresa por causa de sua sócia — ela brincou.

Lorenzo a analisou uns instantes:

— Acho apenas que você tinha outros projetos — Lorenzo deduziu.

Ele tinha razão. Nunca havia sido sua intenção trabalhar para organizar a festa dos outros, era assim que pensava. Por outro lado, o fato de o ex-noivo ter trabalhado na empresa também era outro motivo pelo qual ela não tinha boas lembranças no local.

— Sim, eu achei que tinha outros projetos — ela concordou. — Nunca me senti muito atraída pela empresa de eventos do meu pai. Fiz arquitetura e queria projetar espaços internos e externos, criar designs modernos para ambientes, combinando estética e funcionalidade.

— Entendo.

— Mas, sabe, você me fez ver que posso incrementar a decoração e ambientes dos eventos e, assim, tornar os momentos importantes dos meus clientes ainda mais especiais.

— Isso! Estava te faltando um pouco de amor pelo que você fazia. E a minha presença, é claro — ele brincou.

— Com certeza — ela respondeu, de impulso.

Ficou um pouco pensativa em seguida, ao se dar conta de como a companhia de Lorenzo realmente lhe fazia bem. Depois do almoço, o sócio voltou para o seu apartamento.

Ao final da tarde, ela se apoiou na varanda, observando o cair da noite, e se sentiu sozinha novamente. Ficou tentando imaginar se seu vizinho se sentia melhor, mas não quis forçar sua presença de novo. Porém, lá embaixo, foi a silhueta dele que lhe chamou atenção.

Lorenzo lhe acenou, quando se aproximava do prédio, mostrando um pacote pardo em suas mãos. Ela não sabia o que era e fez um sinal positivo aleatoriamente. Instantes depois, ele bateu à sua porta:— Vamos jantar aqui ou no meu apartamento?

— Vamos jantar juntos? — ela perguntou.

— Você fez um sinal afirmativo, achei que queria dividir comigo uma comida tailandesa.

— Ah, claro, eu não havia entendido, mas adoraria ter sua companhia para jantar — ela diz, fazendo sinal para que entrasse. — O vinho dessa vez é por minha conta, o que prefere?

— Meio seco tem muito a ver comigo nesse momento.

— Você não tem nada de seco, você é suave — ela acabou lhe dizendo.

Foi nesse instante que ele a observou em silêncio e, instintivamente, acariciou seu rosto.

— Você também — ele disse. — Obrigado, mais uma vez, por ter cuidado tanto de mim esse fim de semana. Eu nunca imaginei que ainda houvesse pessoas que se doassem dessa forma.

— Mas como você se sente agora? — ela quis saber.

— Estou melhor. O problema é que, por dentro, as feridas não cicatrizam.

— Mas vão cicatrizar.

— As suas cicatrizaram? — ele perguntou. — Você nunca me falou das suas tristezas e eu, egoísta que fui, nunca te perguntei. Por outro lado, você foi tão presente e preocupada comigo!

— Não é hora de falar de mim — ela fugiu do assunto de novo. — É hora de comer antes que o jantar esfrie.

O sócio respeitou sua vontade de não falar e se serviram. Após o jantar, seguiram para degustar uma última taça de vinho na varanda, a pedido de Lorenzo.

— Eu fiquei com um pouco de inveja quando te vi lá de baixo — ele brincou. — Porque eu não tenho essa vista privilegiada, sabe? Já te falei isso, não é?

— Tudo bem, eu te empresto minha varanda quando quiser.

— Ótimo, vou tirar proveito disso — ele brincou, apreciando a vista.

Os dois ainda se sentaram e conversaram um pouco mais antes de se despedirem, lembrando que segunda-feira era dia de acordar cedo.

Quando Lorenzo partiu, ela se deu conta de que passaram quase o final de semana inteiro juntos, além da sexta-feira. Contudo a sensação era de que haviam passado bem mais de três dias de tão agradável que era a sua companhia, apesar da tristeza que ele tentou disfarçar.

Foi difícil não pensar em Lorenzo antes de dormir, pois há muito tempo não conhecia alguém cuja presença lhe agradasse, com quem realmente sentisse vontade de conversar. No fundo, sentia-se grata a ele por ter introduzido uma nova atmosfera à Rasé Eventos.

No dia seguinte, era sua vez de chegar mais tarde. Alice já estava de volta das férias quando ela chegou na empresa e, para sua surpresa, ela também já estava bem familiarizada com o novo sócio da Rasé.

A coordenadora de eventos, com seu jeito espontâneo e desinibido, conversava animadamente com Lorenzo, sentada bem à vontade na ponta de sua mesa. Foi difícil para Beatriz admitir para si mesma que tal cena a deixou bem incomodada. Era como se a funcionária estivesse invadindo seu espaço e se tornando íntima mais rapidamente de seu novo amigo do que ela própria fora capaz em um mês de convivência.

— Bom dia — ela tentou parecer natural. — Vejo que já se conheceram.

— Bom dia, Bia — Lorenzo sorriu para ela.

— Claro! — Alice respondeu. — E já parece que nos conhecemos há anos tão simpático é o novo chefe. Lorenzo estava aqui me atualizando das mudanças na empresa e já estou animada para voltar a trabalhar.

— Que bom! É ótimo ouvir isso porque você já pode até começar a colocar seu serviço em dia — Bia logo disse. — Já tenho os novos eventos que você vai acompanhar. Se quiser, pode vir em minha sala e eu te atualizo.

— Fique tranquila, Lorenzo já me passou tudo — a outra respondeu, empolgada.

— Ah, esse meu sócio é irrepreensível — Beatriz comentou.

— Obrigado, eu preciso compensar a sexta-feira de manhã — ele justificou.

— Ora, deixe disso, está tudo certo. Vou para minha sala — ela avisou, retirando-se.

Tentou se concentrar no trabalho, porém se sentiu estranhamente incomodada naquela manhã. Sabia, entretanto, que deveria se acostumar, pois, com a espontaneidade de Alice, deduziu que ela logo

monopolizaria o seu sócio. Aproveitou a deixa para se concentrar mais no trabalho e deixar de ser egoísta, achando que os amigos deveriam ser exclusividade sua.

Mais tarde Lorenzo veio até sua sala e conseguiram conversar um pouco mais. Contudo na hora do almoço, é claro, tiveram a companhia de Alice e Luciana.

O resto da semana correu tranquilamente. Tendo em vista que era Alice quem vinha acompanhando os eventos e agora estava de volta, Bia ficou contente em saber que iria para casa todos os finais de semana novamente.

Como era o dia em que Lorenzo saía mais cedo, a empresária estranhou que ele ainda estivesse em sua sala quando ela se preparava para sair. Beatriz questionou seu trabalho extra:

— O que aconteceu? Você chegou mais cedo hoje, já deveria ter ido para casa.

— Sim, mas não consigo encontrar o erro em uma conta que não está batendo aqui. Além disso, preciso analisar uns orçamentos — ele avisou.

— É sexta-feira. Tivemos uma semana agitada, vai descansar, Lorenzo.

Ele, porém, não parecia disposto a deixar serviço incompleto:

— Não, eu preciso finalizar isso.

— Para, Lorenzo — ela pediu. — Não vou conseguir ir para casa e te deixar aqui trabalhando em plena sexta à noite, já estou ficando com a consciência pesada.

— Fique tranquila, está tudo bem.

— Vai para casa — ela insistiu.

— Se eu for para casa, vou ter que levar esses papéis porque não vou sossegar enquanto não descobrir que conta não está batendo aqui — ele disse, decidido.

Beatriz suspirou, vendo que ele não mudaria de ideia:

— Tudo bem. Se você providenciar o jantar hoje, eu te ajudo.

— Você revisaria comigo? — ele não achou a sugestão ruim.

— Nada que uma boa comida tailandesa não pague... — ela brincou.

— Então você gostou, não é?

Ela sorriu, empolgada:

— Adorei! Foi um achado, e eu nem sabia que tinha esse restaurante ali perto de casa — ela confessou, animada.

— Combinado, então — ele concordou. — Vou fazer o pedido e pegamos no caminho.

— Certo, agora vamos ajeitar isso aqui e ir para casa — ela disse, já fechando as janelas.

Mais tarde, no apartamento de Lorenzo, ela tentou se concentrar nas contas pendentes. No entanto, não conseguia desviar os olhos dos dois porta-retratos na estante: um com a foto de Lorenzo e sua esposa no dia do casamento e outra somente dela, de rosto. Ela era muito bonita e ele, no momento da foto, deixou-se transparecer como um homem extremamente feliz.

Sentiu um pouquinho de inveja do amor de Lorenzo pela esposa, nunca fora amada daquele jeito, pensou, lembrando-se da forma traumática como foi o fim do noivado.

— Acabaram os grampos — ela avisou, enquanto separava uns documentos, mostrando o grampeador. — Você tem mais? Ou quer que eu pegue lá em casa?

— Eu já busco — ele disse, enquanto terminava uns cálculos.

— Diz onde tem, eu pego — ela se levantou.

— Na escrivaninha no quarto da esquerda, onde é meu escritório.

Beatriz foi até lá, mas, quando entrou e acendeu a luz, foram as fotos na parede que lhe chamaram atenção. Chegou até mesmo a esquecer do que tinha ido buscar enquanto olhava, admirada, para um foto de Lorenzo, bem mais jovem, posando de guitarra na mão, em frente a um microfone, com o que parecia ser uma banda de rock. Pouco depois, foi ele quem surgiu na porta do quarto:

— Você não achou os grampos? — ele questionou.

— Na verdade, eu ainda não os procurei porque achei uma coisa bem mais interessante — Bia confessou. — Olha só, o que é isso?

— É uma foto antiga, não tem importância — ele respondeu, não parecendo querer esticar a conversa. — Vou pegar mais grampos.

— Mas você está com uma guitarra e um microfone — ela insistiu. — Não pode ser uma foto sem importância.

Lorenzo sorriu, mas era um sorriso um pouco apagado. Ele, porém, nada disse, não parecendo disposto a falar sobre o retrato.

— Hum... seria uma festa de formatura? — ela continuou, curiosa.

Lorenzo seguiu em silêncio, de modo que ela continuou fazendo suposições:

— Quem sabe uma festa de despedida de solteiro... — ela ainda tentava adivinhar, enquanto o olhava de canto para que ele confirmasse ou não.

— Eu tive uma banda de rock quando eu era mais jovem — ele explicou, por fim, vendo que ela não iria sossegar enquanto não respondesse.

— Você está brincando! — ela virou-se para ele, impressionada. — Agora você realmente me surpreendeu. Você é tão sério que eu jamais imaginaria você tocando em uma banda.

— Isso tem muito tempo, Beatriz — ele disse, abrindo a gaveta. — Bem, aqui estão os grampos, podemos voltar.

Ela, entretanto, não quis mudar de assunto e começou a analisar a foto de novo:

— Exatamente quanto tempo? Deixe-me imaginar quantos anos você tinha... Cabelos bem mais escuros e volumosos, o mesmo sorriso discreto.

— Muito tempo significa muito tempo. E, aliás, não significa mais nada hoje em dia — ele completou, seco.

— Isso não é verdade. Se não significasse, não estaria aqui na sua parede — ela afirmou.

Em seguida, Beatriz começou, então, a olhar os outros porta-retratos. Circulando os olhos, curiosa, ela parou num retrato de mulher, reconhecendo o mesmo rosto das fotos que vira na sala, porém ainda mais jovem.

— É ela, sua esposa?

— Sim.

Ela admirou a mulher de cabelos e olhos claros, sorridente.

— Ela era linda! Agora entendo por que a amou tanto.

— Não, Beatriz, não foi só por isso. Júlia era uma pessoa encantadora, de uma alegria contagiante. E uma companheira para todos os momentos, sabe? Aquela pessoa que jamais sairia do seu lado mesmo diante dos piores problemas.

Beatriz ficou tentando imaginar aquele casamento. Sentiu mais uma vez admiração por Lorenzo, um sujeito tão apaixonado. E, ao mesmo tempo, sentiu compaixão pelo sofrimento dele.

— Deve ter sido linda a história de vocês — comentou.

— E foi — ele suspirou. — Mas não viemos aqui para falar das minhas tristezas, não é?

— Então me fala da sua banda — ela pediu.

— O que você quer saber?

— Como era, quanto tempo durou, por que acabou... Enfim, quero saber tudo.

Lorenzo riu, balançando a cabeça.

— Durou o tempo que tinha que durar, mas acabou, como tudo na vida um dia acaba — ele contou, desanimado.

Beatriz, no entanto, ainda não estava satisfeita:

— E onde eles estão? Os seus amigos da banda.

— Estão onde sempre estiveram, na minha cidade, um lugar do qual você com certeza nunca tinha ouvido falar.

— Eu duvido. Espera um pouco, eu vou me lembrar do nome.

— São Sebastião do Rio Verde. Era lá que eu tinha uma banda e é lá que os outros integrantes estão — ele respondeu.

Ela pensou um pouco.

— Talvez eu já tenha ouvido falar desse lugar antes de te conhecer.

— Sei que nunca ouviu falar, fica a quase seis horas daqui.

— Deve ser uma festa quando vocês se encontram, não é? — ela deduziu. — Você me chama quando isso acontecer? Eu adoraria ver você cantando e tocando.

A resposta dele, porém, não foi muito empolgante:

— Não nos encontramos. E tampouco voltaremos a tocar de novo algum dia.

Beatriz ficou séria de novo, percebendo que, ao contrário do que imaginara, talvez não fosse uma lembrança agradável para o sócio.

— Tudo bem, acho que você não quer falar sobre isso, não é?

— Não vai mudar nada, a não ser satisfazer ou não sua curiosidade. Vamos lá para a sala, vou passar um café para nós — ele chamou.

Beatriz concordou em fazerem uma pausa para um café, enquanto conversavam um pouco mais antes de voltar e, finalmente, finalizar o trabalho. Ela ficou curiosa para saber mais sobre a antiga banda de Lorenzo e por que ele se recusava a falar sobre os velhos amigos, mas teve que se conter para não ser inconveniente.

Pensou em dormir até mais tarde na manhã seguinte, mas estava tão acostumada a acordar cedo que não conseguiu se estender muito mais na cama. Iria passar o café quando recebeu uma mensagem do seu vizinho: “O café acabou de sair. Se trouxer um pão quentinho, deixo você me acompanhar.”

Sorriu instintivamente, sentindo-se agraciada com aquele convite. Um pouco depois, era ela quem estava com um pacotinho de pães e brioches na porta dele:

— Bom dia — disse mostrando o pacote da panificadora.

— Muito eficiente. Estou gostando de ver — ele brincou com ela, beijando-lhe a face. — Bom dia.

— Espero que goste de brioches.

— Sim, senhora, eu aprecio muito — ele disse, puxando a cadeira para que se sentasse e já colocando café na xícara para ela. — Dormiu bem?

— Dormi, sim. Estava tão cansada que apaguei. E você?

— Como uma pedra — ele respondeu de imediato.

Beatriz logo desconfiou do seu excesso de segurança:

— Não é o que seus olhos me dizem... — ela afirmou.

Lorenzo deu um sorrisinho apagado:

— Para de ficar me analisando — pediu.

— Ficou pensando em seu passado, nos velhos tempos... — ela prosseguiu. — Bem, que pensa em Júlia todos os dias, eu sei, mas ontem, em especial, pensou também nos amigos que deixou para trás.

— Olha, isso já está ficando perigoso, está me analisando demais.

— Então me conta tudo — ela pediu. — De onde surgiu essa banda?

Lorenzo deu um suspiro profundo, percebendo que não escaparia mesmo da curiosidade de sua vizinha:

— Eu e os outros integrantes éramos amigos da escola, da vizinhança. Crescemos juntos e formamos uma banda no último ano do Ensino Médio, mas não durou muito porque ingressamos na universidade — ele contou.

— Puxa, desde o Ensino Médio! É bastante tempo.

— Sim, mas durou apenas um ano nessa época. Então, cinco anos depois, eu e o Guto decidimos tocar no Gregory Bar, mais conhecido como bar do Grego, quase como uma brincadeira para atrair a atenção dos

frequentadores. Mas a banda fez tanto sucesso que quase nos tornamos profissionais até que... eu e o Guto nos apaixonamos pela mesma mulher.

— Hum... acho que estou entendendo. E essa mulher era a Julia, não é? — ela deduziu.

— Sim, era a Júlia. Como os dois se conheceram primeiro, eles tinham aquele pacto de infância de que, quando crescessem, ficariam juntos. Nessa época, eu ainda não tinha muito contato com ela.

— E quando se apaixonaram? — ela quis logo saber.

— Quando ela voltou do exterior, onde estudou por muitos anos. Quando eu a vi, fiquei impressionado, ela estava mais apaixonante do que nunca. Eu bem que tentei evitar e jamais falei dos meus sentimentos. Juro que procurei fugir do que eu sentia enquanto ele tentou consolidar um relacionamento entre eles, entretanto foi ela quem lhe disse que estava apaixonada por mim.

— E ele não se conformou, não é? — ela inferiu.

— Não, e ainda me chamou de traiçoeiro. Eu não sei se fui ou não. Eu estava apaixonado, mas teria deixado o caminho livre para ele porque o considerava quase como um irmão para mim. Contudo o clima ficou muito ruim entre nós dois, eu diria, insustentável.

Beatriz tentou imaginar a situação:

— Compreendo. Se era um amor de infância, não deve ter sido fácil para ele.

— Não foi fácil para ninguém. A banda, é claro, acabou. Eu até cheguei a pensar em não assumir nenhum relacionamento em consideração ao Guto, mas não sei se seria justo fazer três pessoas infelizes.

— Claro que não seria! — ela concordou depressa. — Essas coisas o coração não escolhe, mesmo que você tente pensar com a razão. Quem é obrigado a gostar de alguém, não é? — questionou.

Pensou em si mesma, lembrando-se do ex-noivo naquele momento. Porém não quis se prender àquele pensamento e prosseguiu aconselhando o amigo:

— Além disso, como você falou, eles não chegaram a ter uma relacionamento. Se tivessem, e você tivesse se colocado entre eles, então você seria mesmo um mau-caráter.

Lorenzo a analisou naquele momento e ela desviou o olhar, temendo estar se entregando em relação às próprias decepções amorosas. Tentou evitar perguntas, emendando outra fala:

— Bem, mas isso já tem tanto tempo, será que ele ainda não te perdoou? Por que não reatar essa amizade? — indagou.

Lorenzo pensou um pouco, o olhar um pouco distante, como quem recorda alguma coisa:

— Houve outros momentos tensos entre nós — ele disse somente. — Não, Beatriz, não há mais chances para essa amizade.

Beatriz não insistiu mais, sabia que elealaria no momento certo. Terminaram o café e resolveram ir juntos à feira na outra quadra.

Depois disso, não se viram mais até que ele apareceu no apartamento dela no finalzinho do domingo. Ela sabia que tinha sentido falta do seu vizinho, mas não quis ser muito invasiva e, provavelmente, Lorenzo pensara da mesma forma.

— Final de domingo é tão estranho, não é? — ele comentou. — Sempre bate uma nostalgia. Não que eu esteja triste por ter que trabalhar amanhã, trabalhar é meu maior prazer.

— Eu concordo com você, domingo é sempre nostálgico, exceto quando somos surpreendidos pelos amigos — ele disse, dando espaço para ele entrar. — O que quer fazer?

— Eu trouxe um vinho e um queijo colonial maravilhoso, podíamos degustar na sua varanda.

— Você adora minha varanda, não é?

— E sua companhia, claro.

— Está bem. Mas gostei da ideia, vou fazer uma tábua de frios e você ajeita a mesinha e as cadeiras ali para nós.

Ele concordou e foi logo colocando as cadeiras para se sentarem. Um pouco depois, de frente para a praça, os sócios se acomodaram na varanda para esperar o cair da noite. O final de domingo ficou mais agradável dessa vez. De repente, ela se lembrou de quando se sentava na varanda do apartamento de Daniel, o ex-noivo, mas ele não ficava ao seu lado, sentava-se para assistir ao futebol no canal de esportes da TV paga.

Na semana seguinte, Beatriz voltou a se sentir incomodada com a presença constante de Alice na sala de seu sócio. Teve que admitir a si mesma que estava com ciúmes e que ainda não havia aprendido a ser menos egoísta. Há tanto tempo não encontrava uma amizade tão agradável que ficou com medo de perder por não ser tão espontânea e alegre como Alice. Ou como Bianca, ela pensou na ex-fotógrafa que prestou serviços para a Rasé há três anos.

Lembrou-se com raiva da ex-funcionária que, em troca da ajuda que recebeu, lhe roubou o noivo. Ninguém rouba nada, corrigiu-se, amarga, ele se foi porque nunca lhe pertenceu, talvez nunca tenha estado por inteiro ao seu lado, deduziu. Por outro lado, não podia negar que tinha sido uma história bonita, seis anos juntos! É muito tempo, muita vivência. Não esperava que tudo terminasse com tanta dor.

Decidiu se recolher um pouco mais. Novamente, diria Luciana. Talvez fosse até melhor não se envolver demais e deixar de depender emocionalmente das pessoas. Entretanto, Lorenzo pareceu perceber seu distanciamento e ele mesmo procurou se afastar um pouco de Alice, talvez para não lhe dar tantas expectativas, tendo em vista que, assim como Beatriz, havia se fechado para novos relacionamentos.

— Vamos almoçar? — ele apareceu em sua sala.

— Ainda está aí? — ela se assustou. — Achei que já tivessem ido, vou almoçar um pouco mais tarde hoje.

— Já foi mais tarde ontem — ele enfatizou, sentando-se diante dela. — Vou te esperar e almoçar com você, então.

— Vão sentir sua falta e devem estar te esperando — ela fingiu estar ocupada. — Pode ir, eu vou daqui a pouco.

— Eu já avisei para que fossem e eu os encontraria lá. Posso ajudar em alguma coisa? O que você está fazendo? — ele quis saber.

Beatriz engoliu em seco, estava apenas organizando arquivos pessoais e excluindo algumas fotos que nunca mais tivera coragem de olhar.

— Nada de importante.

Ela fechou o laptop antes que ele pudesse ver. Lorenzo sorriu, desconfiado.

— É a história que não me conta, não é? E eu que te conto toda minha vida... — ele brincou.

— Não, você não me conta tudo, não.

— De que forma mais eu posso me abrir com você? Você já me viu em meus piores momentos — ele lembrou.

— E espero ver nos melhores também.

— Os melhores momentos são aqueles em que estamos presentes, sem pensar no passado ou no amanhã.

— Você tem razão — ela sorriu, feliz em ouvir Lorenzo otimista. — Eu quero ser assim também. Quem sabe um dia.

— Quem sabe hoje — ele brincou.

Beatriz sorriu, contagiada pelo bom humor do colega:

— Está bem, vamos almoçar, então. Não quero te prender — ela decidiu.

— Que ótimo! Porém vamos comer algo diferente hoje, quero almoçar só com você, pois estou te achando meio reclusa esses últimos dias.

— Garanto que é só impressão sua — Bia tentou ser convincente.

No fundo, ela até que ficou feliz em ter a companhia do amigo só para ela, pois puderam conversar mais à vontade durante o almoço. Mais tarde, ela estava pronta para ir embora quando viu que havia um envelope destinado a Lorenzo entre as suas correspondências. Ia deixá-lo em sua sala, mas o local de origem lhe chamou atenção, era de São Sebastião do Rio Verde, um envelope fino, com letras delicadas.

Como o sócio já tinha deixado o escritório, ela decidiu levar para casa e entregar-lhe pessoalmente.

— Isso estava entre as minhas correspondências, acho que a Lu misturou sem querer — ela avisou. — Parece que é para você me falar mesmo sobre essa história.

Lorenzo pegou o envelope e olhou rapidamente para o remetente, colocando sobre a mesa, sem abrir.

— O que o fato de xeretar nas minhas correspondências tem a ver com minha história? — ele questionou.

— Você está sendo injusto! Estava junto com as minhas, e eu só trouxe porque achei que poderia ser alguma coisa urgente.

— Eu sei, estou brincando — ele logo disse. — Sei que não foi sua culpa.

— Ainda bem — ela fez expressão de alívio, virando para partir.

— Por que não fica? Eu fiz um risoto, se quiser me acompanhar...

Beatriz se sentiu feliz com o convite, até porque sentiu, também, que Lorenzo parecia triste naquele dia. Compreendia que ele enfrentava altos e baixos até que sua ferida cicatrizasse totalmente.

Ficou curiosa para saber quais eram as notícias de sua cidade, entretanto ele em nenhum momento fez questão de abrir o envelope. A empresária teve que voltar para casa mais tarde sem saber do que se tratava.

A semana seguiu tranquila, os contatos estavam começando a aumentar. A repaginação do site da empresa ficara perfeito e todos aprovaram.

Beatriz teve que passar outro dia no apartamento do sócio para lhe entregar uma pasta que ele havia solicitado. Contudo o que chamou sua atenção foi que o envelope de São Sebastião do Rio Verde estava aberto sobre a mesa. Ela acabou não se contendo:

— Estou vendo que abriu sua correspondência. Pode dizer, ao menos, se foram boas ou más notícias? — ela perguntou.

— É só um convite de casamento — ele respondeu, indiferente.

— Alguém muito próximo?

— Minha sobrinha.

Beatriz ficou feliz em constatar que ele ainda tinha laços em sua cidade.

— Então você vai, não é? — perguntou, empolgada.

— Eu já te disse que não tenho intenção, nem vontade, de voltar a São Sebastião do Rio Verde.

Lorenzo sentou-se, suspirando. Beatriz continuou em silêncio, sabia que era hora de o amigo falar. Ele prosseguiu:

— Quando Júlia morreu, eu estive de volta à cidade, para enterrá-la, já

que ela era de lá e esse era seu desejo, mas houve uma situação muito constrangedora durante o velório. Guto entrou transtornado e, depois de chorar diante de corpo, me disse coisas horríveis — ele contou.

— Como assim?

— Ele me acusou de ter tirado Júlia da presença de todos. Contudo eu nunca a proibi de voltar à cidade, ela é que não queria e nem encontrava tempo com a correria da graduação, mais a residência, o ingresso no mercado de trabalho, enfim. Ela até esteve lá uma ou duas vezes para visitar a irmã, mas foram sempre visitas sem alarde.

— Talvez ele só estivesse triste — ela sugeriu.

Na verdade, Beatriz tentou justificar tal atitude do amigo, mas Lorenzo parecia bem convencido do que o outro sentia:

— Ele estava com muito ódio de mim — o sócio afirmou. — Chegou a dizer que eu fui responsável por não ter me atentado aos sinais da doença da Júlia antes que fosse tarde.

Lorenzo engoliu em seco, calando-se por uns instantes, antes de desabafar sua aflição:

— E, às vezes, eu me pergunto se ele não estava certo.

— Claro que não! — Beatriz sentou-se ao seu lado, segurando sua mão.

— Como você iria saber? Isso é um absurdo! Você não pode se culpar por isso.

Os olhos de Lorenzo lacrimejaram naquele instante quando se lembrou das palavras duras do amigo e da enfermidade que acometera a esposa.

— Eu devia ter desconfiado que havia algo errado quando vi que ela perdeu peso e sentia muita fadiga, mas ela sempre dizia que era da correria do hospital e dos serviços voluntários que prestava. Ela estava constantemente fazendo mil coisas, eu não achei que estivesse me

escondendo algo tão grave. Meu Deus, só eu sei como me cobro por não ter percebido antes — ele passou a mão no rosto, bastante tenso.

— Não fala isso — Beatriz impulsivamente o abraçou como se pudesse tirar um pouco da dor que ele sentia. — Você deixou ele te convencer de um absurdo!

— Talvez, mas foi muito doloroso ouvir tudo aquilo do Guto, me doeua demais ver o ódio nos olhos daquele que um dia foi meu melhor amigo — Lorenzo balançou a cabeça. — Sem falar no constrangimento, no olhar das pessoas sem saberem como agir.

— Lorenzo, olha para mim — ela pediu. — Nunca mais se julgue culpado. Pelo que você me conta, você fez tudo o que pode. Ela era da área médica, trabalhava num hospital. Claro que os colegas de trabalho desconfiaram, mas você não tinha como se dar conta do que estava acontecendo!

— Eu não sei — ele balançou a cabeça, confuso. — Eu fico pensando se não podia ter feito alguma coisa antes de a doença chegar ao estágio que chegou.

— Algumas coisas não podemos mudar. Para que sofrer com esse pensamento? Você sabe que fez tudo! Você sabe. Assume isso, por favor — ela segurou seu rosto, para que ele a olhasse.

— Eu vou tentar — ele prometeu.

— Por que você não volta agora? Já se passou tanto tempo! — Beatriz sugeriu.

O sócio balançou a cabeça negativamente, concluindo que não havia mais nada a se resgatar:

— Sim, já passou muito tempo, e o que ficou para trás deve continuar lá. Não há por que remexer no passado e talvez revolver velhas feridas.

— Ou, quem sabe, perdoar e resgatar antigos laços — ela argumentou.

— Não há laços a serem resgatados, Bia, o que se perdeu não se resgata mais. Eu realmente fico pensando se não fui egoísta partindo da cidade com ela. Mas a briga entre eu e Guto foi tão feia que achei que não havia clima para que eu e Júlia continuássemos ali. Contudo, eu nunca a influenciei a se afastar dos nossos amigos, ou mesmo do Guto.

— No fundo, o seu amigo sabe disso. Ele só estava ferido quando te disse essas coisas — ela tentou, mais uma vez, amenizar a situação.

— Pode ser. Bem, não importa, é melhor que cada um siga sua vida.

— São seus laços... e laços de amor fazem falta — ela ainda lhe disse. — Deve ser triste não pisar mais na sua terra natal, a casa da sua infância... Aposto como lá ainda tem aqueles vizinhos que conversam na janela e te chamam para o café da tarde.

Aquele comentário fez Lorenzo sorrir, lembrando-se de outras características de sua cidade natal:

— Tem mais que isso, tem cheiro de mato, tem um pôr do sol grandioso e aquelas noites silenciosas do campo.

— E não sente falta de tudo isso? — ela provocou.

— Não sei se sinto falta de alguma coisa. Meu coração está tão amortecido pela dor, pela ausência, pelas lembranças...

Ele voltou a demonstrar certa amargura naquele momento, ou talvez um sentimento de vazio, de modo que Bia lamentou não poder ajudar mais:

— Se eu pudesse tirar um pouquinho dessa dor...

— Você já está tirando — ele lhe disse logo. — Com sua amizade, seu apoio, eu acho até que abuso da sua boa vontade.

— Não, claro que não, você também me faz bem. E se mudar de ideia e precisar de companhia para encarar esse retorno, eu vou com você.

— Está falando sério? Você faria essa viagem comigo? — ele estranhou.
— São mais de cinco horas de carro.

— Claro que faria, só para te ver sorrindo ao rever suas raízes, seus amigos. Vai, Lorenzo, deixa de ser cabeça-dura e aceita o convite de uma vez. Se eu fosse sua sobrinha, não te perdoaria se faltasse ao meu casamento.

— Sim, eu sei que ela não me perdoaria mesmo. E é uma pessoa que eu quero muito bem.

— Então...

— Você iria mesmo comigo? Pode não ser tão agradável assim, pode ser que haja mais discussões...

— Se houver, eu estarei lá para te dar meu apoio, ou uma bolsa de gelo se precisar — ela brincou.

Lorenzo olhou bem nos seus olhos, abrindo um sorriso gostoso antes de balançar a cabeça. Beatriz ficou com aquele sorriso no pensamento, e o olhar cúmplice que trocaram demonstrou que ele pensaria bem no assunto.

4 NO ALTO DA COLINA

Beatriz não voltou a falar com Lorenzo sobre o retorno à sua cidade natal, esperando que ele tivesse tempo para pensar bastante a respeito. Conforme a data foi se aproximando, ela tocou novamente no assunto, com toda a delicadeza possível para que o sócio não se esquivasse. Para sua surpresa, ele aceitou sua companhia e decidiu participar da festa de casamento da sobrinha.

Assim, no mês seguinte, Beatriz e Lorenzo viajaram para São Sebastião do Rio Verde, mas só Luciana sabia que não tinham ido a negócios.

Quando chegaram à cidade, foram direto à fazenda da família, que era administrada pela irmã de Lorenzo e o esposo. O casarão, grande e aconchegante, era decorado com muito bom gosto, sem falar no amplo espaço externo, cercado de muito verde. Logo que se aproximaram, Bia pôde sentir a tranquilidade e o ar puro do campo, imaginando a tristeza do amigo por estar longe de tudo aquilo. A propriedade era mais afastada do centro, na zona rural mesmo.

Logo que o viu, Laura correu para recebê-lo com um abraço acolhedor.

— Meu irmão, que surpresa maravilhosa! Eu cheguei até a duvidar quando você confirmou sua presença — ela disse, surpresa.

— Bem, mas estou aqui. E essa é minha sócia, de quem lhe falhei.

Beatriz, essa é minha irmã Laura — ele as apresentou.

Laura abraçou a convidada do irmão e procurou logo fazer com que se sentisse à vontade:

— Seja muito bem-vinda à nossa casa, minha querida. Sinta como se fosse sua.

— Obrigada. E parabéns pelo casamento da sua filha.

Nesse momento a jovem apareceu para recepcionar o tio e veio, extasiada, abraçá-lo:

— Tio Lorenzo! Ora, eu não te perdoaria se não viesse. — ela ainda disse, antes de se dirigir a Beatriz: — Você deve ser a sócia do meu tio, não é? Muito prazer, eu sou a Telma.

— O prazer é todo meu em conhecer a família do Lorenzo — ela respondeu.

— Bem, eu realmente não viria para o casamento, mas tenho uma sócia tão enxerida que não sossegou enquanto não me convenceu a vir — ele contou.

— É mesmo? Jura? Obrigada, Beatriz, por ter convencido o cabeça-dura do meu irmão a voltar — Laura logo disse.

Telma também fez questão de agradecer à sócia do tio:

— Obrigada mesmo, já gostei de você. Estou vendo que é uma pessoa muito especial para ter conseguido tal intento.

— Ora, vocês me deixam sem graça desse jeito. Eu só fiz o que achava certo, não vejo razão para alguém se afastar dos seus ou de suas origens por uma briga do passado — Bia justificou.

— É verdade, uma briga muito triste, eu diria — Laura afirmou. — Mas nada que o tempo não cure.

— Sim, vamos ver — ele deu um suspiro.

— Bem, sei que devem estar cansados da viagem — Laura os trouxe para dentro. — Vou mostrar os quartos onde ficarão hospedados. Vocês podem se trocar e descer logo em seguida, pois mandei preparar um café da tarde delicioso para vocês.

Eles aceitaram a sugestão. Bia aproveitou para tomar um banho e colocar uma roupa mais fresca, depois desceram novamente. Logo chegaram outros conhecidos de Lorenzo, entre eles Beto, marido de Laura, que também fizera parte da banda de rock, atuando como tecladista. Beatriz ficou admirada com a recepção calorosa de todos na casa.

Depois de um café da tarde bem farto e mais um pouco de conversa, Lorenzo a levou para conhecer a fazenda. Mostrou-lhe a recria de bovinos, o curral com cocho para as vacas leiteiras e a capela. Aos fundos do casarão, havia um terreno extenso com um agradável caminho ladeado de árvores que, apesar de fazer parte do jardim, terminava em um pequeno bosque.

Ela respirou fundo, aproveitando o ar campestre.

— Esse lugar é muito tranquilo, como não senti falta? — ela perguntou.

— Eu senti, sim. Senti muita falta de tudo isso. É claro que nunca esqueci o lugar onde nasci e cresci, onde vivi momentos inesquecíveis, amizades, amores...

Ela se virou depressa para ele:

— Como assim? Achei que não tinha havido outra mulher em sua vida — ela comentou.

Lorenzo sorriu, balançando a cabeça.

— Amores de juventude, antes de Júlia — ele explicou. — Depois dela, não houve mais ninguém, é claro, sempre fui um homem fiel.

— Hum... — Ela ficou pensativa.

— Bem, eu não me casei tão cedo assim. Quando a Júlia retornou, eu estava com uns vinte e três anos, deu tempo de namorar um pouquinho antes de ser conquistado definitivamente por ela — ele contou com certo bom humor. — Mas isso não importa.

— E a banda durou quanto tempo?

— Quando retornamos, já tocando no bar do Grego, permanecemos juntos por três anos. Chegamos até a fazer shows em cidadezinhas das redondezas — ele lembrou.

— Deve ter sido triste para toda a cidade ver a banda acabar.

— Provavelmente, porque o bar do Grego sempre foi um ponto de encontro de muitas gerações nessa cidade, mas outras bandas boas surgiram. Porém o mais difícil mesmo foi para nós, pois representou também o fim de um grupo muito unido de amigos que cresceram juntos — ele lamentou.

— Esse seu amigo foi mesmo muito radical.

— Eu não sei — ele respondeu, pensativo. — O Guto sempre teve um gênio difícil, mas não consigo sentir raiva porque sei que o que ele sentia por Júlia era verdadeiro. Na verdade, me culpei muito por magoá-lo.

— Sim, porém, ela escolheu e foi honesta. As escolhas são difíceis, mas devem ser feitas. No final, em um triângulo amoroso, alguém sempre se machuca — ela disse, nostálgica.

Lorenzo a analisou mais uma vez, talvez tentando descobrir qual era a história que ainda a feria. Contudo ela se deu conta e logo mudou de assunto:

— O que vamos fazer hoje à noite? Vai me levar para conhecer esse famoso bar do Grego? O tal Gregory Bar?

— Hoje à noite a despedida de solteiro da Telma e do Jonatas vai ser lá.

— Você vai? — ela quis saber.

— Estou pensando. Imagine se o Guto aparece e faz um “climão” de novo... — ele sorriu sem graça.

— Dessa vez você coloca ele no seu lugar.

Lorenzo meneou a cabeça, com seu jeito tranquilo de sempre.

— Não seria eu, não me imagino gritando com o Guto. Às vezes ainda me sinto culpado por ter ficado com Júlia.

— Não seja tolo — ela o repreendeu. — Ninguém manda nos sentimentos, ela se apaixonou por você e você por ela. Se tivesse deixado esse amor de lado, seriam três infelizes. Sem falar que não teria as belas lembranças que tem hoje.

— Sim, é verdade, ainda que só me restem lembranças.

— Boas lembranças mostram que o que você viveu valeu a pena — ela lembrou.

— Pelo jeito que você fala, as suas lembranças não são tão boas — Lorenzo deduziu.

Beatriz sorriu um tanto sem jeito, preocupada por ter deixado transparecer suas frustrações.

— Eu não tenho lembranças, estou preocupada com o presente — ela tentou justificar.

— Você não precisa mentir para mim — ele tocou seu ombro, fazendo com que o olhasse. — Já se fez de forte demais, por que não me conta de suas dores agora?

— Do que está falando? — ela tentou parecer natural, evitando falar de si mesma, como sempre. — Minhas dores são contas para pagar — brincou.

— Você sabe tudo da minha vida, me apoiou tantas vezes. Agora me fala de você — ele insistiu.

Beatriz se arrependeu por ter procurado saber tanto da vida de Lorenzo, pois não gostava de falar de si mesma. Ela buscou, então, falar de sua vida profissional.

— Você sabe de mim. Eu era uma empresária frustrada porque tive que assumir uma empresa de eventos, sendo que não entendia nada do ramo e queria ser arquiteta. Contudo, você me mostrou o quanto o meu trabalho pode ser agradável se eu colocar um pouquinho de amor nele.

Era Lorenzo, dessa vez, que não parecia convencido:

— Não é só isso, Bia. Quando te conheci, você tinha uma tristeza que não era somente da situação financeira da empresa ou do trabalho que desenvolvia. E você ainda deixa transparecer essa tristeza de vez em quando.

— Minha história não é bonita. Não é para ser lembrada como a sua, é para ser esquecida, se é que isso é possível — ela lamentou, suspirando.

— Também quero cuidar de você, quero que abuse do meu ombro, quando precisar, e não fique se preocupando apenas em cuidar de mim.

Ele disse, puxando-a para se sentarem num tronco de árvore transformado em banco e colocado ao longo do caminho, com uma privilegiada vista para o pôr do sol.

— Está bem, vou abusar do seu ombro — ela disse, recostando a cabeça nele. — Mas não vou falar de mim.

— Você é muito encerrada em seu próprio universo, mas desabafar também ajuda a cicatrizar as feridas. Qual é a sua história? — ele insistiu.

— Você tem certeza de que quer ouvir? Eu garanto que não vale a pena.

— Quando quiser me contar...

— Está bem, então lá vai — ela tomou fôlego. — Você quer mesmo que eu te conte que fui abandonada pelo meu noivo no dia do casamento? Deixada com meu vestido branco, as decorações caras e os convidados? — ela riu, mas um riso nervoso. — Os sonhos, os projetos e uma história de seis anos jogados no lixo.

Lorenzo a olhou enternecido, de início sem palavras, e tentou trazê-la para si.

— Ah, não! — ela reclamou. — Não sente compaixão por mim, não, por favor. Isso, sim, acabaria comigo de vez — brincou.

O sócio riu, não deixando que ela se desfizesse de seu abraço, mas a apertou ainda mais junto de si.

— Sua tolinha, eu não estou sentindo compaixão por você. Estou sentindo compaixão por esse grande “idiota” que deixou escapar uma mulher maravilhosa assim — ele sorriu, tranquilo.

— Obrigada, grande consolo! Eu não tenho nada de maravilhosa, sou apenas uma tola que não se atentou aos sinais, ou que, na verdade, fingiu não ver — Bia confessou.

— Você é maravilhosa, sim — ele protestou. — Você é amiga, companheira, você é inteligente — ele a olhou uns instantes em silêncio. — E você é... muito atraente também.

Os olhos dele passaram entre os olhos e os lábios dela, mas ele desviou o olhar, um pouco sem graça. Talvez não tivesse parado para observar a amiga desse modo.

— Nada disso foi suficiente para impedir meu ex-noivo de se apaixonar pela encantadora fotógrafa da Rasé — ela deu de ombros.

— Sabe o que eu te diria? Você devia estar feliz porque a vida te livrou de uma pessoa sem caráter. Se ele flertava com outra enquanto estavam juntos, ele não era uma pessoa de confiança. Você não acha que está melhor agora? — ele questionou.

“Não! Estou sozinha, estou carente, enquanto eles estão posando felizes na internet”, ela pensou, frustrada, baixando a cabeça.

Lorenzo segurou seu queixo, erguendo seu rosto para que ela o olhasse e lhe respondesse.

— Eu não estou melhor — ela, então, confessou. — Ainda me sinto humilhada, sem esquecer aquela cena: eu, no carro, vestida de noiva, esperando autorização para entrar, e as pessoas cochichando de um lado para outro para ver quem teria coragem de me contar que ele não tinha vindo — ela engoliu em seco. — Luciana entrou no carro para conversar comigo no mesmo instante em que eu vi a mensagem dele no celular: “Sinto muito”. E foi assim que terminou minha história, com um “sinto muito”.

— Realmente, a vida foi bem cruel com você, e esse sujeito foi um covarde.

— Sim, Lorenzo, um covarde, nada mais que isso — ela teve que concordar. — Como alguém deixa para o último segundo? Ele podia ter evitado tanto constrangimento, mas ficou adiando, talvez achando que poderia tentar viver comigo, contudo ele estava apaixonado por Bianca. Pena que demorou tanto para se decidir, não é?

— Você tem razão, mas eu penso que seis anos é muito tempo. Com certeza em alguns, ou em muitos, momentos desses seis anos você viveu coisas que te fizeram bem, te fizeram sorrir.

Beatriz tentou lembrar dos momentos bons que tivera ao lado de Daniel, momentos nos quais evitara pensar nos últimos anos.

— Sim, você está certo — ela admitiu. — Se não tivéssemos tido uma vida boa juntos, eu não teria sofrido tanto e não teria sido tão doído

ser abandonada. Contudo, ele me fez feliz e depois me destruiu, o que tornou tudo uma grande mentira.

— Não, não foi uma grande mentira, foi uma história que teve seus bons momentos. Claro que nada justifica a forma que ele partiu, mas faz parte da sua vida, é o que te tornou o que você é hoje.

— Amarga?

— Você não é amarga! — ele se surpreendeu. — É a pessoa mais adorável que eu conheço. Não, definitivamente não foi isso. A sua história te tornou a mulher forte que você é hoje. Você vai encontrar alguém muito melhor, que vai te dar o valor que você merece.

— Não diz besteira, Lorenzo. Eu estou muito bem assim, não quero saber de ninguém na minha vida, não — ela logo disse.

Lorenzo olhou com carinho para Bia e ela entendeu aquele olhar. Eram dois solitários ariscos, machucados pelas perdas. Trocaram um sorriso cúmplice e se acolheram nos braços um do outro mais uma vez. Naquele momento silenciaram ao perceber o espetáculo de cores que se formava no horizonte ao cair da tarde. Ela sentiu que, junto ao sol que se escondia, também se apagava um pouco mais da mágoa que sentia. Talvez, como Lorenzo dizia, desabafar aliviasse um pouquinho.

Mais tarde, decidiram ir ao bar do Grego para a despedida de solteiro do futuro casal. Beatriz ficou impressionada de ver o quanto Lorenzo era querido e como os seus amigos ficaram felizes em revê-lo. Também ficou encantada com a forma calorosa como foi recebida por eles.

Ela logo foi apresentada a todos os membros da banda, cuja foto havia visto no apartamento do sócio: Greg, dono do bar, o baterista; Beto, esposo de Laura, o tecladista; Lorenzo, guitarrista e vocalista, e só faltou o baixista e também segundo vocal, o Guto. Não fosse sua ausência, a banda estaria completa.

— Cara, você faz muita falta — Greg disse, depois de abraçar o velho amigo e ex-companheiro de banda.

— Eu nem imaginei que esse lugar ainda estivesse do mesmo jeito — ele disse, um pouco emocionado por pisar ali de novo, depois de quase quinze anos.

— Quantas lembranças boas, não é? Nossa juventude, as festas no Gregory Bar — Beto completou. — Nós havíamos nos tornado a sensação da cidade — ele riu, lembrando daquilo.

— E muito provavelmente éramos a única banda da cidade na época — Lorenzo brincou.

— Sim, mas éramos, de fato, uma sensação. E os sonhos de nos tornarmos uma banda profissional? Quanta coisa ficou para trás — Greg ainda disse. — Mas nada que não tenha valido a pena. Hoje em dia temos dois empresários, um fazendeiro e um dentista.

Beto contou um pouco sobre o único ex-integrante da banda que não estava presente:

— O Guto seguiu firme na carreira e é sócio de duas clínicas, uma em São Lourenço e outra em Caxambu, aonde vai para fazer cirurgia a cada quinze dias. Ele é um dentista bem sucedido aqui na cidade.

— É, eu não conheço o consultório dele, mas ouvi falar — Lorenzo comentou.

— Acho que você não iria arriscar se sentar naquela cadeira — Greg resolveu brincar.

Entretanto Beto não arriscou rir da brincadeira porque estava de frente para eles e, por isso, viu o próprio Guto se aproximar.

— E por que não? — Guto perguntou.

Houve certo silêncio e todos temeram a reação do amigo à presença de Lorenzo, que apenas o observou enquanto se incluía na conversa. O sócio de Beatriz esperou para ver a sua reação.

Guto, por sua vez, se aproximou de Lorenzo, encarando o antigo parceiro antes de lhe estender a mão.

— Será que você me perdoa? — o ex-baixista perguntou.

Lorenzo ficou um pouco surpreso, no início, e quase sem reação. Devolveu-lhe a pergunta:

— Será que você me perdoa?

Ele indagou, antes de segurar sua mão estendida, em um cumprimento que logo se transformou num abraço extenso e emocionado dos antigos companheiros. Greg, o amigo barbudo e tatuado, que fazia o tipo durão, teve que disfarçar os olhos rasos d'água. Já Laura, que era mais emotiva, acabou chorando mesmo.

Depois de um longo abraço, Guto desabafou:

— Cara, me perdoa, de verdade. Da minha parte, não tenho que te perdoar de nada, fui eu que te ofendi, te magoei.

— Não, Guto, eu também te fiz sofrer, mas você não sabe o alívio que me proporcionou agora. Eu posso dizer que esse é um dos dias mais felizes da minha vida — Lorenzo disse, abraçando-o de novo.

Os colegas que os cercavam aplaudiram a reconciliação e logo os abraçaram. Beatriz assistia a tudo com um sorriso nos lábios, mas Lorenzo não se esqueceu dela e veio abraçá-la também..

— Isso merece uma comemoração — disse Greg. — Uma rodada de chope por conta da casa e um brinde à nossa amizade de mais de duas décadas.

Os amigos brindaram e a diversão continuou ainda mais animada, regada a muito chope e boa música. A certa altura, Telma e o noivo subiram ao palco:

— Essa noite é muito especial para todos nós. Eu não tenho nem como expressar minha alegria em ver meu tio de volta a nossa cidade, ao nosso grupo de amigos e agora reconciliado com meu padrinho, o Guto. Bem, para selar essa noite, como presente de despedida de solteiros, nada mais justo do que a “Gregory Peck Band” tocar para nós.

Todos aplaudiram e aprovaram a ideia na hora. Lorenzo, porém, logo tentou se esquivar do convite:

— Não, não. Eu não vou fazer isso. E não canto mais há muitos anos.

— Vai, você tem que ir — Bia insistiu. — Eu faria qualquer coisa para te ver naquele palco.

— Não, eu não faço mais isso — ele parecia mesmo decidido.

Entretanto os outros membros subiram ao palco, posicionando-se e esperavam somente por ele.

— Vai, por favor, vai ser divertido — Beatriz insistiu.

Os demais amigos à mesa também insistiram. Os integrantes da banda começaram a chamá-lo para subir ao palco e esperavam por ele para iniciar a tocar. Lorenzo não teve saída e acabou cedendo, juntando-se ao grupo para cantarem juntos uma antiga música que eles compuseram quando formaram banda:

*“Eu busquei um amor por tantas estradas,
Mas estava tão pertinho e eu não vi.
Eu busquei um amor em tantas furadas,
Mas estava tão pertinho e quase perdi*

*Como te convenço que só quero você,
agora, a qualquer hora
Como eu poderia querer outro amor?
Se pensei, foi sem querer*

Eu busquei por abrigo em tantos lugares,

*Mas teu ombro era onde eu mais me abrigava.
Eu busquei emoção em outras mulheres,
Mas só o teu sorriso me emocionava*

*Como te convenço que só quero você,
agora, a qualquer hora
Como eu poderia querer outro amor?
Se pensei, foi sem querer.”*

Beatriz logo se encantou pelo ritmo envolvente da música da Gregory Peck Band. E depois aprovou a escolha das canções seguintes, algumas conhecidas que cantou junto.

Na mesa e na plateia, as pessoas gritavam e aplaudiam, acompanhando as canções da banda. Quando se deu conta, Beatriz estava em pé, cantando muito alto e dançando com eles. Naquele momento a festa era tanta que ela tinha a impressão de que já conhecia os amigos de Lorenzo há anos também.

Quando terminaram a apresentação e Lorenzo desceu do palco, todos, inclusive Beatriz, o abraçaram para cumprimentá-lo.

— Eu adorei te ver cantando. E eu adoro essas músicas! — ela logo disse.

— Há muito tempo eu não me divertia tanto.

— Eu também não — ele confessou.

Os sócios da Rasé estavam tão atordoados pelo agito das músicas, das pessoas e das bebidas que, quando viram, estavam na pista dançando uma canção atrás da outra. Nem mesmo quando a música trocou de ritmo, eles encerraram a dança, ouvindo a melodia para recordar a letra:

*“Quando você me abraça, eu sinto algo diferente
Parece que algo está acontecendo agora, aqui dentro
Nesse momento insano que cruza nossos caminhos...”*

Dessa vez era uma balada romântica, mas ambos acompanharam na empolgação, cantando juntos o refrão:

*“Eu quero dizer que acho que essa é hora
Essa é a hora em que você será minha...”*

Apesar de ser uma canção de ritmo lento, eles continuaram, mais juntinhos dessa vez. Ao final, Lorenzo lhe sorriu um pouco sem graça e voltaram para a mesa, juntando-se aos demais que já haviam parado.

Era bem tarde e precisavam voltar, pois ainda tinham o casamento no dia seguinte. A essa altura os noivos já haviam voltado para casa para descansar. Beto e Laura tinham ido um pouco depois, mas Laura veio abrir a porta para eles, já que Lorenzo havia esquecido da chave.

Ele e Beatriz trocavam olhares cúmplices enquanto tentavam segurar o riso para não revelar que haviam bebido um pouco demais.

— Boa noite — o sócio a acompanhou até a porta do quarto.

— Boa noite. Eu me diverti muito — ela ainda lhe disse, baixinho, para não acordar os que já haviam se recolhido.

— Eu também. Há muito tempo, aliás, eu não me divertia tanto! — ele confessou. — E amanhã tem mais. Pelo movimento de pessoas, acredito que a festa vai ser agitada e, se me lembro das festas no casarão, elas se estendem bastante!

— Certo, estamos aqui para nos divertir, não é? E não vamos contar para ninguém que bebemos um pouco além da conta hoje — ela avisou.

— Claro! E, para compensar, vamos beber menos amanhã — Lorenzo sugeriu.

— É, bem menos — a sócia da Rasé concordou.

Ele sorriu, fazendo uma ressalva:

— Sim, um pouco menos.

— Quem sabe só um pouquinho menos — a amiga entrou na brincadeira, rindo junto com ele.

Os dois cochichavam e riam ao mesmo tempo, ainda um pouco alterados pela bebida.

— Agora vai, vou te deixar dormir — ele se aproximou para se despedir.

— Boa noite. Ops...

Lorenzo riu, sem jeito, depois de errar seu rosto, beijando-a no canto dos lábios sem querer, já que ela estava abrindo a porta e se virou no exato momento em que ele se aproximou. Beatriz tentou fingir naturalidade e entrou depressa, despedindo-se:

— Boa noite.

Ela fechou a porta, finalmente e estava tão exausta que sentia as pálpebras pesadas. Entretanto foi naquele toque sutil dos lábios do sócio que pensou quando fechou os olhos. A música suave que dançaram juntos também veio à sua mente antes de dormir, bem como todas as outras lembranças da noite tão divertida.

No dia seguinte, depois de um delicioso e caprichado café preparado por Laura, Beatriz e Lorenzo deixaram o casarão para conhecer as redondezas. Dessa vez, saíram a cavalo e, por isso, foram mais longe. Mais tarde pararam para se sentar no alto de uma colina e apreciar a paisagem, a imensidão verde que cercava a pequena cidade de São Sebastião do Rio Verde.

— Como se sente? — ela perguntou.

Lorenzo pensou uns segundos, analisando os últimos acontecimentos e como havia reagido:

— Feliz — respondeu. — É como resgatar um pouquinho dos velhos tempos, quando os problemas ainda não existiam.

— Não existem mais. Tirando a ausência de Júlia, que é a única coisa que não pode ser mudada, tudo o que você pode sentir agora é paz. Não é o que sente nesse momento, respirando o ar puro e admirando a natureza? — ela respirou profundamente para aproveitar o instante. — E sabendo que as mágoas que te perturbavam foram dissipadas?

Lorenzo tinha um olhar carinhoso para ela:

— Eu devo isso a você.

— Seu bobo, eu não fiz nada, isso tinha que acontecer, já passava da hora dessa situação ser resolvida. Talvez você só precisasse de um empurrãozinho para não se delongar ainda mais.

— Essa reconciliação me fez tão bem, me trouxe paz, sabe? Eu queria tanto fazer alguma coisa por você também — ele disse, segurando sua mão.

— Você já fez, eu já te disse isso. Você me fez gostar do que eu faço, valorizar a herança que meu pai me deixou — ela lembrou. — E isso provocou uma mudança muito positiva em mim.

Porém não era somente sobre trabalho que Lorenzo falava, ele sabia dos outros acontecimentos que ainda magoavam a amiga:

— Não me refiro a isso apenas. Queria te ajudar a amenizar as suas mágoas também.

— Essas vão ser um pouco mais difíceis — ela lamentou, lembrando-se do ex-noivo. — No caso do Daniel, eu não precisava de uma reconciliação, eu precisava quebrar todo o apartamento dele, desconfigurar seu belo rostinho e o dela também...

Lorenzo e Beatriz caíram na risada juntos. Ele, então, se levantou, ajudando-a a se levantar em seguida.

— Talvez você precise mesmo — brincou. — E, tirando a parte de desconfigurar rostos, eu diria que descontar sua raiva poderia aliviar.

Mas, por outro lado, quem sabe apenas recomeçar e se desligar do passado já seja suficiente — ele sugeriu, com seu jeito tranquilo de sempre, olhando-a ternamente.

— Não quero recomeçar nada, eu estou bem assim — ela logo desconversou.

No fundo, tinha verdadeiro pânico de pensar em se relacionar com outra pessoa, pois não conseguia se imaginar passando por tudo de novo e não daria chances para acontecer outra vez. Preferia ficar sozinha, nenhum homem merece confiança, ela pensou, arisca e ferida.

Lorenzo apenas sorriu, parecendo compreender seu medo. Sentia-se da mesma forma: desencorajado a novas aventuras. Dois fugitivos, pensou.

Depois de almoçarem, Lorenzo e Beatriz ainda se sentaram na varanda para tomar um café com Laura e Beto, que não se delongam muito porque estavam ocupados com os preparativos do casamento. Havia muitas pessoas entrando e saindo da casa, o pessoal da decoração, do Buffet, cabeleireiros e maquiadores.

— Você quer ficar aqui e oferecer ajuda em meio a esse fervor, ou prefere se “fingir de morta” e dar uma fugidinha comigo? — Lorenzo sugeriu baixinho.

— Eu acho que “se fingir de morta” é uma boa sugestão — ela respondeu, cochichando e entrando na brincadeira.

— Ótimo — ele respondeu, satisfeito, puxando-a pela mão.

Lorenzo a levou até o Rio Verde, a principal atração turística da cidade que, por sua vez, faz parte do Circuito das Águas.

— O rio se estende por toda a cidade — ele explicou. — Aqui, é possível nadar, fazer canoagem ou pescar. O que você quer fazer?

— Nunca fiz nada disso, nem nadar eu sei — Ela riu de si mesma. — Mas hoje gostaria apenas de admirar a paisagem, ver as pessoas se divertirem.

Não havia muita gente no lugar e puderam se sentar sossegados enquanto aproveitavam o agradável barulho das águas entrecortado por alguns gritinhos de crianças. Ela sentiu o olhar do amigo um pouco entristecido naquele momento e compreendeu que talvez ele se lembrasse do bebê que perderam. Beatriz nada disse, mas segurou sua mão em sinal de apoio.

— Você queria ter filhos? — ele perguntou. — Quero dizer, você ainda pensa nisso? Afinal, você é jovem.

— Nem tanto assim — ela brincou. — Claro que ainda posso ter filhos, até porque as mulheres têm optado por engravidar mais tarde hoje em dia. E é claro que já me passou pela cabeça em algum momento, mas não penso mais nisso agora, não me importo. Filhos para quê? O mundo já tem gente demais.

— Júlia pensava assim também. Ela fazia tantos trabalhos voluntários, havia um orfanato que visitava todos os sábados. Você sabe que foi por isso que ela se demorou a engravidar? Dizia que tinha medo de magoar “seus outros filhos”, era assim que ela chamava as crianças para a qual contava histórias nesse lugar.

— Eu imagino a pessoa encantadora que ela era — Bia disse, admirada.

— O seu sonho era montar um abrigo para crianças carentes ou em situação de risco aqui em São Sebastião do Rio Verde.

— Então ela tinha intenção de voltar?

— Sim, ela pensava em voltar um dia para montar esse abrigo.

— E você? — ela quis saber.

— Eu disse que poderíamos voltar a hora que ela quisesse, já que era seu sonho. Claro que, no fundo, eu temia enfrentar minha cidade de novo, mas se iria fazer bem a ela... Contudo era um sonho que ela cultivava para quando estivesse bem mais velha, talvez se aposentando, porque tinha os lugares aos quais ajudava em São Paulo.

— É muito bonito esse trabalho voluntário! Você a acompanhava também?

— Quase sempre, quando sobrava tempo, mas não tive coragem de voltar depois que ela se foi. E como eu iria contar às crianças que ela não viria mais? E como iria lembrar dela, sentada, sorridente, acolhendo os pequenos? — ele perguntou, entristecido.

— Que pena... Mas eu te entendo.

Entendeu, de fato, e se sentiu inútil também naquele momento, por nunca ter pensado além de seus próprios problemas. Olhou de novo para as crianças brincando, sem saber se ainda sentia o desejo de ser mãe, não era exatamente uma obsessão. Se fosse, poderia até ter engravidado antes. Mas talvez tivesse pensado nisso se o casamento tivesse se concretizado.

— Vamos voltar? Precisamos nos arrumar — ela sugeriu.

— Você tem razão, vamos, sim.

Lorenzo a ajudou a se levantar, passando o braço por cima de seu ombro para voltarem, e caminharam abraçados até o carro.

Mais tarde, ele bateu à porta do seu quarto para saber se estava pronta.

— Estou com um problema — ela apareceu de roupão.

— O que aconteceu?

— Eu derrubei meu hidratante e ele espirrou no vestido. O problema é que o creme é oleoso e, quanto mais eu tento tirar, mais manchada a peça fica.

— Como consegui fazer isso? Precisamos ir! — ele balançou a cabeça, preocupado. — Espera um pouco aqui, vou falar com a Laura, ela vai ter uma solução.

Laura não podia ajudar muito, pois era bem mais encorpada que Beatriz, então o jeito foi pegar um vestido da filha.

— Telma tem quase o mesmo corpo que o seu — ela disse, estendendo-lhe dois vestidos. — Um desses vai servir.

— Você tem certeza? Eu acho que Telma é mais magra que eu. Quem me dera aquele corpinho.

Laura riu:

— Quem me dera o corpinho de vocês duas — a irmã de Lorenzo respondeu. — Vai ter que servir. E, olha, ela disse para você usar tranquilamente, pois são vestidos novos, de modo que ninguém vai saber que são dela, OK? Você quer que eu te ajude?

— Ah, eu quero, sim, por favor.

A irmã de Lorenzo entrou no quarto.

— Fique tranquilo e nos espere lá embaixo, Lorenzo, daremos um jeito nisso — disse ao irmão.

Beatriz não se sentiu muito confortável no vestido da jovem Telma, pois não estava acostumada a usar roupas tão justas. Lorenzo, porém, não deixou de examiná-la discretamente com o olhar:

— Você está muito bonita nessa roupa. Eu diria que pronta para substituir o tolo do seu ex-noivo — brincou.

— Não me passa pela cabeça colocar outro homem na minha vida. Se a intenção do vestido é essa, ele está no corpo errado — ela respondeu, bem-humorada.

— Está bem, mas não vou contar na Rasé que te vi tão sedutora assim.

— Lorenzo, para! — ela brincou com ele, repreendendo-o.

O sócio fez que sim, ainda se divertindo com seu jeito. Na igreja, a decoração estava impecável e mais impecável ainda estava a noiva, que entrou radiante. Beatriz ficou feliz ao ver que Lorenzo parecia bastante emocionado. Finalizada a cerimônia, eles retornaram ao casarão para a festa que não tinha hora para acabar.

A certa altura da noite, a noiva pediu para que Lorenzo cantasse, mais uma vez. Ele não teve como dizer não e, usando o equipamento da equipe contratada, com a ajuda dos velhos colegas de banda, cantaram uma canção aos noivos, a que todos mais gostavam: *“Como te convenço que só quero você / agora, a qualquer hora / Como eu poderia querer outro amor? / Se pensei, foi sem querer.”*

Tornou-se também uma das preferidas de Bia, de modo que logo se empolgou, cantando junto, ao mesmo tempo que se lembrou da diversão da noite anterior.

5 NO CALOR DO MOMENTO

A noite seguiu animada. Beatriz mais uma vez foi recebida calorosamente pelos parentes e amigos do sócio, de modo que ela e Lorenzo cantaram, dançaram e se divertiram sem poupar energia.

Dessa vez, porém, uma convidada atrasada despertou sua atenção, quando a viu se aproximar de Lorenzo com um sorriso contagiante no rosto. Eles conversaram ainda algum tempo, um pouco afastados da multidão, e depois ele apenas comentou que se tratava de uma antiga conhecida, mas que estava somente de passagem.

A festa parecia não ter hora para acabar. Contudo, após muita dança, uísque e champanhe, Beatriz e Lorenzo, desacostumados que estavam a tanta badalação, decidiram se recolher. Os sócios subiram as escadas ainda rindo muito depois que ele derramou champanhe sem querer em uma das convidadas da irmã. A mulher ficou bastante irritada e, enquanto o amigo se desmanchava em desculpas, Beatriz segurava o riso até que, quando se afastaram, ela não se segurou mais.

— Sua debochada, isso é muito feio — ele dizia, tentando falar baixo para não acordar quem já tinha se recolhido também.

— Desculpe, mas você tinha que ter visto sua cara. Eu nunca te vi tão apavorado.

— É claro, eu jamais fiz esse tipo de coisa em minha vida — ele revelou, envergonhado.

— Acho que nunca bebemos tanto — ela comentou, ainda tentando cessar o riso. — Boa noite, quero me jogar naquela cama e apagar — disse, já entrando no seu quarto.

— Boa noite, até amanhã — ele respondeu, seguindo direto para o seu, que ficava ao final do corredor.

Beatriz queria dormir depressa, entretanto, estava toda atrapalhada com o vestido, principalmente depois que o zíper rompeu e engatou a certa altura, de modo que falava sozinha, brigando consigo mesma para conseguir se despir. Vesti-lo foi fácil, com a ajuda de Laura, mas naquele momento se via em uma situação bem complicada, pois temia estragar a roupa de Telma.

— Beatriz.

Lorenzo entrou de repente e não conseguiu conter o riso ao ver a cena de Beatriz “imprensada” no vestido que emprestara.

— O que está fazendo aqui? — ela se virou depressa tentando esconder as costas onde o zíper se rompera.

— Eu é que pergunto o que você está tentando fazer? Apanhando do vestido? — ele perguntou, debochado.

— Muito engraçadinho, Senhor Lorenzo, mas ainda não me respondeu. Está precisando de alguma coisa?

— Bem, eu, na verdade, acabo de descobrir que estou precisando de um lugar para ficar, pelo menos alguns instantes.

Beatriz estranhou a sua proposta:

— O que está querendo dizer? Não foi isso que combinamos quando eu decidi te acompanhar. O seu quarto é do outro lado do corredor, lembra?

— Não, não me entenda errado — ele logo disse. — Eu sei qual é meu quarto e fui até ele depois que nos despedimos, acontece que ele estava ocupado — explicou-se.

— Como assim? — ela ainda não estava entendendo.

— Foi o que eu vim te contar. Eu estava tentando entrar quando percebi que estava ocupado, mais precisamente por duas pessoas... — Lorenzo tentou ser claro.

Bia contraiu a testa, um pouco cética:

— O que está dizendo? Você está querendo me enganar?

— Não, eu estou te contando o que eu vi: duas pessoas na cama onde eu, supostamente, deveria deitar. E, se é que você me entende, estavam bem ocupados fazendo algo que eu não podia interromper.

— Não posso acreditar nisso — disse, meneando a cabeça.

— Pois vá lá e veja com seus próprios olhos — ele a desafiou, cruzando os braços.

— Vamos lá ver isso.

Ela disse acompanhando-o até o quarto onde ele deveria dormir. Quando abriu devagar a porta, constatou que Lorenzo não mentira. Porém o pior de tudo é que a cena, de certa forma, despertou sua atenção, de modo que se prendeu uns instantes, tentada a espiar mais um pouco o casal que fazia amor, despreocupado do resto. Ficou hipnotizada quando viu a silhueta masculina que se movia excitado sobre uma mulher que ela não conhecia. Não conseguiu ver o rosto, mas teve tempo de observar que suas mãos apertavam as costas do homem com desejo e prazer.

Foi nesse momento que o sócio tentou espiar também, e ela se atrapalhou, derrubando uma garrafa que estava na porta.

Assustados e temerosos de serem pegos, eles correram, segurando-se para não rir, como crianças fazendo traquinagens. Lorenzo ainda conseguiu pegar a garrafa e alcançar a sócia já na porta do quarto.

Os dois se fecharam lá dentro e foi difícil conter o riso enquanto percebiam movimentos de pessoas que tentavam descobrir qual era o motivo do barulho e das risadas contidas. E, é claro, de onde vinham.

— Isso foi muita molecagem — ela ainda ria sem parar. — Eu estou tremendo de medo até agora. Imagine que vergonha se nos pegam!

— Mas foi divertido — ele concluiu.

— Muito — Beatriz teve que admitir. — Eu nunca fiz esse tipo de coisa! Mas quem deixaria uma garrafa de bebida na porta do quarto? — ela ainda se questionou.

— Eu?

— Como assim? — ela se surpreendeu. — Já não bebeu o suficiente ontem e hoje?

— Eu tive medo de me sentir sozinho depois de ter me divertido tanto com você e com os meus amigos — ele brincou. — Se quiser me acompanhar até eu poder voltar...

— Se é que vai poder voltar. Acredito que estavam tão empolgados que erraram o quarto — ela deduziu.

— Ou estavam tão... excitados que pegaram o primeiro vazio.

Bia o encarou uns segundos, lembrando-se novamente da cena perturbadora que vira. Tentou agir com naturalidade, afinal ela e Lorenzo eram amigos e não deveria ficar constrangida.

— Sim, vou pegar dois copos. Pode ficar aqui.

Os dois beberam mais um pouco, apesar de já estarem bem alterados, pois de vez em quando cantavam baixinho as músicas que a antiga banda de Lorenzo tocava. Ele cantou um pedacinho de uma delas:

— Vamos juntar nossos corações quebrados e fazer uma canção... certamente essa é nossa música. E, é claro, Lonesome Town, cidade solitária. — ele acrescentou, lembrando quando a ouviram juntos em outra ocasião. — Dois solitários ariscos.

— Não sei se vou conseguir levantar amanhã — ela brincou. — Acho que cheguei mesmo no meu limite — concluiu, um pouco depois, não deixando que ele enchesse seu copo mais uma vez.

— Quer ajuda agora? — ele perguntou.

— Com quê?

— Com o vestido. Está com o zíper rompido desde que eu entrei, não ficou muito elegante — ele ainda brincou com ela mais uma vez.

— Está certo. Me ajude, não vou conseguir tirar isso sozinha nunca — ela se levantou, virando de costas para ele.

Lorenzo se levantou também e analisou o zíper, antes de tentar abrir para a sócia.

— Isso não vai ser fácil — ele avisou. — Bem, ele desceu um pouco, engatou de novo e terminou de abrir a parte de baixo. Você devia ter avisado minha prima que estava acima do peso.

— O quê?

— Estou brincando — Lorenzo logo se defendeu.

— Ah, sim, você está muito engraçadinho esse fim de semana. Eu diria irreconhecível — ela observou.

— Sim, e você também. E eu diria bem mais divertida — ele comentou enquanto ainda tentava desemperrar o zíper. — Bem, devo te dizer que

há duas maneiras de você se livrar desse vestido: ou você me autoriza a arrebentar o fecho ou tira por cima.

— Você não entende, ele não vai sair. E como vou devolver o vestido arrebentado? Já basta o zíper que vai ter que trocar — ela questionou, preocupada, virando-se para ele.

— Vem, eu te ajudo.

— Não, isso seria muito chato — ela cruzou os braços.

— Você tem que ver o que é mais chato: me deixar te ajudar com o vestido ou devolvê-lo arrebentado. Ou ainda, não se livrar dele nunca mais — ele disse, não conseguindo segurar o riso de novo.

— Ah, está bem, vá depressa. Isso é muito constrangedor — ela se virou de costas para ele, erguendo os braços.

— Sim, uma cena que jamais esquecerei: a dona da Rasé presa num vestido.

Ele não resistiu a mais uma brincadeira enquanto levantou cuidadosamente o vestido para que saísse por cima. Beatriz se sentiu um pouco incomodada ao sentir os dedos de Lorenzo deslizarem pelas laterais do seu corpo, roçando-lhe a pele enquanto ele puxava o vestido dela. Porém sabia que não havia como evitar aquele toque. Um toque de segundos, mas que provocou uma sensação intensa para quem estava tão carente, principalmente depois da cena que vira no outro quarto. Carente ou envolvida?, perguntou-se, apreensiva.

Assim que conseguiu se libertar da peça, ela a usou para se cobrir, virando-se de frente para ele. Tentou se afastar, mas o desejo que aquele toque provocou em ambos foi mais forte e se calaram, imóveis, temerosos do que estavam sentindo. O olhar de Lorenzo penetrou fundo nos seus aquele instante e ele a trouxe para si, beijando-a com uma mistura de carinho e desejo. Beatriz se deixou envolver de início, arrepiada com o toque das mãos de Lorenzo nas suas costas nuas, mas logo caiu em si o empurrando.

— Lorenzo, o que está fazendo? — ela o repreendeu.

— É, você, de fato, não está acima do peso — ele brincou de novo.

Beatriz engoliu em seco. A situação não era apenas constrangedora, era provocante, pensou apreensiva, lembrando-se da cena que haviam flagrado há poucos instantes no outro quarto e do desejo que despertou em ambos. Era muito provável que Lorenzo ainda se lembrasse do fato também, foi o que deduziu quando seus olhos se encontraram.

— Você me espiou, eu sabia que não seria discreto — ela reclamou.

— Bem, eu não sou nenhum santo — ele justificou.

— Vai ficar aí me olhando? Eu preciso me trocar. E... precisamos dormir.

— Duvido que não esteja pensando o mesmo que eu. A cena que vimos foi bem perturbadora para duas pessoas tão solitárias — ele acariciava seu rosto.

— E que são sócias e têm uma relação estritamente profissional — ela tentou fugir daquela constatação.

— Não nesse momento — ele argumentou.

— Estragaríamos tudo — ela contra-argumentou, já se sentindo, porém, um pouco mexida com a situação.

— Talvez...

Beatriz tentou voltar a si e ser racional, pois não queria estragar a amizade com Lorenzo:

— Vamos, se vire depressa, preciso me trocar.

Ela se afastou a passos largos indo para o chuveiro a fim de esfriar a cabeça. E o momento, e todas as sensações provocadas.

— Vai me deixar ficar aqui? — ele perguntou, assim que ela saiu do banho.

— Está bem, mas procure dormir, já é muito tarde.

— E o que poderíamos fazer de errado? Somos adultos — ele lembrou, antes de entrar no banho.

Beatriz olhou de canto para o sócio, mas nada disse. Esforçou-se para estar dormindo quando ele retornasse. Ouviu o barulho do chuveiro e, pela primeira vez, flagrou-se imaginando o amigo despido naquele momento. Já era tão tarde, mas aquela noite não parecia acabar nunca, pensou, desejando que o dia amanhecesse depressa. Um pouco depois, ele saiu, mas não se deitou:

— Você está dormindo? — ele quis saber.

Pensou em não responder. Era óbvio que estava acordada, apesar de sentir o corpo pesado e ainda instável sob o efeito da bebida. Na verdade, o que não saía de sua mente era a cena extasiante do outro quarto e, ainda, a sensação causada pelas mãos de Lorenzo roçando-lhe a pele e o beijo ardente e inesperado.

Ela tentou fechar os olhos e não pensar em mais nada, o que foi bastante difícil, pois o amigo também parecia inquieto, até que se aproximou dela, tocando seu ombro.

— Não, eu estou acordada — ela respondeu, então, sentando-se na cama. — Quem sabe o casal já tenha ido embora e você possa voltar para o seu quarto.

— Por que está com medo de mim? — ele sussurrou, sorrindo.

— Não estou com medo de você!

Bia se levantou depressa e ele também se retraiu. Porém foi nesse gesto bruto que ela se deu conta de que ainda estava atordoada. Lorenzo a segurou firme, numa proximidade bem perturbadora. Ela ficou sem graça:

— Eu bem que desconfiei que queria se jogar nos meus braços de novo — ele brincou.

Beatriz riu junto com ele, mas desviou o olhar:

— Me solta — ela pediu, ainda sem jeito, ainda atordoada e, principalmente, ainda confusa com as sensações que a invadiam naquele momento.

— Eu não posso — ele continuou brincando. — Eu não tenho para onde ir. Vai ter que me acolher aqui.

— Para com essa brincadeira, me solta, eu não vou fazer nada com você — ela tentou ser convincente.

— Acha mesmo que não devíamos fazer isso? — ele sussurrou em seu ouvido. — Aquela cena continua na minha mente.

Ela sabia que também estava mexida, mas não queria confessar. No fundo, achava que tudo era efeito da bebida.

— Não devemos fazer isso, trabalhamos juntos.

Ela tentou achar um pretexto para não seguir em frente e correr o risco de estragar a amizade entre eles. Contudo, no limite entre a sobriedade e a embriaguês já não se encontravam muito em condições de raciocinar claramente.

— Conhece aquela expressão: o que acontece em Vegas fica em Vegas? Então, o que acontece em São Sebastião fica em São Sebastião...

Ele sugeriu, ao mesmo tempo que empurrou devagar as alças delicadas da camisola que ela usava para que a seda deslizesse suavemente pelo seu corpo. Ainda num último rompante de razão, Bia segurou a peça na altura dos seios.

— Lorenzo, não devíamos fazer isso... — ela tentou evitar mais uma vez, já se sentindo bastante frágil, porém. — Somos amigos.

— Somos adultos, somos cúmplices. Além disso, você estava muito provocante hoje — ele confessou. — Você sabe que agora é tarde demais, vamos fazer como aquele casal e nos deixar levar pelo calor do momento só uma vez.

Lorenzo beijou seus lábios novamente. Beatriz sabia que poderia se arrepender, mas não conseguia raciocinar àquela altura e se deixou envolver pelo calor do corpo de Lorenzo, sua voz rouca em seu ouvido, o despertar de sensações que há muito não sentia. Fechou os olhos com seu sussurro, deixou que ele terminasse de tirar-lhe a roupa e apenas sentiu, extasiada as mãos do sócio deslizando pelo seu corpo. Fragilizada pela carência e desejo, deixou-se entregar ao momento inconsequente do qual estava certa de que lamentaria depois, mas não naquele momento, em que a razão simplesmente se calou.

Quando despertaram de manhã, ela lhe sorriu totalmente sem graça. Ele, por sua vez, sorriu com os lábios e com os olhos, mas parecia menos incomodado do que ela. Ambos se serviram no café da manhã oferecido por Laura, já se preparando para partir.

Laura e Beto, bem como todos os outros presentes seguiram sendo hospitalieiros com Beatriz, que chegou a se sentir em casa na presença deles. Ficou à vontade enquanto estavam rodeados de pessoas, mas depois que entraram no carro para retornar a Belo Horizonte, ambos voltaram mais silenciosos para casa.

— Acha que devemos conversar sobre o que aconteceu? — ele perguntou no caminho.

Bia virou o rosto sem graça:

— Deixa em Vegas... — ela brincou, com um sorriso meio tímido e, ao mesmo tempo, conivente, não querendo conversar sobre o que tinha acontecido.

— Você... tem certeza?

— Sim, eu tenho certeza — ela respondeu, consciente de que a única coisa que não queria era estragar a amizade entre eles.

— Está bem, mas quero que saiba que não precisa ficar sem graça, afinal, estávamos tão...

— Bêbados? — ela quis logo justificar. — Sim, é verdade. Certamente não teríamos nos deixado levar se estivéssemos sóbrios.

— E se não tivéssemos espiado aquele casal — ele lembrou.

Ela foi obrigada a dar um sorrisinho ao recordar a cena.

— Por favor, chega de lembrar daquele casal. Se eles não estivessem tão afoitos, nada disso teria acontecido — ela afirmou.

— O que não significa que não tenha sido bom — Lorenzo fez questão de observar. — Além disso, não estávamos tão bêbados assim depois de um banho, e mesmo assim...

— Dissemos que não íamos falar — ela o interrompeu.

— Eu sei, mas...

— Foi o combinado — ela insistiu.

— Está bem — ele concordou. — Porém quero te agradecer por ter insistido que eu viesse e por ter me feito companhia. Eu me diverti muito.

— Ah, eu também, você tem amigos espetaculares. E eu nem sabia que você podia ser tão divertido e festeiro.

— Sim, eu digo o mesmo. Se eu contar aos seus funcionários que te vi dançando a noite inteira e virando copos de tequila... — ele brincou.

— Você não vai dizer a ninguém! — ela o exortou.

— Claro que não — ele prometeu. — Somos cúmplices — salientou.

Em muitas coisas, ela pensou, lembrando-se mais uma vez do que haviam feito. Sentiu um arrepio pelo corpo ao se recordar daqueles momentos e virou o rosto para a janela como se pudesse evitar que ele percebesse o que estava sentindo.

— Bem, valeu a pena — ela concluiu.

— Com certeza, rever meus amigos, resolver antigas pendências. Você foi mais que uma amiga me incentivando, obrigado pela força que você me deu — ele agradeceu novamente.

Beatriz deu um sorrisinho mais apagado dessa vez. Achou estranho ouvir Lorenzo reforçar o quanto ela era uma boa amiga depois do que tinha acontecido entre eles. Contudo, sabia que não deveria haver estranheza.

— Não vamos estragar nossa amizade — ela pediu quando ele a deixou em casa.

— E por que estragaríamos? — ele questionou.

— Você sabe — ela disse sem jeito.

— Não quer mesmo conversar sobre isso?

Ela o encarou um pouco confusa, tentando esconder a aflição que sentia, um misto de arrependimento e, ao mesmo tempo, de deleite.

— Não, eu não quero. Vamos fazer de conta que tínhamos direito de ser inconsequentes por uma noite, mas não vamos estragar nossa amizade e, principalmente, nossa sociedade. Estamos indo tão bem.

— O que não significa que...

— Que devemos estragar — ela o interrompeu, não querendo levar aquela conversa adiante. — Até amanhã no escritório — sorriu para ele, esperando que ele partisse.

Lorenzo a observou por uns segundos, acariciando de leve seu rosto.

— Até amanhã — ele respondeu, por fim, retirando-se.

Beatriz bem que tentou, mas foi difícil não pensar naquele fim de semana tão incomum ao lado de Lorenzo. Não queria ficar se lamentando pelo que haviam feito, pois era tarde demais para isso, pensou, querendo se convencer de que tinha direito de fazer alguma extravagância de vez em quando. Mas não foi somente isso, não conseguiu deixar de sentir um frio no estômago cada vez que se lembrava do corpo de Lorenzo junto ao seu, as mãos roçando-lhe a pele junto com o vestido, as músicas que dançaram juntinhos. Tinha sido uma loucura, pensou, começando a se arrepender.

Três dias, ela lembrou. Três dias tão intensos que os laços entre eles foram ainda mais fortalecidos. Pensou em como reagiria quando Lorenzo estivesse pronto para tomar outro rumo, conforme eram seus planos. Precisava se policiar quanto ao que estava sentindo, pois não podia se envolver emocionalmente com um mundo que não lhe pertencia. Isso porque nem mesmo os amigos do sócio veria novamente depois que ele partisse, ou a encantadora cidade de São Sebastião do Rio Verde e seus moradores hospitaleiros.

Lembrou-se das ruas tranquilas, de paralelepípedos, as cadeiras acolhedoras em frente a algumas casas, esperando pelos amigos. Parecia que podia ouvir o barulho das águas do Rio Verde, sentir a brisa suave durante a cavalgada e deslumbrar claramente em suas lembranças a paisagem que se desdobrava do alto da colina.

Há muito tempo não se lembrava de ter vivido momentos tão agradáveis. Era grata à amizade de Lorenzo, à presença dele em sua vida. Sabia que o companheirismo que os unia os estava ajudando a se curarem aos poucos. Porém tinha medo de não saber controlar os sentimentos a fim de não provocarem outras feridas ainda maiores no futuro.

Trataria de fazer com que a amizade voltasse ao normal e esqueceria completamente aquele “deslize” entre eles. Assim não correria o risco de estragar o relacionamento tão bonito que haviam cultivado, decidiu.

No início da semana, logo cedo na empresa, foi inevitável que Beatriz baixasse os olhos assim que Lorenzo entrou.

— Bom dia — ele também parecia um pouco sem graça.

— Bom dia, Lorenzo, tudo bem? — ela desviou o olhar dele, buscando imediatamente algo de que se ocupar.

Procurou chamar Luciana para lhe dar instruções e foi logo mostrando alguns documentos ao sócio. Lorenzo a observou pensativo durante alguns segundos, então pareceu ter entendido a sua necessidade de fingir que não havia acontecido nada. Pelo seu olhar meditativo, ele provavelmente concordava com ela que era o melhor a ser feito.

Aos poucos a rotina voltou ao normal e o relacionamento entre eles também, como se nenhuma intimidade maior tivesse existido.

Ela reparou, porém, que, apesar das investidas de Alice, Lorenzo muitas vezes se esquivava. Imaginou que era o medo que ele tinha de se envolver sentimentalmente com outra pessoa. Procurou não pensar muito no assunto, convencendo-se de que nada tinha a ver com a vida particular do amigo. Mas foi inevitável não se lembrar, inclusive, de que o próprio dizia que procurava não se apegar às pessoas ou aos lugares. Assim quis ficar bem ciente de que não deveria se apegar demais também.

Percebeu que logo nos primeiros dias, depois que retornaram de São Sebastião do Rio Verde, Lorenzo às vezes a analisava em silêncio. No entanto, para seu alívio, ele respeitou seu pedido de não falar mais sobre o ocorrido e a amizade entre eles não ficou abalada devido àquele “pequeno deslize”. Um pequeno deslize que, no entanto, lhe causou novamente um frio no estômago quando se lembrou. Que loucura, pensou no silêncio de sua sala, achando-se uma inconsequente sem, contudo, poder negar que tinha sido uma noite maravilhosa.

Baixou a cabeça, apoiando-a entre as mãos e se lamentando. Não podia misturar as coisas e não podia se deixar levar por desejos físicos. Sim, era só carência, afirmou, já que depois do fim do noivado havia se

isolado completamente dos homens em geral e nunca mais tinha estado com ninguém.

— Quando será que seu sócio vai se abrir para o amor de novo? — Alice interrompeu seus pensamentos, quando entrou de repente em sua sala.

— Do que você está falando?

— Que já está na hora do Lorenzo encarar um novo relacionamento, não é? Afinal, ele é bonito, charmoso, gentil... Quem não quer consolar um coração desse? — a outra perguntou, bem-humorada.

Beatriz deu um sorrisinho sem saber o que dizer e tentou se concentrar no que fazia. Porém, curiosa, virou-se de novo para a funcionária:

— Por que você diz isso? — perguntou.

— Ah, porque eu vivo jogando charme para ele, mas até hoje ele nunca me convidou para sair. Você acha que eu devia tomar a iniciativa? — a funcionária pediu sua opinião.

— Não! — Bia respondeu de impulso, tentando disfarçar em seguida. — Quero dizer... Me conte mais sobre essas suas investidas.

— Bem, não são exatamente investidas, eu jogo um charme. E, bem, eu... sem modéstia, sou uma mulher bem interessante e adoro ver os homens seduzidos por mim — ela disse com seu jeito espontâneo.

Beatriz balançou a cabeça, rindo junto com a colega e admirando a sua naturalidade. Ela mesma jamais se sentira tão segura daquele jeito como mulher, principalmente depois do trauma do noivado.

— Quem sabe ele não esteja preparado para um novo relacionamento — Beatriz sugeriu. — Lorenzo ainda não esqueceu nem superou a morte da esposa.

— Como sabe?

— Eu convivo muito com ele.

Alice caminhou pela sala, pensativa, mas não concordou com ela:

— São três anos! Ele não iria continuar amando um fantasma! — a coordenadora supôs.

— Ele nunca deixará de amar essa mulher.

Beatriz afirmou, percebendo que aquela constatação lhe aborrecera um pouco. Entretanto ela se lembrou, naquele momento, de todas as vezes que viu a dor nos olhos de Lorenzo quando falava da esposa para ela.

— Pois eu acho que você está enganada — Alice discordou dela novamente. — Se ela estivesse viva e houvesse qualquer esperança, ele poderia manter esse sentimento, mas não é o caso. É claro que o que ele sente agora é mais carinho do que amor — argumentou.

— Você acha isso? — Bia perguntou, curiosa.

— Seria o mais lógico! — a outra deduziu. — Além disso, eu nem quero que ele se apaixone por mim mesmo, só quero curtir um pouco.

Beatriz olhou, preocupada, para ela:

— Como pode falar isso? Você não pode brincar com os sentimentos de alguém — disse, temerosa de que a coordenadora pudesse ferir os sentimentos de Lorenzo caso os dois se envolvessem.

— Que sentimentos? Ele parece até que me evita, sei lá, finge que não percebe o meu interesse. E, aliás, tampouco estou apaixonada, o que não significa que não possa ficar se ele quiser... — Alice disse, rindo de si mesma.

Naquele momento Beatriz se forçou um pouco para rir junto. Não achou tão engraçado, porém nem entendia ao certo o porquê.

Lorenzo entrou na sala quando ainda riam da última gracinha de Alice e olhou de forma curiosa para as duas:

— O que está acontecendo por aqui? Quero rir também.

Beatriz imediatamente tentou analisar a reação dos dois, mas não viu nenhum sinal de abalo ou constrangimento.

— Não estávamos falando nada demais, apenas de trabalho — Bia respondeu.

No entanto, ela foi logo desmentida por Alice:

— Não estávamos, não. Estávamos falando de paixões.

— Hum... interessante — ele olhou analiticamente para as duas.

Beatriz baixou logo a cabeça mirando nos papéis a sua frente, sentindo-se extremamente incomodada com aquele olhar. No fundo, sentia-se menos atraente do que a colega, ou do que qualquer mulher, pensou. Quando Daniel a abandonou no dia do casamento, fugindo com a funcionária do seu pai, fez com que se sentisse a mais insignificante de todas. Sabia que tinha que superar aquilo, mas tinha preguiça de tentar, tinha preguiça de se sentir mulher de novo e ter que encarar outro relacionamento e, quem sabe, uma nova decepção. Preferia encerrar-se em seu mundo, pois era mais cômodo.

— E quem está apaixonada aqui? — ele perguntou, passeando os olhos entre as duas.

— No momento nenhuma de nós, o que não significa que não podemos nos apaixonar — Alice olhou bem para ele, mas logo corrigiu: — Quer dizer, eu, não é? Porque Beatriz não quer mais saber de homem algum depois do fora que levou.

Alice disse, de impulso, com a naturalidade de sempre, sem se dar conta de que seu comentário era humilhante para Bia, que baixou os olhos completamente sem graça. Sentiu-se tão perdida que nem sabia

o que estava escrito nas folhas à sua frente, engoliu em seco, separando aleatoriamente os papéis diante de si.

Lorenzo suspirou, parecendo chateado com a situação. Alice, finalmente pareceu se dar conta:

— Ah, Beatriz, desculpa... Eu acho que Lorenzo nem sabe dessa história — ela ficou um pouco sem palavras.

— Bem, que tal irmos almoçar? — Lorenzo procurou mudar logo de assunto. — Já está na hora e eu estava esperando vocês na sala do café.

Beatriz logo pegou sua agenda. Tudo o que queria era sumir naquele momento ou se esconder debaixo da mesa e não olhar para ninguém, de modo que arranjou depressa uma desculpa para não acompanhá-los:

— Eu estou esperando o retorno de um cliente. Assim que resolver isso, eu tenho que ir ao banco e só depois vou almoçar. Por favor, não me esperem — avisou, torcendo para que os dois desaparecessem logo da sua frente.

Alice, então, se aproximou de Lorenzo:

— Então, vamos logo, porque Luciana também não vai almoçar e seremos só nós dois hoje — ela disse, insinuativa, para ele, puxando-o para fora da sala.

— Quer que eu te traga alguma coisa? — ele ainda perguntou da porta.

— Não, obrigada. Eu vou almoçar mais tarde mesmo.

Beatriz suspirou aliviada quando eles, finalmente, fecharam a porta. Apoiou novamente a cabeça entre as mãos, entristecida porque Alice fizera com que se lembrasse mais uma vez da grande vergonha de sua vida, sentia raiva e frustração. E sentia novamente uma estranha sensação de ciúme por saber que os dois estariam almoçando sozinhos e que ela o divertiria com sua espontaneidade e alto-astral contagiantes.

Um pouco depois bateu a fome. Lorenzo e Alice não tinham voltado ainda e ela não queria encontrá-los no caminho, por isso tomou outra direção. Comeu apenas um lanche e decidiu caminhar um pouco e tomar uma água de coco antes de voltar.

Estava pagando a água quando viu duas pessoas conhecidas vindo na sua direção. Sentiu-se tão desorientada que se virou depressa para o outro lado a fim de não ser vista. Foi nesse momento que deu de cara com Lorenzo, chegando a derrubar um pouco de água de coco nele.

— O que faz aqui? — ela perguntou depressa.

— Está tudo bem?

Ele perguntou ao perceber o quanto ela parecia nervosa. Beatriz então se lembrou do casal que se aproximava e, de impulso, beijou os lábios do sócio. Lorenzo, sem entender, a correspondeu, trazendo-a mais para si. Bia se acolheu em seu peito, mais angustiada ainda pelo que acabara de fazer.

Queria tapar os ouvidos para não ouvir a voz odiosa que pedia duas águas de coco logo atrás de si, mas esperou que o casal se distanciasse para, então, se desfazer do abraço de Lorenzo. Ela estava totalmente sem graça e sem ação.

— O que aconteceu? — ela ainda estranhava sua atitude. — Por que me largou desse jeito?

— Pensei que iria perguntar por que “te agarrei” desse jeito — ela observou.

— Bem, essa parte, particularmente, não me incomodou — ele respondeu, sorrindo tranquilo.

— Para com isso, Lorenzo, isso não vai acontecer de novo — ela disse, recompondo-se. — Era o Daniel com sua namorada.

— Ah, então é isso? Eu fui usado? — ele perguntou, contraindo a testa, mas com certo bom humor.

— Desculpa — ela pediu, envergonhada. — Por favor, me desculpa, isso foi ridículo, mas fiquei tão incomodada que eles me vissem aqui sozinha enquanto exibiam a felicidade deles. Foi ridículo, eu sei. E infantil — ela lamentou.

— Foi engraçado — ele brincou. — Por um momento, pensei que eu fosse irresistível.

Bia baixou a cabeça, rindo sozinha. Lorenzo se aproximou, acariciando seu rosto.

— Mas confesso que foi bom, você me pegou de surpresa.

Ela virou o rosto discretamente para se livrar daquele toque.

— Por que está me evitando? — ele questionou, confuso. — Por que não podemos continuar brincando?

— Não faz isso, Lorenzo, você sabe que eu agi por impulso e eu não vou misturar as coisas — ela deixou logo claro.

— Por que não? Somos sozinhos e não devemos satisfação a ninguém.

Ela se sentiu incomodada com aquela conversa e quis logo mudar de assunto. Sabia que não queria encarar nenhum relacionamento, pois tinha medo de se machucar. Além disso, tinha consciência de que Lorenzo jamais se entregaria de verdade a outra relação. Sem contar que apreciava demais a amizade dele para arriscar perder por uma aventura.

— Somos amigos e não vamos estragar isso “nos aventurando” — ela, então, lhe disse, decidida. — O que estava fazendo aqui?

— Eu voltei do almoço e você não estava, então vim atrás de você. Fiquei preocupado que estivesse muito aborrecida com o comentário inconveniente de Alice.

Bia olhou para o amigo, um pouco comovida com a sua empatia. Lorenzo era mesmo uma pessoa muito especial, não estragaria aquela amizade por nada, pensou.

— Eu estou bem — ela afirmou. — Obrigada por ser essa pessoa tão doce. Vamos voltar — pediu, por fim. — Eu marquei com um cliente às duas, é sobre uma festa de quinze anos.

— Está certo, eu vou atender com você. Vamos fazer a festa mais linda e ter uma fila de debutantes querendo contratar a Rasé logo em seguida — ele disse, otimista.

Ela procurou acreditar naquilo e voltou para a empresa com Lorenzo, tentando fingir que não estava sem graça depois de sua atitude e, principalmente, tentando não lembrar o quanto o beijo dele era bom...

6 NA VARANDA, SOB A LUA

Na semana seguinte, Lorenzo bateu à porta do seu apartamento com um envelope:

— Temos um convite.

Beatriz estranhou a princípio, mas abriu o envelope, cujo selo era de São Sebastião do Rio Verde, deparando-se com o convite para as bodas de porcelana de Laura e Beto. Ela achou interessante, mas não deu muita importância:

— Eu nem sabia que se comemorava isso.

— São vinte anos de casamento, ela não quer deixar passar em branco.

— Puxa, ela casou nova! Não parece tão mais velha que você — Bia se surpreendeu.

— Quatro anos mais velha que eu, dois anos mais velha que o Beto. Eles começaram a namorar cedo e apressaram o casamento por causa da gravidez inesperada, sabe... — ele deu uma risadinha.

— Entendi. E isso significa que a maluca da sua sobrinha casou com apenas vinte anos.

— Deixa ela. Laura disse que namoram desde os quinze, que sejam felizes. O rapaz é gente boa.

— Você tem uma família encantadora, Lorenzo. E, embora Laura e Beto tenham se casado tão cedo, dá para ver que foi uma união que deu muito certo.

— Com certeza. O Beto é mais tranquilo, porém festeiro também, por isso concorda com as extravagâncias da minha irmã.

— Devem se divertir muito juntos — disse, lembrando-se com saudades do jeito espontâneo do casal.

— Eu esqueci de contar, mas minha irmã adora festas e tudo é pretexto para uma. Na verdade, Laura faz festa em “todas as bodas” — ele conta. — Então, tenho que te dizer que, se você aceitou ser sua amiga, vai receber convites a partir de agora até para a festa de aniversário do cachorro.

Beatriz riu junto com ele, mas quis logo uma desculpa para se esquivar:

— É muito gentil por parte dela me convidar, mas São Sebastião não é aqui do ladinho, é uma longa viagem e não faz um mês que voltamos de lá. Acho que vou ficar dessa vez; além disso, comemoração de bodas é uma coisa mais para família.

— Não é, não. É festa para amigos, e você faz parte desse círculo. Eu quero companhia.

— Já dei o primeiro passo com você para que se reaproximasse dos seus velhos amigos, agora acho que pode caminhar sozinho — ela lembrou.

— Mas não quero ir sozinho, quero ir com você. Ou vai dizer que não foi divertido da outra vez?

Sim, foi divertido, foi mágico e foi estranho, ela pensou, lembrando-se de todas as emoções compartilhadas com Lorenzo na última viagem. Era justamente por isso que queria fugir de outra.

— Claro que foi — ela admitiu. — Sua família e seus amigos são pessoas encantadoras, eu fui muito bem acolhida, mas...

— Mas... qual é a desculpa? Está ocupada demais para mim? Está me dispensando? — ele brincou. — Vamos, você me deve uma. Você me usou na semana passada e eu não reclamei.

Beatriz engoliu em seco, lembrando do beijo no parque. Sentiu-se envergonhada de novo, mas, ao mesmo tempo, perturbada com a confusão de sentimentos que aquela lembrança causava.

Decidiu aceitar o convite de Laura e se divertir um pouco. Longe de Belo Horizonte não corria o risco de se deparar com Daniel ou mesmo os convidados de sua fatídica festa de casamento. Sentia-se bem na cidadezinha do sócio, sem falar no acolhimento, era como se pudesse ser outra pessoa lá, alguém sem marcas ou tristezas do passado.

Viajaram numa sexta-feira, chegando em São Sebastião do Rio Verde ao final do dia. Aceitaram um lanche oferecido por Laura e, depois de se trocar, foram para o Gregory Bar. Dessa vez, contudo, Beatriz se conteve e prometeu a si mesma que não iria beber, de modo que ambos estavam bem mais comportados.

— Lorenzo se deu bem — Guto comentou, depois de oferecer uma bebida a Beatriz, sentando-se ao seu lado. — Além de trabalhar com eventos, que é o que ele mais gosta, conseguiu uma bela sócia — elogiou.

Beatriz sorriu, sem graça, ao mesmo tempo que reparou que Lorenzo os observava do bar.

— Lorenzo já havia trabalhado com meu pai, logo que se mudou para Belo Horizonte. E já conhecia a empresa.

— Entendi, mas vocês...

— Somos bons amigos — ela disse. — E você? Onde está sua esposa?

— Eu sou separado — ele contou. — Não sei se você sabe da nossa história, mas eu nunca dei muita sorte para o amor.

A empresária teve que rir, pois se lembrou da sua condição e a de Lorenzo.

— Quer fazer parte do nosso clube? — brincou.

— O que você quer dizer?

— Você perdeu seu amor para outro, Lorenzo perdeu para a vida e eu... bem, eu fui trocada praticamente na porta do altar — ela disse, sem receios de revelar suas frustrações dessa vez.

O que não queria era ouvir Guto se estender em lamentações. O amigo de Lorenzo a analisou uns segundos em silêncio e, então, ambos caíram na risada.

— Você tem razão, vocês estão muito piores do que eu — ele disse, dando uma gargalhada.

Beatriz riu com Guto, aliviada com seu bom humor e, em seguida, fizeram um brinde. Deparou mais uma vez com o olhar atento de Lorenzo, que conversava com o barman. Ele se aproximou depois com dois coquetéis, mas Bia lhe mostrou a caneca de chope que lhe fora trazida por Guto, e que ela, aliás, mal havia tocado, já que decidira não exagerar na bebida.

— Fui mais rápido dessa vez — Guto brincou.

Lorenzo foi se sentar entre eles, mas Guto se aproximou mais de Bia, abrindo espaço para o amigo ao seu lado e não ao lado dela.

— Então, me contem, o que estava tão engraçado? — ele quis saber.

— Sua sócia é engraçada. Antes que eu me lamentasse da minha vida sentimental, ela logo me convidou para o clube dos solitários de vocês.

Lorenzo foi obrigado a cair na gargalhada com os dois.

— Tudo bem, nesse caso, eu quero brindar também — ele brincou. — Quer dizer que se separou mesmo? — dirigiu-se, então, ao Guto. — Greg comentou alguma coisa.

— Sim, eu não tenho um gênio muito fácil, como você sabe. Além disso, me tornei bastante boêmio enquanto minha ex-esposa queria encher a casa de filhos. Não daria muito certo... — ele lamentou.

— Talvez precise de alguém boêmio como você — o sócio de Bia sugeriu.

— Ou, no mínimo, bem-humorada — Guto olhou para Beatriz.

Lorenzo olhou sério para os dois:

— Vamos para a fazenda? — ele chamou a amiga. — Já está tarde.

— O que é isso? Temos a noite inteira — Guto disse.

— Mas nós não temos — Lorenzo respondeu. — Precisamos arrumar energia para a festa de Laura e Beto amanhã. Você bem sabe como se estendem.

— Você tem razão, Lorenzo, melhor irmos embora agora e poupar energia — Beatriz concordou com ele. — Além disso, confesso que estou cansada da viagem.

— Tudo bem, nos encontramos amanhã, então — Guto se despediu.

Apesar de ter optado por não voltarem muito tarde para casa, antes de dormir os sócios ficaram alguns instantes na varanda apreciando a noite agradável, o céu claro de lua cheia.

Lorenzo trouxe duas xícaras de chá para os dois.

— Isso não é mesmo um sossego? — ele perguntou, apreciando a vista do jardim, iluminado pela luz da lua.

— Ah, é maravilhoso! Nenhum sinal de estresse, nenhuma vaga lembrança de contas para pagar — ela lembrou. — Você voltaria a viver aqui?

— Eu não sei, talvez... Até pensei em voltar um dia, quando estivesse aposentado, então me entregaria de vez à solidão.

— Que triste! Se entregar à solidão — ela balançou a cabeça. — Mas não seria o seu caso, você tem amigos aqui, é o lugar onde estão suas raízes — lembrou.

— Sim, são muitas lembranças — ele disse, com o olhar distante.

Bia imaginou que ele ainda estivesse sofrendo pela ausência de Júlia, de modo que mais uma vez sentiu compaixão pelo amigo:

— Talvez seja esse o problema, não é? As lembranças.

— Sim, talvez — ele respondeu.

Beatriz deitou a cabeça no seu ombro. Às vezes se sentia enternecida com a tristeza de Lorenzo. Ficaram assim ainda mais algum tempo, até que foram se recolher, vencidos pelo cansaço.

Ele ainda ficou uns instantes parado na porta do quarto dela e acariciou seu rosto. Apesar de tocada por aquele gesto de carinho, Bia apressou a despedida, temerosa pelas sensações que a presença tão constante dele estivessem lhe causando. Temeu quando ele fez menção de se aproximar, mas ele mesmo se conteve e se afastou para que ela entrasse, parecendo também cair em si.

Sozinha em seu quarto, ela recordou o olhar triste de Lorenzo pensando em suas recordações. Uma perda que ele jamais superaria e um amor que jamais seria suplantado ou substituído, concluiu.

De manhã, logo após o café, os dois saíram para uma caminhada. O dia estava ensolarado, mas agradável, pois uma brisa refrescava a manhã e tornava o dia aconchegante. A paisagem da fazenda era sempre envolvente, o verde, o cheiro de mato. Porém o que tornava a caminhada mais agradável era, sem dúvida, a companhia de Lorenzo; podia ficar horas ao lado dele ouvindo sua voz calma ou compartilhando com ele seu silêncio. Não havia cobranças, não havia peso, apenas uma cumplicidade acolhedora.

Os dois pararam alguns segundos no topo da colina, onde ela mais uma vez aconchegou a cabeça em seu ombro. Por uns instantes, ela pensou

que ficaria assim para sempre.

— Sabe, Bia, sua companhia tem me feito tão bem! — ele disse quando a ajudou a se levantar, mais tarde. — Eu sou muito grato por sua paciência comigo, com essa dor que eu carrego por tantos anos.

— E da qual você vai se libertar um dia.

— Da qual eu já estou me libertando — o amigo disse, surpreendendo-a.
— Às vezes penso que somos tão cúmplices que poderíamos... — ele se calou.

Beatriz suspirou, correspondendo seu olhar em silêncio e temendo que ele continuasse.

— É para isso que servem os amigos — ela logo disse. — Eu ficarei ao seu lado até que essa dor suma completamente e você esteja pronto para ser feliz de novo.

Lorenzo pensou um pouco sobre aquilo, imaginando se já não era feliz.

— E daí você fará o quê? Vai me liberar, se eximindo da responsabilidade de continuar zelando pelo meu bem estar? — ele brincou.

Beatriz riu junto com ele, meneando a cabeça.

— Estarei em sua vida até que me dispense.

— Por que eu faria isso? Não, eu não consigo mais imaginar minha vida sem você.

Ele a abraçou e voltaram assim para o casarão. Beatriz fechou os olhos uns segundos, sentindo-se feliz e acolhida. Tampouco ela entendeu exatamente o que sentia naquele momento, amizade, carinho, amor... Também não sabia imaginar a vida sem a companhia de Lorenzo.

Assim que retornam ao casarão, deparam-se com uma visita, que não pareceu estranha para Beatriz. Era uma mulher muito bonita, cabelos castanhos com algumas luzes douradas, olhos claros, vestia-

se elegantemente. Ela se levantou assim que os viu e dirigiu o olhar a Lorenzo com um sorriso. Foi então que Bia se lembrou que era a mesma mulher com quem o vira conversando na festa de casamento da Telma, e logo percebeu o olhar surpreso do sócio.

— Melissa?

— Lorenzo! — Ela pareceu mais exclamativa e extasiada do que ele. — Quanto tempo!

— Não tanto tempo dessa vez — Ele provavelmente se referiu ao último encontro no casamento de Telma. — Como você está?

— Eu estou ótima! E feliz por estar de volta. Minha passagem por aqui na ocasião do casamento da Telma foi tão rápida que, por pouco, eu nem conseguiria te ver.

Beatriz se sentiu um pouco incomodada com o olhar tão fixo da visitante sobre o seu amigo e mais incomodada ainda por ver o quanto ele ficara admirado com a sua presença. Não podia negar, o que estava sentindo era uma pontinha de ciúme. Constatou que não viera preparada para dividir a amizade de Lorenzo com ninguém.

— Não vai me apresentar sua amiga? — Ela logo quis interromper aquele momento e não se sentir tão excluída.

— Claro, Bia, me desculpe. Essa é Melissa, uma amiga de longa data como os demais que você conheceu. Melissa, essa é minha sócia Beatriz.

Melissa se aproximou simpática:

— Então essa é sua sócia? Muito prazer. Laura me falou sobre você.

— O prazer é meu. Eu ainda não tinha ouvido falar de você, apesar de achar que já havia conhecido todos os amigos de Lorenzo — Bia comentou.

Melissa olhou de canto para Lorenzo e lhe sorriu, um sorriso que não agradou Beatriz nem um pouco. Começou a ficar tão incomodada

que decidi deixá-los a sós e fingir para si mesma que não estava se importando.

— Bem, pelo jeito vocês têm muito assunto a pôr em dia, vou deixá-los.

— Não, Beatriz, não vá, nos faça companhia — Lorenzo pediu.

— Eu vou ver a que horas o almoço estará pronto, estou faminta — ela disse, dirigindo-se para a cozinha.

Antes de abrir a porta, olhou-os mais uma vez e viu que se sentaram para conversar. Não podia negar que a visita de Melissa tinha estragado seu final de semana, pois a mulher ficou para o almoço e quase monopolizou seu sócio. Mais tarde, aprontaram-se para ir ao Gregory Bar, onde comemorariam as bodas de porcelana da irmã de Lorenzo.

Foi ele quem bateu à porta do quarto:

— Está pronta?

— Sim — ela pegou a bolsa.

— Você está bonita — ele elogiou.

— Obrigada. Onde está sua amiga?

— Ela teve que ir para casa.

— E vai nos encontrar na festa? — ela quis saber.

— Disse que sim.

Beatriz não podia negar a si mesma que não tinha gostado muito da notícia, mas tentou agir com naturalidade:

— Vejo que o meu sócio não seria tão solitário assim se voltasse a morar em São Sebastião do Rio Verde... Você não tinha me falado dela.

— Eu não iria me lembrar de todos os meus amigos — ele observou.

— Não me pareceu apenas uma amiga.

Ele a olhou intrigado:

— Está com ciúmes?

— Não! — ela protestou.

— Eu não vou te trocar — ele brincou.

— Para com isso — ela riu, fingindo estar à vontade. — Vamos depressa.

— Na verdade, Melissa é só uma amiga, como todos os outros, apesar de já termos tido mais do que amizade — ele revelou. — Bem, estou te contando isso só para saber que não te escondo nada.

— Você nem precisava ter me contado, é uma coisa sua, você não deve se sentir obrigado a me contar tudo. Claro que eu estou surpresa, achei que sua esposa tinha sido seu único amor.

— Melissa foi uma namorada ou algo assim, antes de Júlia surgir na minha vida. Mas ela foi embora, nunca gostou muito de ficar isolada neste fim de mundo — ele lhe contou, enquanto se dirigiam para a festa.

Beatriz bem que ficou curiosa para saber um pouco mais, porém não quis demonstrar e não insistiu no assunto.

No bar do Grego, mais uma vez, a empresária se comportou e evitou beber para não cometer o mesmo erro da viagem anterior. Entretanto, apesar de não ingerir nada com álcool, ela se divertiu do mesmo jeito com Lorenzo e seus amigos.

A festa tinha sido diferente e, para surpresa de todos, Laura e Beto entraram em suas motocicletas para lembrar de como haviam se conhecido. Beatriz achou muito original e cada dia mais se divertia com as loucuras da irmã do seu sócio.

De fato não se arrependeu de ter ido, já que na capital estaria trancada em casa revendo os mesmos filmes. Por outro lado, em São Sebastião do

Rio Verde a noite estava divertida e, às vezes, Lorenzo passava o braço por cima do seu ombro quando riam de alguma coisa. Talvez por isso tenha surgido o comentário indiscreto de Laura:

— Sabia que vocês formariam um belo casal? — ela sugeriu, antes de dar um beijinho no esposo. — Não é Beto?

— É, eu já tinha pensado nisso — o esposo concordou. — Você precisava de uma pessoa assim, para frente, como a Bia.

— Sim, mas nós já formamos um belo par, somos os sócios mais unidos do mundo — ela disse logo, querendo quebrar o clima e parecer natural.

— Ora, não falamos disso, não se façam de bobos — Beto brincou.

— Olá!

Uma figura conhecida por sua insuportável simpatia se aproximou da mesa naquele momento, quebrando um pouco o clima da conversa.

— Olá, Melissa. Ficamos sabendo hoje que estava na cidade, como vai?

— Greg a cumprimentou. — Seja bem-vinda.

— Sim, apesar de ter perdido a parte principal, que foi a nossa entrada

— Laura lembrou.

— Eu tive uns imprevistos, mas ainda dá tempo de festar um pouco com vocês — ela fez questão de dizer.

— E, então, vai ficar até quando? — Laura perguntou.

— Dessa vez, eu vim em definitivo — a recém-chegada respondeu.

Beatriz percebeu que ela olhou para Lorenzo quando disse aquilo, de modo que instintivamente levou um copo de bebida à boca. Procurou disfarçar depressa, iniciando uma conversa com Geovana, esposa do Greg, assim que viu Melissa pegar uma cadeira e colocar ao lado do sócio da Rasé.

Porém Lorenzo não ficou muito tempo conversando com Melissa, pois foi convidado para subir ao palco e cantar uma música junto com sua antiga banda. Para surpresa e desespero de Beatriz, ele a convidou para ir junto:

— Não, não faça isso, não me mate de vergonha — ela pediu.

O amigo, no entanto, parecia decidido:

— Vamos lá, será nossa convidada hoje — afirmou.

Laura aproveitou para incentivar ainda mais:

— Beatriz! Beatriz! — gritava, batendo na mesa.

— Nossa convidada de hoje é a Beatriz — Lorenzo disse do palco. — Porque ela adorou essa música e me lembro que cantava bem alto da outra vez.

— Quase aos berros, por sinal — Beto falou ao microfone também, brincando com a amiga do cunhado.

Beatriz não teve saída e foi obrigada a encarar o desafio de cantar “Não quero outro amor” em cima do palco com o sócio. Fez um sinal para que Laura subisse também a fim de que não se sentisse tão sem graça. Laura foi ao lado do esposo, dançando com eles.

Beatriz acabou se divertindo, apesar de nunca ter se imaginado em um palco em frente a um microfone, justo ela que sempre fora um pouco insegura. Mas naquele lugar, entre os amigos de Lorenzo que agora eram seus novos amigos também, ela se sentia tão à vontade que podia correr o risco de parecer ridícula apenas para se divertir um pouco.

Mais tarde, ela e Melissa se encontraram no toalete.

— Lorenzo me falou tão bem de você, disse que o tem ajudado muito desde que se conheceram — a ex-namorada de Lorenzo comentou. — Ele ficou tão amortecido com a perda da esposa. Quando eu o vi, na ocasião do velório, ele estava arrasado — lembrou.

— Meu sócio é uma ótima pessoa. Eu fico feliz em poder ajudar — ela respondeu, mas não quis estender muito a conversa, pois queria aproveitar a noite ao máximo.

Quando saiu, Bia reconheceu as vozes de Guto e Lorenzo, saindo do toalete masculino:

— Que demonstração de ciúmes foi aquela ontem em relação a sua sócia e eu? — Guto perguntou.

Beatriz fingiu procurar algo em sua bolsa para ouvir um pouco mais, sem se afastar. O bar estava cheio, de modo que não perceberam sua presença.

— Imagine! Eu não sei do que você falando — o sócio da Rasé respondeu, dando de ombros.

— Ora, não se faz de bobo. Se está interessado nela, por que não a assume de uma vez?

— Bia é uma ótima amiga e eu não quero saber de nenhum outro relacionamento na minha vida — ele respondeu.

Bia se escondeu um pouco mais, sem saber o quanto a resposta de Lorenzo a surpreendera. Ela já sabia disso, sabia que ele não queria compromissos, assim como ela, e sabia, principalmente, que ele nunca amaria alguém como amara Júlia. Só não compreendia por que ouvir ele próprio falando a incomodou tanto.

— Que ótimo! Porque eu estou solteiro — Guto brincou.

Lorenzo riu com o amigo, mas Beatriz não conseguiu mais ouvir os dois porque se afastaram, e no salão o barulho era bem mais intenso. Passou a mão no rosto, sentindo-se estranha, talvez preferisse que ele tivesse repreendido o colega em vez de apenas rir.

Quando se aproximou da mesa, ela foi surpreendida por Guto, que a puxou para a pista. Enquanto isso, Melissa pôde ficar à vontade

conversando um pouco mais com Lorenzo, que não demorou muito para trazê-la para pista e chamar Laura e Beto também.

Todos festaram um pouco mais, até que ele se aproximou novamente da sócia, chamando-a para irem embora:

— Eu não sei quanto a você, mas estou bem cansado. Quer ir para a fazenda agora?

— Eu posso levar a Bia depois — Guto se ofereceu.

— Nada disso, minha convidada veio comigo e vai voltar comigo — ele logo disse colocando o braço sobre os ombros dela. — Não é mesmo, Bia?

Guto sorriu para o amigo, balançando a cabeça.

— Pode ser que ela queira ficar mais um pouco... — ele, então, sugeriu.

— Hoje não.

Beatriz preferiu dizer, até porque não queria arriscar ser levada por Guto para casa e, de repente, levar uma cantada. Sentia-se tão despreparada para novos relacionamentos que estava sempre fugindo de qualquer proximidade.

— Eu também estou bem cansada — ela justificou.

— “Hoje não” já é um bom começo — Guto disse. — A gente se fala, então. Me deixa teu contato.

Ela pegou um cartão da empresa e estendeu para ele, antes de partir com o sócio, que já a puxava discretamente.

— O que está fazendo? — Lorenzo perguntou, enquanto iam para o carro. — Você mesmo ouviu ele dizer que é um boêmio — ele se referiu ao fato de os dois terem trocado telefones.

— É, você está certo, seus amigos estão me levando para o mau caminho
— Bia respondeu, tranquila.

— Como assim? Em que sentido? Não estou entendendo — ele parecia confuso.

— O que você precisa entender? — ela estranhou o seu questionamento.

— Preciso cuidar de você, não quero que se machuque de novo — Lorenzo justificou. — E Guto, como ele mesmo disse, tem um gênio difícil, vive em baladas.

— E faz parte do nosso clube dos solitários agora.

— Acontece que nós somos solitários porque nos isolamos, mas o Guto descontou suas frustrações “caindo no mundo”. Ele até foi uma pessoa bem caseira um dia, mas mudou muito — o sócio justificou.

— As pessoas não perdem sua verdadeira essência — ela afirmou.

Lorenzo contraiu a testa, pensativo.

— Está interessada nele? — indagou.

— Não estou interessada em ninguém — ela afirmou. — E, como eu te disse em outra ocasião, estou ótima assim. Ninguém vai me machucar de novo.

Já era bem tarde quando Lorenzo e Bia chegaram à fazenda. Diferente de Laura e Beto, não estavam acostumados a noites inteiras de festa.

— Boa noite — Ela se despediu depressa, mais uma vez, não querendo se estender demais.

No entanto, para sua surpresa, foi ele quem bateu à porta de seu quarto, um pouco depois, com uma garrafa de vinho e duas taças:

— Vi que não bebeu ontem e hoje, então vim tentar te embriagar.

Beatriz sorriu, balançando a cabeça:

— O senhor anda muito engraçadinho ultimamente, Seu Lorenzo.

— Estou brincando. Vim ver se quer se despedir dessa lua maravilhosa comigo, lá na varanda. Imaginei um conhaque para lembrar do poema de Drummond, mas sei que você prefere um vinho, então...

— Pensei que convidaria Melissa — ela comentou.

— Bem, eu nem sei onde Melissa está a essa hora, minha convidada é você. Mas se vai se desfazer de mim...

— Tudo bem, eu te acompanho.

Ela respondeu, seguindo com Lorenzo até a varanda. A paisagem era a mesma da noite anterior, uma lua gigante iluminando o vasto campo ao redor do casarão, destacando formas de pinheiros. No silêncio da noite na fazenda, podia-se ouvir o cricrilar dos grilos no quintal e o canto delicado das saíras-amarelas escondidas nas árvores, admirando a mesma natureza. Era aconchegante!

Sentaram-se no banquinho estrategicamente posicionado para a apreciação da natureza, então Lorenzo colocou uma taça em sua mão e encheu, propondo um brinde. O vinho desceu suave, demi-sec, como ele sabia que ela gostava, desceu doce e amargo como aquele momento. Doce da ternura, da companhia agradável do sócio, amargo da incômoda sensação de que não era o suficiente. De que uma recôndita inquietação dentro de si ansiava por mais do que o amigo podia lhe dar.

Fecharia os olhos para a realidade, como fechou naquele momento suspirando por uns segundos, quando compartilhou o silêncio de Lorenzo. Sabiam o momento em que o silêncio era mais intenso que palavras. O silêncio que ele quebrou mais tarde:

— Eu definitivamente ficaria nesse momento para sempre.

— Nesse momento ou nesse lugar? — Ela sabia que fazia diferença.

— Os dois.

— Talvez agora tenha alguma razão para ficar por aqui — Bia referia-se a Melissa, mas não mencionou seu nome.

— Não ainda, não vou te abandonar — ele respondeu. — A empresa está indo tão bem agora e vai ficar melhor.

Não ainda? O que ele quis dizer? Beatriz se perguntou, talvez o reencontro com Melissa tivesse mudado alguma coisa para ele.

— Não vai deitar a cabeça no meu ombro agora? — ele estranhou.

— Não — respondeu, de impulso.

— Está sentindo o mesmo medo que estou?

— Do que você está falando? — ela questionou.

— Essa lua, esse vinho, esse silêncio convidativo...

Beatriz estremeceu diante daquele comentário. Aonde Lorenzo queria chegar?, perguntou-se, receosa, sem saber se devia ou não interromper o fluxo daquela conversa.

— Hoje eu não bebi — ela logo disse.

— Eu percebi — Ele se calou uns instantes. — Também não bebi dessa vez, o que não significa que esteja indiferente.

— Não foi para isso que me trouxe aqui — Ela tentou logo fugir dos sentimentos incômodos provocados por aquela conversa. E por aquela lua...

Lorenzo depositou sua taça na mesinha ao lado e virou-se para ela, acariciando sua face.

— Não faça isso — ela pediu, confusa.

— O que mais uma noite como essa propõe? Por favor, Bia, não somos crianças. Você prefere o silêncio? Já silenciámos demais, deixa as sensações aflorarem nesse instante, seria um desperdício não concretizar isso agora. Não penso em outra coisa desde que nos sentamos aqui ontem à noite...

Lorenzo a trouxe mais para si, tocando seus lábios. Beatriz não teve reação, e não podia, tendo em vista o quanto o desejava naquele momento.

Depois de uns segundos, ela tentou se desfazer, mas Lorenzo a apertou mais intensamente, deixando-a frágil demais para se esquivar.

— Não vamos fazer isso — ela, então, se levantou. — Eu estou bem sóbria agora.

Bia teve medo de se perder em seus braços e de perder de vez sua amizade, pois não conseguiria mais separar as coisas e esconder os sentimentos que a perturbavam. Sentimentos maiores do que amor de amigos, sentimentos que já não conseguia esconder de si mesma. Não podia perdê-lo, não podia desistir de ver o amigo curado de sua dor, mas não podia colocar a própria dor em risco.

Ele se levantou também, segurando seu braço.

— Eu também estou bem sóbrio, e essa é uma boa razão para não fugirmos agora — ele argumentou. — Ou você vai me dizer que só fizemos aquilo porque havíamos bebido além da conta? — ele se referiu à noite de amor que tiveram na viagem anterior.

— Sim, você sabe que foi isso — ela respondeu depressa. — Estávamos alterados, carentes e tudo foi propício...

Lorenzo a observou uns segundos em silêncio.

— Venha, eu vou te levar até seu quarto — ele decidiu, parecendo aborrecido com a resposta dela.

Beatriz suspirou, aliviada, seria melhor assim, pensou.

— Boa noite, Lorenzo — ela lhe disse em frente ao quarto.

Tentou não prolongar aquele olhar, abrindo a porta e se virando para entrar, mas ele a segurou.

— Eu não quero acreditar que tenha sido apenas porque bebeu demais — ele se referiu novamente à noite que passaram juntos.

— “Nós” bebemos demais — ela ressaltou.

— Hoje não bebemos e sinto o mesmo desejo.

— Está envolvido pela lua e o vinho — ela tentou brincar. — Não vou te perder — disse, confusa e apreensiva.

— Você não vai me perder, e eu não quero te deixar agora a não ser que você me peça. É isso mesmo que quer? Que eu vá para o meu quarto?

Ela engoliu em seco, sem coragem de negar o desejo que sentia. Talvez não precisasse de palavras, pois seus olhos apelativos a entregavam naquele momento.

— Me deixa ficar... — ele insistiu..

Beatriz abriu a boca para dizer não, mas as palavras não saíram de seus lábios que, ao contrário, ficaram ainda mais convidativos ao toque.

— Vou entender o seu silêncio como um sim.

Lorenzo acariciou seu rosto novamente e deu um passo para frente, de modo que ela recuou e ele entendeu que abria espaço. Então a conduziu para dentro, tocando seus lábios mais uma vez. Ela quis pedir que ele parasse, mas como negar tanto carinho? Lorenzo a observava em silêncio, tocava seu corpo sem pressa, despiando-a devagar, e ela teve certeza, naqueles instantes, que o desejava ardentemente.

Bia demorou a pegar no sono e ficou pensando em como fazer para não se apegar a alguém tão carinhoso como o sócio. Não segurou o desejo de o abraçar depois que fizeram amor e dormiu aconchegada em seus braços.

Na manhã seguinte, ela acordou sem graça ao perceber que ainda estava abraçada a Lorenzo, de modo que tentou sair sem despertá-lo, mas ele a segurou.

— Bom dia — ele disse, apertando-a contra si.

— Você já está acordado? Bom dia.

— Sim, já estou acordado, mas não quis me levantar para não te despertar. Não temos compromisso hoje, vamos viajar só no final da tarde. Você dormiu bem?

— Sim, e você?

— Tão bem como não dormia há muito tempo — ele respondeu. — Vou para o meu quarto, antes que alguém acorde, e nos encontramos para tomar o café da manhã juntos, pode ser?

— Claro, vai depressa. Vou ficar morrendo de vergonha se alguém te ver saindo do meu quarto.

— Aposto que ninguém se incomodaria.

— Vai depressa — ela brincou, apressando-o.

Queria que ele saísse logo para se levantar. Ainda lhe causava muita estranheza se ver despida diante de Lorenzo.

7 FANTASMAS DO PASSADO

Lorenzo a deixou e Bia foi tomar um banho, ainda se lembrando da entrega tão intensa na noite anterior. Sentia que ficaria mais difícil dominar o que estava sentindo, principalmente agora que não tinham a desculpa de ter sido consequência da bebida.

Quando ela desceu, ele já a esperava na sala de estar. Passou o braço pelos ombros dela e seguiram juntos para o desjejum. Laura logo se juntou a eles. Depois do café, Lorenzo a convidou para caminhar pela fazenda e conhecer mais um pouco da rotina. Viram o gado pastando e, dessa vez, ela até alimentou umas ovelhas, mas se divertiu mesmo tentando tirar leite da vaca, de modo que aquela manhã foi de muito riso entre os dois.

Bia nada disse quando ele a abraçou novamente ao longo do caminho, e se deixou conduzir por ele, ainda apreensiva com tanto contato, tanto carinho e, o mais difícil, ainda com as lembranças da noite anterior. Porém nada disseram naquela manhã, apenas o abraço e o olhar de Lorenzo eram mais intensos do que os costumeiros abraços e olhares que trocavam como amigos. Ela não quis questionar ou tentar compreender o que aquelas sensações significavam, quis apenas sentir.

Combinaram de ir ao centro da cidade. Ela subiu para se arrumar enquanto Lorenzo foi até o celeiro ajudar Beto. Estava terminando de se trocar quando bateram à porta do quarto.

— Olá — a simpática ex-namorada de Lorenzo entrou sorridente.

— Oi, Melissa — Beatriz estranhou a visita.

— Que bom que encontrei alguém em casa — ela disse, já entrando. — Vocês estão voltando hoje?

— Sim, vamos dar uma passadinha no centro da cidade porque Lorenzo quer visitar uns conhecidos. De lá voltamos para Belo Horizonte.

— Estou muito feliz por te conhecer — a outra aproximou-se. — Lorenzo me contou o quanto você o tem ajudado.

— Ele disse isso a você?

— Sim, conversamos muito ontem quando eu cheguei e ele me falou que você é uma amiga muito especial, que tem sido muito presente. E persistente também — Melissa contou.

Beatriz forçou um sorrisinho. Obviamente não ficara feliz em saber que ele se referira a ela daquele modo, mas era uma realidade da qual não podia fugir, Lorenzo a via como uma boa amiga. Inclusive foi o que confirmara a Guto na noite anterior.

— Bem, eu faço o que qualquer pessoa faria. Lorenzo é um sujeito muito especial, não merece viver amargurado por uma perda que não pôde evitar — ela comentou apenas.

Melissa logo concordou com ela:

— Claro, com certeza Lorenzo merece ser feliz e eu gostaria muito de estar mais presente agora.

Beatriz estranhou o seu comentário e ficou curiosa para entender melhor o que significava.

— Como assim? — ela quis saber.

— Eu senti muita falta dele quando estive fora, mas ele se fechou de um jeito absurdo quando a esposa morreu. Ao menos foi o que me disseram, por isso nem fiquei no Brasil depois que ela se foi. Vim apenas para o velório e me doeu muito ver a tristeza dele.

— Não foi uma perda fácil, com certeza. E acredito que foi mais difícil ainda enfrentar tudo isso junto ao rancor do Guto — ela lembrou.

— Sim, certamente foi o mais difícil, mas graças a você, que insistiu tanto que ele viesse, hoje eles retomaram a velha amizade. Foi um alívio para todos.

— Ele te contou isso também? — ela perguntou, sem entender por que estava tão incomodada de ser ressaltada o tempo todo como a boa amiga.

E, na verdade, é o que era, lembrou, brigando com os próprios sentimentos.

— Ele me contou sim, me falou sobre o grande bem que sua amizade tem feito a ele.

Beatriz sentiu-se mais uma vez contrariada ao ouvir aquela expressão. Afinal, não significaria mais do que isso mesmo para Lorenzo.

— Vocês se conhecem muito bem pelo que posso ver — ela acabou dizendo.

— Minha história com Lorenzo é muito antiga, muito antes de Júlia — Melissa revelou, sorrindo. — Fomos o primeiro amor um do outro e acho que seremos sempre.

Beatriz a olhou confusa:

— Achei que o grande amor de Lorenzo fosse a Júlia, por quem ele sofre até hoje.

Melissa se sentou, parecendo empolgada em falar sobre a história dois:

— Pode ser, mas ela se foi. E nossa história é diferente. Ainda acho que ele só se envolveu com ela para me esquecer, já que eu o deixei. Entretanto, antes que ele a conhecesse, eu era sempre aquela por quem ele esperava.

— Então... vocês tiveram... “idas e vindas”?

— Sim, e todas as vezes que eu voltava nos envolvíamos de novo. Até que, um dia, eu voltei e ele já estava muito envolvido com a Júlia.

— Que história interessante, ele nunca havia me falado sobre isso — Bia comentou, surpresa por saber que o relacionamento entre os dois era mais intenso do que ele havia comentado.

— A verdade é que eu magoei muito o Lorenzo. Por outro lado, a Júlia era aquela pessoa maravilhosa, linda, presente, a esposa companheira com quem qualquer homem sonhava, tanto que ele e Guto se apaixonaram por ela. É claro que ele não trocaria uma esposa tão perfeita por uma inconstante como eu — ela deu um sorrisinho sem graça.

— Eu não conheci a esposa dele, senão por foto. Mas você é linda, posso entender por que Lorenzo se encantou por você.

— Ah, obrigada, Bia, você é tão gentil — Melissa a abraçou num impulso.
— Também consigo entender o carinho dele por você.

Bia se afastou, sem graça, fingindo procurar algo:

— Mas, e agora, você pretende o quê? — perguntou.

— Pretendo conquistá-lo de novo — Melissa disse sem hesitar. — Agora estou de volta e dessa vez em definitivo. E acredito que é hora de ele superar o fantasma da esposa.

— Ele te deu alguma esperança? — Bia perguntou, curiosa.

— Eu não preciso que ele me dê esperança, sempre achei que estávamos predestinados um ao outro.

Bia ficou em silêncio enquanto ouvia o discurso apaixonado de Melissa. As duas tinham provavelmente a mesma idade, mas por alguma razão se sentiu pouco atraente perto da outra, de um olhar profundo e sorriso marcante. Era tão elegante e viajada, cheia de histórias para contar. Mas o pior de tudo era sua insuportável simpatia e o fato de ter com Lorenzo uma história de longa data, de modo que não conseguia nem mesmo considerá-la como rival. Ou, quem sabe, devesse vê-la como a chance de um recomeço para o amigo.

Foi ele quem entrou naquele instante:

— Olá! Ora, ora, o que temos aqui? Mulheres tricotando.

— Oi, Lorenzo, que bom que chegou. Fiquei com medo de não conseguir me despedir — Melissa se virou, sorridente, para ele.

— Estou aqui, mas já estamos de saída. Você está pronta?

Lorenzo se aproximou de Beatriz, que se afastou imediatamente.

— Sim, eu já estou pronta e preciso falar rapidinho com a Laura. Vou deixar vocês dois à vontade — disse, retirando-se depressa.

Ela quis afastar-se o quanto antes para não presenciar nenhuma cena que a deixasse constrangida. Lorenzo pareceu não compreender a sua pressa em se retirar, enquanto Melissa ficou bem agradecida com a atitude da sócia do ex-namorado.

Um pouco depois eles desceram e Lorenzo encontrou-se com Beatriz na cozinha, chamando-a para irem ao centro visitar o casal de amigos que os estava esperando.

— Melissa, você não vem conosco? — Bia perguntou.

— Bem, eu até iria, mas eu e a Vivian não somos muito amigas — Melissa sorriu sem jeito.

— Ah, está bem, não vamos ficar falando de desentendimentos passados. Estamos atrasados — Lorenzo logo disse a fim de que não se delongassem mais.

Entretanto é claro que Bia ficou curiosa, não se segurando enquanto se dirigiam ao centro:

— De que desentendimentos você estava falando? Vivian e Melissa não se gostam por quê? Seria Vivian outra ex-namorada sua?

— Não! — ele riu daquilo. — Claro que não, eu não sou esse tipo de pessoa e Vivian é quase uma irmã para mim.

— Então...

— Então pare de ser curiosa e me conte o que fez enquanto eu estava fora.

— Fiquei escutando sobre sua história de amor — ela, então, respondeu.

Lorenzo deu uma gargalhada:

— Se ficou sabendo algo, então me conta porque eu não sei — disse, tranquilo.

Bia deu um sorrisinho amarelo, não querendo mais falar sobre aquilo. Quando desceram, ele foi passar o braço sobre o seu ombro, mas ela se esquivou.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou.

— Não, não aconteceu nada.

Lorenzo pareceu estranhar seu comportamento:

— Pensei que ontem tivesse significado alguma coisa para nós — ele comentou.

— E significou, uma noite de prazer entre dois adultos — ela respondeu, seca, querendo parecer indiferente.

— Você não combina falando desse jeito.

— O que eu deveria dizer? Uma noite de amor? — ela riu, tentando parecer natural, mas era um riso tenso.

— Soaria mais agradável.

— Ora, Lorenzo, você é muito engraçado — Bia ainda fingia levar tudo na brincadeira. — Nós dissemos que não iríamos misturar as coisas.

— Eu acho que já fizemos isso — ele disse em tom de alerta.

— Você não vai bater na porta? — ela perguntou, tomando a iniciativa, a fim de que aquela conversa fosse interrompida.

Mais uma vez Lorenzo a observou em silêncio, enquanto Bia desviou o olhar. Um casal simpático abriu a porta em seguida:

— Lorenzo, meu amigo, que bom que vieram — a mulher o abraçou e depois se dirigiu a Bia. — Muito prazer, sou a Vivian. Eu e meu marido chegamos de viagem hoje de manhã, esse é o Ricardo, mas todos o chamam de Kadú.

— Muito prazer.

— Senti falta de vocês na festa ontem — Lorenzo falou.

— Nem me fale, perdemos o voo. Na verdade, passamos a noite no aeroporto, estamos exaustos, mas não iríamos admitir que fosse embora sem nos ver, já basta que, quando você veio para o casamento de Telma, também estávamos fora. Vamos, entrem depressa, preparei uma mesa deliciosa para recebê-los.

Vivian logo os conduziu para a sala de jantar, onde uma mesa farta os aguardava.

— Ora, se eu vier mais vezes a São Sebastião do Rio Verde, vou ganhar alguns quilos. Vocês nos oferecem gostosuras o tempo todo — Bia observou.

— Isso não é verdade porque eu bem sei que você não tem tendência a engordar — Lorenzo brincou com ela. — Quando eu a conheci, ela almoçava sanduíche e jantava pizza. Ou era pipoca? — dirigiu-se aos anfitriões e, depois, à Bia de novo.

A dona da Rasé se viu obrigada a rir com o sócio, balançando a cabeça sem graça.

— Jura? Ai, que inveja — Vivian se divertiu com os dois. — Bem, Beatriz, você já deve ter percebido que o pessoal daqui é muito hospitaleiro mesmo. E, sendo amiga de Lorenzo, é nossa amiga também.

— Obrigada — ela agradeceu.

— Eu estava louca para te conhecer, Laura me falou tão bem a seu respeito. Disse, inclusive que era a cunhada que pediria a Deus.

Vivian brincou, conseguindo deixar Bia bem sem jeito mais uma vez.

— Laura é mesmo muito brincalhona — ela disse, mudando depressa o rumo da conversa. — Achei muito criativo ela e o esposo entrarem de moto na comemoração das bodas.

— É bem a cara dos dois — Kadú respondeu.

— Bem, mas já vou avisando que não podemos demorar muito, pois pegaremos a estrada hoje ainda — Lorenzo lembrou.

— Ah, que pena, mas por que não vieram antes? — Vivian quis saber.

— É que Lorenzo estava com visita, a Melissa. Eu até a chamei para vir, mas ela não podia — Bia explicou.

Vivian não fez uma expressão muito contente:

— Que ótimo que não veio, não faço mesmo questão da visita dela. E espero que você também não, meu querido — Vivian logo se manifestou, dirigindo-se ao sócio da Rasé.

— Deixe disso, Vivian. Lorenzo é adulto o suficiente para saber se cuidar — Kadú balançou a cabeça, repreendendo carinhosamente a esposa.

Bia ficou esperando que Vivian mesmo acabasse revelando o motivo de ela e Melissa não se gostarem, pois logo percebeu que a amiga de Lorenzo gostava muito de falar. Conforme imaginou, a mulher de Kadú continuou discursando:

— Mas eu espero que tenha aprendido, com as decepções da juventude, que ela não é confiável — disse para Lorenzo e depois se virou para Bia: — Sabe, ela sempre o iludia e, então, ia embora! — contou espontaneamente.

Lorenzo meneou a cabeça, sorrindo:

— Vivian sempre se comportou como uma irmã mais velha, mas olha só para ela, era minha garotinha, a irmã mais nova que eu não tinha. Sou eu quem dou broncas aqui, viu? — ele disse, levando-a na brincadeira.

— Você é um ingênuo que se deixou levar tantas vezes por ela — a amiga, nada discreta, fez questão de dizer.

— Mas ela disse que veio para ficar desta vez — Bia fez questão de comentar a fim de ver a reação de Vivian.

— Ah, que lástima! Como ela sempre faz. Mas chega dessa Melissa, deixa ela lá no passado — Vivian disse para Lorenzo. — Aliás, eu não sei por que vocês dois não se juntam, fariam um par perfeito, bem que Laura disse.

— Vivian! — O esposo novamente chamou sua atenção, envergonhado da indiscrição da companheira.

— É verdade! — A outra se defendeu, justificando-se. — Puxa, me falaram tão bem de você! Da última vez que estive aqui todos te adoraram, por isso que fiquei curiosa para te conhecer.

— Devo dizer que me encantei com todos também. Os amigos de Lorenzo parecem uma grande família e me receberam tão bem que me senti casa — Bia falou.

Vivian fez questão de reforçar esse acolhimento:

— Sempre será bem recebida em São Sebastião do Rio Verde, minha querida. Sei que é graças a você que Lorenzo está aqui.

— Bem, ele não precisava ter dito isso a todo mundo — ela comentou, forçando um sorriso amarelo, já sem graça de tanto ouvir a mesma coisa.

— Temos que ir — ele lembrou novamente.

— Está bem, mas não fiquem tanto tempo sem aparecer — Vivian pediu.

— Claro, agora pretendo vir com mais frequência. E vou tentar arrastar minha sócia também — ele olhou de canto para Bia, que nada disse.

Os sócios se despediram do casal e partiram de volta a Belo Horizonte.

— Quando quiser que eu dirija, você me avisa. Eu vou dormir um pouco — ela disse, já no carro, querendo ficar em silêncio.

Lorenzo fez um sinal afirmativo, já que também costumava entender o silêncio dela, e dirigiu calado por muitos quilômetros. Bia acabou, de fato, caindo no sono. Porém, como a estrada era longa, o sócio logo se cansou da solidão e colocou uma música que ambos gostavam. Bia acordou quando ele levantou o volume:

— Você me assustou — ela reclamou.

— Estou me sentindo solitário e sonolento — ele brincou. — Preciso que fale comigo e me distraia.

Bia balançou a cabeça, passando a mão no rosto para despertar.

— Deixa que eu dirijo.

— Ainda não, mas canta comigo — ele pediu, acompanhando a letra.

Ela estranhou um pouco o seu bom humor e logo associou ao reencontro com Melissa. Teve ciúme, mas o que sentia pelo amigo era mais forte do que um sentimento egoísta, de modo que aprovou sua escolha e cantou junto com ele para tornar a viagem menos cansativa. Pararam um pouco mais à frente para tomar um café e comer algo leve. Não teve como se esquivar quando ele colocou a mão sobre seus ombros novamente e deixou que ele a conduzisse.

Dessa vez, quando retornaram para a estrada, ela dirigiu enquanto ele dormiu durante um longo percurso. Quando despertou, estavam ambos cansados. Beatriz não fez questão de corresponder seu olhar para que ele entendesse que queria continuar em silêncio. Ele entendeu e não insistiu.

— Estou em casa, até amanhã — ela disse, já no prédio em que moravam, quando o elevador parou no seu andar.

— Eu vou te levar até a porta.

— Não é necessário, deve estar cansado também.

— Vou te levar, sou assim — ele disse, acompanhando-a mesmo contra sua vontade. — Agora, sim, está em casa.

— Então até amanhã.

— Está me mandando embora? — ele questionou sua pressa.

— Sim, estou te mandando embora. Precisamos acordar cedo, esqueceu?
— ela se esforçou novamente para parecer natural e não ficar com muitos rodeios.

— Já está tão tarde, por que não pode ser gentil e me convidar para passar a noite aqui? — ele sugeriu.

— Não. Por que eu faria isso? Você tem o seu apartamento logo acima!

— Acho que fiquei mal-acostumado com a sua companhia — ele confessou. — Foi tão bom passar o fim de semana com você na minha cidade.

— Nos veremos amanhã cedo.

Lorenzo ainda estranhava o seu comportamento e a questionou mais uma vez:

— Por que ficou arisca? Eu achei que nosso final de semana tivesse sido agradável.

— E foi — ela disse, sem poder negar. — E é sempre agradável ir para São Sebastião do Rio Verde com você, mas...

— Mas o quê? Não havíamos bebido dessa vez e estávamos cientes do que fizemos, não há motivo para vergonha ou arrependimentos.

— Não estou envergonhada ou arrependida — ela tentou passar uma segurança que não tinha. — Mas não vou me colocar entre você e Melissa. Aliás, eu nem sabia que o que havia entre vocês era tão intenso.

— E não é. Pode ter sido um dia, mas isso faz parte do passado — ele explicou.

— Não foi o que pareceu, uma história de idas e vindas, tantos reencontros... — ela lembrou o que Melissa lhe dissera. — E eu... eu desejo, sinceramente, que seja feliz.

— Eu estou feliz — ele, então, respondeu. — Estou feliz por ter passado o final de semana com você.

— Você não quer me convencer de que o reencontro com ela não mexeu com você, quer? — Bia o questionou.

— Não quero te convencer de nada, nem tampouco divagar sobre o que estamos vivendo, quero apenas aproveitar isso. Não foi o que você me disse? Viver um dia de cada vez? Sem medos... — Lorenzo argumentou.

Medos... Sim, era tudo o que ela própria sentia.

— Você pode ficar, se quiser, mas...

— Mas não precisamos conversar sobre isso agora — ele a interrompeu.

No fundo, Bia entendia que não havia nada para se conversar, ele gostava da sua companhia e se sentia bem ao seu lado, mas isso era tudo. E ela temia que esse tudo fosse pouco para o que estava sentindo. Por outro lado, como afastar alguém com quem lhe fazia tão bem estar junto?, perguntou-se.

— Tenho medo de que alguém se machuque — ela tentou explicar.

— Por que alguém se machucaria? Somos adultos — ele respondeu. — Além disso, já fomos machucados o suficiente pela vida, talvez isso até nos tenha colocado uma armadura pesada demais. Nos conhecemos tão bem e gostamos da companhia um do outro, por que não podemos passar para outro nível?

Ela se assustou com aquela proposta:

— Não quero te perder, perder o amigo, o sócio.

Lorenzo riu do seu comentário, mas era um riso tenso, intrigado.

— Está preocupada com a empresa? É mesmo isso? — ele questionou enrugando a testa e, então, ficou sério novamente. — Talvez você tenha razão, quem mandou me encantar por minha sócia? Acho que não daria mesmo certo. Bem, vou para casa, nos vemos amanhã na agência — ele pareceu decepcionado com o que tinha ouvido.

— Você não ia ficar? Eu disse que você podia ficar.

— Não, eu não quero ficar. Não vamos estragar nossa “sociedade” — ele respondeu, aborrecido.

— Não foi bem isso que eu quis dizer. Bem, não me entenda errado, eu...
— ela ficou angustiada, temendo que ele se chateasse.

— Não precisa me explicar nada, está tudo bem. Eu vou respeitar sua decisão de não misturar as coisas.

— Não fique aborrecido comigo, por favor — ela pediu, não querendo que ele partisse daquele modo.

— Eu só achei que tivesse sido bom ficarmos juntos, mas...

— E foi bom — Bia admitiu.

— Então...

Ele esperou que ela dissesse algo, porém ela se calou por uns segundos e, então, mudou a conversa:

— Por que não fica? Já está tão tarde.

— Não. Por que eu ficaria com alguém que me repudia o tempo todo?
— ele questionou.

— Isso não é verdade. Eu amo você, você é uma das pessoas que mais estimo nessa vida.

— Esse seu amor fraternal me comove, mas eu havia pensado em um pouco mais que isso para nós — ele disse, abrindo a porta para se retirar.

Amor fraternal? Sim, com certeza era também o que sentia, um amor tão grande pelo amigo, pelo amante, um amor lindo e puro que ele jamais corresponderia.

— Lorenzo...

— Está tudo bem, minha querida. Boa noite — ele disse, tranquilo, tocando seus lábios num beijo suave antes de partir.

Beatriz fechou a porta atrás de si, ficando apenas com aquele gosto nos lábios, um doce-amargo do beijo amigo. Foi para a cama sentindo-se uma tola por ter deixado Lorenzo partir em vez de aproveitar para viver mais momentos extasiantes ao seu lado. Sentia-se uma tola racional, mas, quando se lembrava do quanto sofrera com a traição de Daniel, se retraía novamente, não se sentindo preparada para sofrer tudo de novo. A dor da separação, da rejeição, a ausência... Era muito traumático!

Fechou os olhos lembrando-se de toda humilhação mais uma vez. Quando aquela imagem sumiria de sua mente? As pessoas se movimentando nervosas na porta da igreja, olhando para ela no carro, a mensagem no celular: “Sinto muito”... Odiou o ex-noivo novamente, odiou, aliás, a si mesma, como vinha fazendo nos últimos três anos.

8 DE MÃOS DADAS

Beatriz demorou a pegar no sono. Na manhã seguinte, acordou abatida. Olhou-se no espelho, cansada de se odiar todos os dias. Ficou analisando a si mesma, por que não era capaz de resgatar o amor próprio? Por que não conseguia elevar a sua autoestima? Mal podia encarar o reflexo da pessoa amarga que se tornara, não se achava atraente, mas era feminina, tinha um corpo bonito, podia aprender a se gostar de novo.

Encarou a si mesma mais uma vez, tentando se enxergar diferente. Porém tudo o que foi capaz de ver foram as olheiras marcadas da noite maldormida. Sentiu desprezo por si mesma novamente e virou o espelho giratório ao contrário para evitar a própria imagem.

Mais tarde, ela foi apreensiva para o escritório, mas Lorenzo chegou simpático como sempre. Isso era o que tornava tudo tão difícil, o fato de ele ser tão doce e atencioso.

— Bom dia, bom dia — ele entrou, cumprimentando toda a equipe.

Aproximou-se dela, beijando-a na testa.

— E, então, o que temos para hoje?

Ele agiu com a mesma naturalidade de sempre e, assim, ela concluiu que tudo voltara ao normal. Porém, mais tarde, percebeu que ele se

delongara com Alice na sala do café e ficou observando de longe, um pouco incomodada. Foi quando Luciana se aproximou, flagrando-a.

— Parece que Alice não está a fim de perder tempo.

Beatriz disfarçou, mexendo nos papéis em sua mesa, como sempre fazia quando queria fugir de alguma conversa.

— Do que você está falando? — ela se fez de desentendida.

— Eu acho que ela parece bem interessada no Lorenzo. Também, um homem bonito e simpático como ele... Até eu me encantaria se já não fosse comprometida.

— É mesmo? — Beatriz tentou parecer indiferente.

— E, além disso, é viúvo, sozinho!

— Não sei se tão sozinho assim. Conheci um ex-amor do nosso colega. Sabe aqueles amores do passado que vão e voltam? Mais ou menos isso.

— Sério? Me conta — a secretária quis logo saber.

— Sério. Ela estava lá, toda sorridente e esperançosa de que o conquistaria de novo. Ele me disse que não havia mais nada entre eles, mas fiquei com uma pontinha de dúvida.

— E uma ponta enorme de ciúmes pelo que vejo. Bem como está se mordendo aqui só de observar o bate-papo do Lorenzo e Alice.

— Que tolice! — ela negou. — De onde tirou isso? Não me desconcentre, temos muitas coisas para hoje.

Luciana se sentou de frente para ela, pressionando-a:

— Você vai deixar que ela o conquiste? — questionou.

— Ele é solteiro e tem direito de recomeçar sua vida. E é adulto, anda com as próprias pernas.

— Achei que você estivesse interessada...

— Sim, na sua amizade e em nossa sociedade — ela respondeu. — Ele me ajudou a reerguer a empresa e estamos saindo do vermelho graças à sua competência. É um profissional valioso e não quero perdê-lo.

— Está querendo convencer a mim ou a si mesma de que é, de fato, somente isso? — ela a questionou.

— A mim mesma — Bia admitiu, largando os papéis e passando a mão no rosto.

— Por quê?

— Não quero estragar nossa amizade, tampouco quero me desiludir de novo, Lorenzo tem o coração fechado, é alheio a sentimentos. Ele poderia ficar comigo ou ficar com Alice, poderia ficar com qualquer uma sem se envolver. Veja como ele é atencioso, ele conversa olhando nos olhos, ele sorri com tanta naturalidade — ela dizia enquanto observava Lorenzo e Alice no Café.

Luciana se viu obrigada a rir com as divagações da amiga.

— Somente a mulher que se entregar de verdade é que vai saber se ele é tão indiferente assim. Vai deixar que seja Alice?

— Eu não tenho nada a ver com a vida dele. Deixe-o ser feliz.

— Tudo bem, se vai passar a vida inteira fugindo... Mas eu, no seu lugar, não deixaria o caminho tão livre para ela — a secretária disse, retirando-se em seguida.

Beatriz olhou mais uma vez para os colegas que ainda conversavam. Lorenzo lhe dirigiu o olhar, flagrando-a, mas agiu com naturalidade e lhe sorriu, talvez deixando claro que poderia agora investir em outras pessoas.

A empresária observou também, nos dias que se seguiram, que Lorenzo se afastou um pouco dela e se aproximou mais de Alice. Tentou não se importar, apesar de saber o quanto sentia sua falta, já que ele aparecia bem menos no seu apartamento para um café ou um almoço descompromissado.

Era uma quarta-feira e Bia tinha que terminar de tomar as últimas providências para uma festa de cinquenta anos na sexta. Porém, como estava ainda estranhando o distanciamento de Lorenzo, começou a vasculhar nas redes sociais para saber quais eram as novidades e fugir um pouco do tédio.

Na verdade, sabia exatamente o que estava procurando e sabia que poderia sofrer com o que visse. Mas, conforme previra, lá estavam os dois, Daniel e Bianca, posando felizes em Paris, onde ele passaria a lua-de-mel com Bia se não tivesse desistido minutos antes da cerimônia.

Sentiu mais uma vez uma raiva corrosiva expandir-se dentro dela, queimando-lhe o estômago. Raiva, inveja, despeito, nem sabia mais que nome dar ao que sentia.

— Em Paris! É muita afronta! — ela disse alto.

Entretanto o que queria mesmo era gritar e jogar o laptop longe. Não era amor o que sentia, disso tinha certeza, era uma sensação de injustiça, de que a felicidade era feita apenas para alguns. Talvez um pouco de inveja da felicidade alheia, admitiu. Poderia, contudo, tolerar qualquer alegria ao seu redor, menos a do homem que a abandonou no dia do casamento, deixando-a sozinha e desnorteada.

Levantou-se para tomar um gole de água, sentia a garganta seca. Mas, quando foi se servir, lembrou-se novamente da foto e apertou o copo em sua mão com tanta raiva que o quebrou.

Lorenzo entrou em sua sala no momento em que ela começava a tirar os cacos da mão que sangrava, arrependida, sentindo-se tola pelo que tinha feito e caindo em si novamente.

— Bia, o que aconteceu? — o sócio se aproximou, preocupado. — Como você fez isso? — ele quis saber, já segurando sua mão e retirando os cacos para ela.

— Não faz pergunta, Lorenzo. Eu só me machuquei, não sei como.

Lorenzo limpou seu ferimento com cuidado, depois de trazer a caixinha de primeiros socorros, procurando não chamar atenção de Luciana, que era a única que às vezes ficava até mais tarde.

— Quer conversar? Quer me contar o que aconteceu? — ele perguntou.

Bia suspirou, irritada.

— Não, eu não quero conversar — respondeu, rude. — Eu não sei por que você está achando tão estranho uma pessoa se cortar.

— Bem, eu só não entendi... — ele tentou explicar.

— Eu bati o copo no filtro, quando fui encaixar para pegar água. O que importa? — ela perguntou, impaciente.

— Por que está falando assim comigo? — Lorenzo pareceu estranhar seu comportamento.

— Desculpe, esse é meu lado rabugento do qual eu tinha te falado. Lamento se você ainda não tinha visto — ela respondeu, afastando-se.

— Você precisa de ajuda?

Ele a acompanhou até sua mesa. Foi quando deu uma olhadinha rápida para a tela do laptop aberto, mas não conseguiu ver muito porque ela imediatamente fechou.

— Eu vou terminar isso em casa — Bia decidiu, pegando suas coisas.

Lorenzo apenas a observou em silêncio enquanto ela se afastava, irritada demais com a foto que vira, com o vazio que era sua vida.

Assim que chegou em casa, Beatriz se sentou de frente para o laptop para terminar o serviço pendente, mas não conseguiu fazer nada, baixou a cabeça, apoiando-a nas mãos e, finalmente, a raiva eclodiu num choro quase compulsivo.

Tentou se recompor quando Lorenzo entrou de repente, porém não dava mais tempo.

— Você devia começar a bater na porta — ela resmungou.

Lorenzo nada disse, apenas sentou-se ao seu lado e fez com que ela o olhasse.

— O que foi que te deixou assim? Uma foto? Uma foto de alguém que nunca te mereceu? — ele questionou. — O que você está sentindo?

— Raiva.

— Tudo bem, então chora, coloca esse sentimento para fora. Mas olha para mim, você merece mais que isso — ele lhe disse. — Você não perdeu nada!

— É, eu sei, na teoria, eu sei. Mas toda a situação foi muito humilhante — Bia desabafou.

— Será que já não é hora de deixar essa história para trás? Já chega de ficar remoendo esses sentimentos, você não merece isso.

Ele acariciou seu rosto, beijando sua face. E aquele toque, é claro, despertou um pouco mais de desejo, ou de afeto, ela não sabia mais o que era, nem ele. Contudo Lorenzo beijou seu rosto de novo, e mais uma vez, até que foi se aproximando dos seus lábios. Bia fechou os olhos naquele momento e deixou que ele a beijasse.

— Vem cá.

Ele disse, segurando sua mão para que se levantasse. Então a levou até o sofá e a trouxe para junto de si, deixando que ela repousasse em seus

braços, enquanto acariciava seus cabelos, massageando sua nuca para que acalmasse.

— O que você acha que está fazendo? Vai me consolar me levando para cama? — ela questionou.

— Não, mas vou ficar aqui, te acolhendo até que se acalme, até que respire suavemente e me diga que compreende o seu valor.

— E eu tenho? — ela praticamente questionava a si mesma. — Eu tenho mesmo?

— Claro que tem! Você é adorável! — ele sorriu, carinhoso. — Se ajeita aqui, Bia, você está muito tensa.

Lorenzo a virou de costas para ele, intensificando uma massagem em seus ombros. Beatriz fechou os olhos, sentindo que o sócio tinha mãos mágicas.

— Você ainda sofre, não é? O que você sente? Você ainda ama esse sujeito? — ele quis saber.

— Eu não sinto nada, não sinto amor se é o que quer saber, sinto só raiva. Sinto mágoa — ela desabafou. — Você não acredita em mim?

— Claro que acredito em você. Eu posso perfeitamente me colocar em seu lugar, assim como se colocou em meu lugar quando entendeu a dor que eu sentia.

Beatriz se lembrou da forma como foi rude com o amigo, e inevitavelmente se lembrou também do beijo extasiante que trocaram em meio as suas lágrimas. Sentiu vontade de ser beijada por ele de novo, principalmente com o toque tão relaxante de suas mãos, mas sabia que tinha que controlar seus desejos.

Lorenzo silenciou e deu um suspiro profundo, descendo as mãos por seus braços, impulsivamente acariciando seu colo e pescoço e, então, parou, abraçando-a apenas.

— Estava tão bom — ela acabou dizendo.

— Sim, tão bom que não quero me aproveitar da sua carência — ele sussurrou.

Especialmente hoje eu queria que se aproveitasse, ela teve vontade de dizer, mas se controlou e sufocou o que sentia mais uma vez. Virou-se de frente para ele, acariciando seu rosto.

— Lorenzo, me desculpe pelo modo como falei com você. Eu sou mesmo uma estúpida.

— Você não precisa se desculpar de nada, está tudo bem.

Ela o abraçou forte naquele momento, sentiu tanto carinho por ele. Mas não era só carinho, havia também uma mistura de amor, de desejo, quis ser beijada de novo por Lorenzo, porém teve medo de que estivesse cedendo à sua carência. Bem como também teve medo de que o beijo que ele lhe dera tivesse sido apenas por paixão.

Estava tão confusa, tão perdida. Sabia que todo aquele ódio quando viu a foto de Daniel e Bianca não era apenas do resquício da mágoa que nutria, mas do ciúme que vinha sentindo de Alice e Lorenzo, da ausência que sentia de sua amizade nos últimos dias.

Ela se deixou acolher por Lorenzo e ambos se recostaram no sofá. Ficou aconchegada em seu peito, em silêncio, mais uns instantes. Ficaria assim para sempre, pensou, acabando por adormecer. Sentiu quando Lorenzo saiu devagarinho e colocou uma manta sobre ela, não sabia que horas eram, mas caiu no sono de novo.

Achou que tinha sentido cheiro de café de manhã e levantou-se atraída pelo aroma. Não estava enganada, pois a mesa estava posta e o sócio fechou seu laptop quando a viu:

— Bom dia! Posso te servir? — ele perguntou.

— Ah, você não existe — ela levou a mão ao rosto e ajeitou um pouco

os cabelos. — Preciso de um banho para acordar e melhorar essa cara.

— Então vai, eu te espero. Vai estar tudo pronto quando voltar.

Beatriz colocou a cabeça debaixo do chuveiro, molhando os cabelos, querendo esfriar os pensamentos e o desejo de se jogar nos braços daquele por quem tinha tanto respeito e amizade. Isso não podia estar acontecendo, ela recriminou a si mesma pelo que sentia.

Lorenzo se levantou para recebê-la quando ela veio se juntar a ele. Fez menção de beijar seus lábios, mas ela desviou o rosto e o olhar do mesmo modo. Ele também disfarçou e a serviu.

— Como se sente hoje?

— Com vergonha do papelão que eu fiz? — ela perguntou, como quem pede uma sugestão, recriminando-se mais uma vez.

— Por que você se culpa e se oprime tanto? — ele questionou. — Você não é de ferro, deixa os sentimentos aflorarem.

— Você acha que eu faço isso? — ela lamentou. — É, você está certo. No fundo, me fez bem desabafar. Obrigada — ela tocou sua mão ternamente.

Olhou com gratidão para Lorenzo, como poderia correr o risco de perder aquela amizade? Era-lhe tão preciosa, e tão rara... Pensou que havia procurado por alguém assim a vida inteira, sem julgamentos, sem pressão. Ele supriu um pouco da ausência do pai, um companheiro, um protetor. Mas ela precisava se conter para controlar outros sentimentos que afloravam junto com esse amor fraternal.

— Come o sanduíche que eu fiz para você. Eu peguei um antepasto de berinjela lá de casa para você comer com torradinhas. Se sobrar, pode comer com macarrão, fica delicioso.

— Você vai me deixar mal-acostumada — ela brincou e, então, mudou de assunto. — O que fazia no meu laptop?

— Nada demais, apenas finalizei o serviço que você não conseguiu terminar ontem. Já está tudo certinho para a festa de aniversário de sexta — ele avisou.

— Você fez isso por mim?

— Por nós — ele disse. — Somos sócios, esqueceu?

— Sim, é verdade, mas eu devia ter finalizado ontem.

— Ah, e eu também te bloqueei naquela “bendita” conta que você usa para espionar seu ex-noivo — ele comunicou.

— O quê? Como assim? Você me bloqueou na minha própria conta?

— Sim — ele respondeu, tranquilo. — O que vai fazer? Vai brigar comigo? Vai me processar? — provocou.

Bia ainda o encarou, séria, alguns segundos e, então, caiu na risada com o amigo.

— Lorenzo, quando você quer, você é realmente terrível! — ela brincou.

— Eu sou mesmo, principalmente quando quero o bem de alguém. Estou indo — ele avisou. — Hoje é seu dia de chegar mais cedo, por isso quem vai para casa tomar um banho tranquilo agora sou eu.

— Obrigada por ter sido tão gentil comigo — ela agradeceu de novo.

— Nada que você já não tenha feito para mim. Até mais.

Ele beijou seu rosto e saiu. Bia suspirou, sozinha, ainda confusa com tudo o que sentia.

Era quinta-feira e era dia de Beatriz vir mais cedo para casa, de modo que estava tomando um último café com Luciana e Alice antes de sair quando Lorenzo apareceu.

— Parece que alguém levou o cano em um evento de despedida de solteiro — ele contou. — Quem aceita o desafio?

— O quê? Quer que a gente faça isso agora? — Luciana perguntou.

— Seria uma espécie de chá de bar — ele explicou. — O cliente precisa de um lugar com uma mesa de coquetéis e algumas lembrancinhas, como copos de uísques, gravatas, nada muito complicado. O salão de baixo está livre hoje e a mesa de coquetel já está montada.

— Mas o Tony foi embora, eu disse que não iríamos precisar dele hoje — Luciana avisou. — E ele mora do outro lado da cidade.

— Eu posso fazer os coquetéis — Lorenzo se prontificou. — Algum voluntário para me ajudar?

Lorenzo olhou para Bia, que ficou um pouco sem ação, mas Alice foi mais rápida em se manifestar:

— Eu ajudo, vou adorar servir coquetéis com você.

— E a recepção? — ele quis saber.

— Depende — Luciana explicou. — Eu posso ficar, mas o que mais vai ter nessa despedida? Você sabe que não fazemos coisas do tipo... espetáculos com mulheres.

Lorenzo deu uma gargalhada espontânea:

— Sim, eu sei, somos uma empresa familiar.

— Eu faria a parte do espetáculo — Alice brincou, girando para exibirse. — O noivo nem iria querer mais se casar.

— Com certeza, Alice — Lorenzo brincou com ela. — Mas preciso de você no coquetel ou na recepção. Já conversei com o resto da equipe.

— Vou cobrar hora extra, hein? Meu trabalho de secretária não inclui

recepção de festas, esse é o trabalho da Alice — Luciana logo disse.

— Vamos te pagar direitinho, não é Bia? — Lorenzo respondeu. — Na verdade, se a Bia ficasse no coquetel comigo, Alice poderia ficar na recepção dos convidados.

— Bem, mas se vocês já se ajeitaram, eu prefiro pagar hora-extra para Luciana e ir para casa.

Ela quis escapar daquele evento, principalmente para não atrapalhar os planos de Alice de se exibir fazendo coquetéis ao lado de Lorenzo.

— Eu posso chamar o Tony e você pode ir para casa, Lorenzo — Luciana disse. — Esse é nosso trabalho.

— Bem, mas fui eu que aceitei um contrato assim, em cima da hora, vou ajudar, sim. Além disso, pode ser divertido, eu sei fazer coquetéis muito bem, sabia? — ele contou.

Alice pareceu empolgada com a ideia:

— Estou louca para ver — comentou.

— Então, bom evento para vocês — Bia respondeu pegando sua bolsa e se despedindo. — Já que vai ficar no evento hoje, eu posso vir mais cedo amanhã de novo — ela avisou Lorenzo.

— Tudo bem — ele concordou.

Bia os deixou e foi para casa incomodada com aquela comemoração. Devia se sentir feliz por saber que a Rasé estaria faturando. Mas, em vez disso, ficou perturbada, pressupondo como Alice faria o chefe rir com seu jeito espontâneo e sua sensualidade sempre aflorada.

No dia seguinte, conforme combinado, Bia chegou mais cedo e estranhou quando Lorenzo e Alice entraram juntos. Ela estava no café com Luciana, e foi difícil a amiga não perceber o olhar sério que ela lançou sobre os dois.

— Bom dia — Alice chegou sorridente.

— Não está atrasada? — Bia olhou as horas no relógio de parede.

— Ah, eu disse que ela podia chegar mais tarde hoje — Lorenzo justificou. — Bom dia, tem um cafezinho para mim também?

— É só se servirem — Bia respondeu, depositando sua xícara no balcão e se preparando para voltar à sua sala. — Lu, você me atualiza dos próximos eventos?

— Claro, estou indo — a secretária a acompanhou. — O que foi isso? Acho que você deu bandeira — ela lhe disse, depois, quando estavam só as duas.

— Do que você está falando? Já pedi para parar com essas insinuações. Vai, me conta como foi o evento de ontem — ela tentou mudar de assunto.

— Quer saber se rolou algum clima entre o chefe e a Alice? Não, eles tiveram muito trabalho a noite toda. No finalzinho da festa, ela até o chamou para dançar, mas ele alegou que estava cansado e começou a arrumar as coisas.

— Por que está me contando isso? — Bia perguntou, bastante séria. — Eu não te perguntei sobre isso, eu te perguntei sobre a festa.

— Calma, por que está tão irritada? Está descontando seu ciúme em mim! — a outra reclamou.

— Lu, sai da minha frente, me deixa trabalhar.

Beatriz realmente não parecia disposta a brincadeiras, de modo que Luciana logo protestou:

— Ei, por que não desconta na Alice?

Bia suspirou, passando a mão no rosto.

— Desculpa. Eu não sei o que está acontecendo comigo.

— Está apaixonada — a secretária afirmou.

— Não diz besteira — ela pediu.

— Por que não admite?

— Eu só quero que ele seja feliz. Se for com Alice, tudo bem. Jamais vou confundir o que sentimos, não vou perder uma amizade tão especial.

— Mas eu já te disse que não rolou clima algum — Luciana lembrou.

— Como não? Está na cara que passaram a noite juntos! — ela afirmou, parecendo bem incomodada.

Luciana pensou um pouquinho:

— Eles podem ter se encontrado no elevador — sugeriu.

— Seria muita coincidência, não é? Mas não me importo, acho que já está na hora do Lorenzo recomeçar a sua vida.

— E você também — a secretária frisou.

Nesse momento Lorenzo entrou na sala e a funcionária os deixou a sós.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

— Claro, está tudo bem. E você? Se divertiu ontem no evento fazendo coquetéis? — ela tentou parecer natural.

— No começo eu me diverti, sim, mas depois foi ficando bem cansativo. Eu fazia isso na juventude lá no bar do Grego, por isso quis lembrar os velhos tempos — ele, então, se aproximou dela. — Por que fez aquela desfeita comigo no café?

— Desfeita? — ela se fez de desentendida.

— Sim, eu queria tomar um café com você e simplesmente nos virou as costas.

— Achei que você e Alice já tivessem tomado um café juntos.

— Por que tomaríamos um café juntos? — ele questionou. — Você está achando que...

— Eu não estou achando nada, e nem tenho que achar — Beatriz o interrompeu.

Ele a analisou uns segundos:

— Você está com ciúme? — questionou.

— Não!

— Você está com ciúmes... Olha, estou surpreso! — ele continuou, tranquilo. — Porque parece que, quando viemos de São Sebastião do Rio Verde, você me dispensou.

— Lorenzo, já conversamos sobre isso, você disse que tinha entendido — ela se levantou. — Eu não dispensei você, por que está falando desse jeito? Nós somos amigos e eu só quero te ver feliz. Você é livre, Alice também, aliás, ela é adorável, não é mesmo? Divertida, alto astral...

— Espera aí — ele a interrompeu. — Você está me jogando para cima dela? É isso?

— E eu preciso? Até chegaram juntos hoje.

— Ora, você está mesmo com ciúmes — ele afirmou. — Está com ciúmes, mas me jogando para cima dela.

— Eu não estou gostando dessa sua brincadeira comigo — ela reclamou, aborrecida.

— Se quer saber, apenas nos encontramos no elevador.

— Eu não perguntei nada — ela disse, ao mesmo tempo aliviada em saber que não haviam passado a noite juntos.

Mas alívio era um sentimento temporário, tendo em vista que uma hora teria que encarar que perderia o amigo para alguma mulher. Nesse momento o telefone tocou e ela aproveitou para interromper aquela conversa. Marcou horário com um cliente na hora do almoço para não os acompanhar.

Era seu dia de ir embora mais cedo, mas deixou as horas passarem ainda pensando nas coisas que Luciana lhe dissera. E se a secretária tivesse razão e ela estivesse abrindo mão de Lorenzo? Contudo era exatamente o que estava fazendo. Ou talvez apenas temesse que ele não fosse capaz de corresponder o que estava sentindo... Ficou confusa. E, se ele tivesse algum sentimento diferente, não valeria a pena tentar?, pensou.

Viu que todos já haviam saído para coordenar um evento, mas a luz da sala de Lorenzo estava acesa. Foi até lá conferir.

— Você ainda está aí? — ele se surpreendeu ao vê-la entrar.

— É, eu estava organizando uns arquivos — ela respondeu, aproximando-se dele.

Achou que estava enlouquecendo, mas naquele momento sentiu vontade de dizer ao sócio que estava confusa sobre o que sentia em relação a ele.

— Olha, eu não quero que pense que estou me metendo em sua vida. Sobre você e Alice...

Ele, porém, nem deixou que ela terminasse:

— Bem, eu já disse que não passei a noite com ela, somos colegas de trabalho e...

— Você não mistura as coisas, não é? — ela o interrompeu impulsivamente, com ironia, lembrando-se do que acontecera entre eles em São Sebastião do Rio Verde.

Lorenzo a analisou uns segundos antes de se manifestar:

— Eu sei que erramos em misturar as coisas entre nós, mas você estava certa, não vai acontecer de novo — ele afirmou.

Beatriz engoliu em seco. No fundo, não estava esperando ouvir aquilo. Ela se aproximou, apreensiva:

— Você está falando isso com alguma mágoa ou...

— Não há mágoa alguma — ele acariciou seu rosto. — Eu não quero te machucar. E não quero me machucar também. Além disso, você sabe que um dia eu vou embora.

Beatriz ficou em silêncio, percebendo que ele ainda não sentira vontade de se estabelecer em lugar algum, mesmo depois de quase quatro meses trabalhando juntos. Lorenzo continuava, de fato, arisco a qualquer envolvimento mais profundo, concluiu.

— Aliás, eu tenho medo de não corresponder qualquer expectativa das pessoas em relação a mim — ele completou, afastando-se e indo até a janela, observando o movimento do lado de fora com um olhar distante.

Ela o achou fugidio de novo. Teve vontade de tocá-lo, como tocara outras vezes, num gesto de apoio, de suporte. Mas naquele momento se conteve e temeu, talvez porque seus sentimentos não fossem mais tão fraternais. Não queria apenas oferecer seu ombro, mas desejou sentir seu abraço, sua respiração.

Beatriz fechou os olhos, suspirando, sufocando o que sentia. Achou que Lorenzo havia sido bem claro com ela.

— Bem eu... eu vim apenas dar tchau, eu já estava indo — ela avisou.

— Eu te aborreci com essa conversa? — ele se virou para ela de novo.

— Claro que não. Você sabe que estou disposta a te ouvir sempre que precisar.

— Mas não parece que veio aqui para me ouvir. Tive a impressão de que queria me dizer alguma coisa — ele se aproximou dela novamente.

— Foi apenas impressão — ela afirmou, afastando-se. — Nos vemos na segunda — despediu-se, retirando-se depressa.

Beatriz dirigiu pensativa, tinha o olhar triste. Quando chegou em casa, abriu um vinho, optou pelo seco dessa vez, pois era também como se sentia. Colocou a música “Vamos Juntos”, de um compositor pouco conhecido, Guga Becker, e se sentou no chão, na lateral do sofá, de frente para a varanda. Queria apenas ver o céu, mais nada.

*“Queria te entregar uma coisa, é a dor que carrego no peito,
Porque é você que sempre me acolhe
Queria te revelar um segredo, é a paixão que carrego aqui dentro
Porque é o que você sempre desperta*

*Enquanto caminhamos juntos, parece que o tempo para
Enquanto caminhamos juntos, parece que o tempo para
Por que não passamos para outro nível agora?”*

Cantou baixinho, pensou em Lorenzo. Sentia-se entristecida, mas estava tão alheia que não o viu se aproximar.

— Que música linda! Não sabia que você gostava — a voz dele a despertou de seus pensamentos.

— Você me assustou.

— A porta estava aberta, aliás, literalmente aberta, por isso entrei — ele contou.

— Ah, acho que entrei com as compras e esqueci de voltar para fechar — ela lembrou. — Você quer um vinho?

— Não, eu quero dividir essa solidão com você, dividir essa música — ele se sentou ao seu lado, ouvindo a sequência da canção com ela:

*“Queria te contar minha história, e ela pode parecer triste
Mas é você quem sempre me escuta.
Queria dividir os meus sonhos, e eles podem parecer loucos
Mas é você quem sempre acredita*

*Enquanto caminhamos juntos, parece que o tempo para
Enquanto caminhamos juntos, parece que o tempo para
Por que não passamos para outro nível agora?*

*Você sonharia comigo? Vamos juntos
É só uma questão de te tempo, se estivermos de mãos dadas...”*

Lorenzo cantou baixinho com ela. Ele também pareceu alheio enquanto acompanhava a letra. Tinham tanto em comum, a paixão pela música, tantas que coincidiam em suas “playlists”, o gosto nostálgico.

— Vamos? — ele brincou, fazendo referência à canção que ouviam. — Olha, essa música parece nossa: “queria te contar minha história”... — ele repetiu um trecho.

— Você já me contou sua história, eu já te contei a minha... — ela lembrou.

— Sim, somos tão cúmplices — ele concluiu. — E eu nem sabia que você conhecia essa música, tão linda e pouco conhecida.

— É verdade, não recebeu a devida atenção. Tudo nela é tocante, a letra, o solo de violino.

— Fazia tempo que não ficávamos assim, juntinhos na sua varanda. E nessa posição, escondidos do lado do sofá, é novidade para mim — ele brincou. — Não queria ser vista lá de baixo?

Ela sorriu, sem graça, balançando a cabeça.

— Foi você que andou se distanciando esses dias — Beatriz observou.

— Não, eu só não quis invadir demais seu espaço. Mas agora estou aqui e estou te achando carente. Aliás, te achei meio apagada hoje, quando deixou o escritório, por isso fiquei preocupado.

Bia sentiu vergonha por Lorenzo ter percebido sua carência mais uma vez, por isso nada disse.

— Que sonho podemos sonhar juntos? — ele fez referência à música novamente.

— Será que eu tenho sonhos? — ela se questionou. — Você tem?

— Na verdade, eu tenho um sonho que não é meu, mas eu queria tornar realidade. Júlia desejava construir um abrigo para crianças carentes em São Sebastião do Rio Verde, acho que já comentei com você sobre isso.

— Sim, você me disse. E eu te diria que esse é um sonho pelo qual vale a pena lutar — ela concordou.

— Você quer ir um dia comigo conhecer o orfanato que visitávamos aqui?

Ela olhou satisfeita para o amigo, sabendo que aquilo também era um sinal de cura interior.

— Quero, sim. O dia que estiver preparado para voltar, eu te acompanho — ela respondeu.

Lorenzo lhe sorriu com olhos embevecidos:

— Você é tão companheira que às vezes penso que não saberia mais ficar sem você.

— E por que ficaria sem mim? No que está pensando?

Ela sempre temia o dia em que ele quisesse desfazer a sociedade e tomar outros rumos, ou até mesmo voltar para sua cidade, para Melissa.

— Que um dia podemos nos separar, quando você casar de novo, por exemplo — ele respondeu.

— Não diz besteira, Lorenzo. Sabe que tenho trauma de casamento.

— Você me disse que uma hora a minha dor iria amenizar e eu me curaria, pois eu também te digo que está na hora de curar esse seu trauma, essa sua mágoa. Até quando vai se esconder com sua taça de vinho na varanda? — ele questionou.

— Não estou me escondendo de nada. Eu gosto da solidão, você não gosta?

— Eu não sei se gosto, eu... só me acostumei — ele constatou.

— Então compreendemos a necessidade de solidão um do outro — ela lhe estendeu sua taça para ele bebesse um pouco de vinho. — Você pode até beber do meu copo, não temos nada a esconder — ela brincou.

— Mas ainda acho que oculta algo de mim. Eu te contei minha história, mas você não me contou tudo, você me esconde alguma coisa.

Ela apenas o olhou em silêncio enquanto ele a analisava. Lorenzo continuou tentando decifrá-la:

— O teu silêncio não é de quem apenas guarda, é de quem esconde para não se revelar. Por que não se abre? O que está te incomodando? — ele quis saber.

O que está me incomodando é esse aperto no peito, esse desejo louco de me entregar a você como mulher e não apenas como amiga, ela lhe disse em pensamento. Estava enlouquecendo, pensou, confusa, Luciana não podia estar certa, ela não podia ter confundido os sentimentos e deixado um amor diferente nascer. Por outro lado, tinha todos os tipos de afetos por ele, queria também acolher, queria cuidar. Abriria mão de qualquer coisa para não perder aquela amizade, decidiu.

— Nada — ela mentiu.

— Então me diz, o que posso fazer por você? O que quer de mim hoje? Meu ombro? Meu silêncio?

— Seu ombro — ela respondeu, recostando-se nele.

Ficaram assim mais um tempo e dividiram a mesma taça até que o vinho acabou e ele foi buscar outra garrafa e outra taça. Então brindaram juntos:

— Aos amigos solitários — ele brincou.

Ela ergueu a taça bebendo com prazer, riu um pouco sozinha. Ele correspondeu entendendo sua confusão de sentimentos, sua nostalgia.

— Está tentadora sob essa lua e com toda essa carência.

Ele a olhou nos olhos, acariciando impulsivamente por sobre o decote de sua blusa. Bia sentiu um arrepio percorrendo-lhe o corpo, mas sabia que não podiam confundir as sensações de novo.

— Acho que o vinho seco já foi um pouquinho demais para mim — ela disse, sentindo-se um pouco zozna.

Mas no fundo sabia que não era o vinho, era o desejo.

— Eu posso te levar para a cama.

Ela o encarou, tentando descobrir se havia um sentido ambíguo em suas palavras. Sentiu-se tentada a dizer que sim, mas então se lembrou que aquele ombro era tão aconchegante... Se algo desse errado, estragariam para sempre a amizade genuína que os unia. Bia não respondeu, ele encheu mais duas taças, beberam, aumentaram um pouco a música, cantaram juntos. Compartilharam a solidão que lhes doía e acalentava. Compartilharam a nostalgia e fuga com a qual se adaptaram, só não compartilharam o desejo que os invadia aquele momento.

Esvaziaram a garrafa, riram sem motivo e se jogaram sobre o tapete macio da sala. Ela fechou os olhos, sonolenta, sentindo os dedos

de Lorenzo acariciarem seu braço e assim adormeceram, enquanto conversavam baixinho e ela provavelmente o deixou falando sozinho em algum momento.

Beatriz teve um leve despertar durante a madrugada e percebeu que os braços de Lorenzo estavam sobre ela. Contudo a sensação era boa e ela estava zozza demais para despertar para a realidade, de modo que se permitiu dormir novamente aconchegando-se ainda mais nele. Ele acabou despertando e, instintivamente, deslizou a mão sobre o seu corpo. Ela sentiu que aquele toque sutil mandou seu sono embora.

Lorenzo sussurrou em seu ouvido:

— Está me deixando desperto demais desse jeito.

— Quem sabe devesse ir para casa agora, tomar um banho frio, já está muito tarde — ela respondeu, tentando evitar que cedessem aos desejos novamente.

— Não quero banho frio...

— Não podemos fazer isso. Não vamos errar de novo, não quero que nada estrague essa amizade linda que temos.

— E se errássemos só mais uma vez? — ele provocou.

Beatriz fechou os olhos uns segundos, não conseguindo dizer não, mesmo se lembrando do que ele lhe dissera no escritório, mesmo consciente de que talvez ele não tivesse nada mais do que momentos e um ombro amigo a lhe oferecer. Assim, ela nada disse e ele, compreendendo seu silêncio, levantou sua blusa despiendo-a devagar. Bia sabia que iria se arrepender novamente, mas o desejava demais para ser tão forte depois de quase duas garrafas de vinho.

Lorenzo ficou, fizeram amor mais uma vez, caíram quase desmaiados na cama já com a madrugada bem avançada.

— Isso não está certo — ela lhe disse, quando despertaram, na manhã seguinte.

— Por que não? Somos solteiros e desimpedidos — ele lembrou mais uma vez.

— Eu tenho tanto medo de te perder, de perder a cumplicidade que nos une.

“Tenho medo de querer mais do que os sentimentos que você pode me dar”, ela lhe disse em pensamentos, pois não teve coragem de confessar verbalmente.

— Eu pensei melhor depois do que aconteceu essa noite. Por que não podemos misturar as coisas? O que há de errado? — ele quis saber. — Somos adultos, não temos compromisso com ninguém.

E como se faz para ser tão racional? Ela teve vontade de lhe perguntar, mas novamente não se atreveu. Buscou outra desculpa:

— É mesmo? E o seu “lance” com a Alice?

— Meu lance com Alice? Está dizendo que eu tenho ou sugerindo que eu devo ter? É isso que quer? Me jogar para cima dela? — ele parecia colocá-la contra a parede.

— Eu só quero que seja feliz.

— E não será com você, não é? Porque somos muito amigos apesar de tudo que rolou entre a gente... — ele respondeu, com certo sarcasmo.

— Por que está sendo irônico comigo? Estávamos carentes.

— Bem, eu devo te dizer que não é bem carência o que eu estava sentindo, mas se é assim que quer interpretar... — ele lamentou, começando a se vestir.

— Você já está indo?

— Sim, eu acho que já invadi demais seu espaço.

— Não sai aborrecido comigo, por favor — ela pediu.

Nesse momento o celular de Lorenzo tocou e ambos olharam na direção do aparelho sobre o criado mudo. A foto de Alice se destacava na tela.

— Você não vai atender? — ela perguntou.

— Acha que devo atender?

Ela teve vontade de dizer que não, mas se calou. Ele a encarou uns segundos e, diante do seu silêncio, saiu descontente. Bia vestiu um roupão e veio atrás dele:

— Você mesmo me disse ontem que não queria que nenhum de nós se machucasse. Você disse que nem mesmo sabia o que podia oferecer a alguém — ela lembrou.

— Mas o que você quer que eu te ofereça nesse momento? O que, exatamente, está me cobrando? — ele quis saber.

Ela se sentiu constrangida diante daquela pergunta e se retraiu:

— Eu não estou te cobrando nada, só estou querendo poupar a nossa amizade — respondeu.

— Tudo bem. Então se for com Alice ou com outra mulher não tem problema, não é? Porque aí eu estaria tentando ser feliz.

Lorenzo a encarou mais uma vez, esperando que dissesse algo, mas novamente ela se calou. Ele, então, prosseguiu:

— Acho que você tem razão, eu tenho mesmo que ser feliz. Eu diria o mesmo a você, mas parece que se acostumou tanto com a sua cômoda infelicidade que seria demais te pedir para tentar fazer o mesmo — ele foi seco dessa vez.

— Talvez você esteja certo — ela quis interromper logo aquele assunto.

— Então, o que vai fazer agora? Correr para a bela Alice ou a bela Melissa?

— De que importa? A qualquer uma você dará sua “bênção”, não é? — ele deu de ombros.

— Está aborrecido comigo, não está? — ela lamentou.

— De forma alguma. Estou grato por me ajudar a ver que a vida continua e devo seguir em frente.

Lorenzo se aproximou beijando-a na testa, coisa que ela odiava quando ele fazia.

— Por que não toma um café comigo? — ela pediu, não querendo que ele saísse chateado de perto dela.

— Desculpe, mas eu tenho uma ligação para retornar — ele se justificou, mostrando o celular, antes de se retirar.

— Droga — ela praguejou sozinha depois que Lorenzo se foi..

Sentou-se desolada, lamentando que ele tivesse saído aborrecido. Se já não tivesse se machucado tanto podia até arriscar se machucar de novo, mas precisava ser sensata.

9 UMA BRINCADEIRA QUASE INOCENTE

Beatriz ficou incomodada o dia inteiro, perturbada por entregar assim, de mão beijada, o homem que desejava a outra apenas por medo de sofrer. Porém sofreria do mesmo jeito, lamentou. Estava tão inquieta que chegou a espionar as redes sociais, desta vez por meio do perfil da Rasé, buscando alguma informação do que estivesse acontecendo entre Alice e Lorenzo. Achou uma postagem dela fazendo “check in” no salão de beleza: “Me preparando para uma noite muito especial”, dizia a legenda. Bia não teve dúvidas, eles sairiam juntos aquela noite.

Mais tarde viu, pela janela, Lorenzo chegando com pacotes da mercearia. Ficou mais enciumada com a ideia de que talvez ele fosse preparar um jantar especial para ela. E, então, depois do jantar, ela sabia exatamente o que aconteceria.

Ainda incomodada, ligou para a secretária:

— Oi, Lu. Como estão as agendas de eventos esse fim de semana?

— Está tudo tranquilo, só tínhamos a inauguração de uma loja, lembra? E o salão amanhã vai estar locado para um aniversário de dez anos.

Bia ainda tentava descobrir que compromisso a coordenadora de eventos teria para aquela noite:

— Claro, mas... então está tudo certo com a equipe de hoje, o Tony, a Alice...

— Não, a Alice não vai. Ela colocou a Sara no lugar porque disse que tinha um compromisso importante.

— Compromisso importante? Ela estava no salão faz pouco tempo.

Luciana estranhou a observação da chefe:

— Ela vai ao salão todo sábado. Além disso, ela é da recepção, tem que estar sempre impecável.

— Mas se hoje ela não tem evento...

— Ela pode estar impecável para os próprios compromissos também...

— a secretária continuou não entendendo a preocupação da chefe.

— Bem... eu só liguei para ver se estava tudo certo, então. Vão precisar de mim? O Lorenzo vai com vocês?

— Claro que não! Vocês são os donos da empresa, esqueceu? — Luciana teve que rir com Bia. — Aquela despedida em que ele ficou nos coquetéis foi apenas uma exceção. Por que está me perguntando de Lorenzo? Ele não é seu vizinho? Vamos, Bia, o que está querendo saber?

Ela logo se defendeu:

— Você está louca? Não quero saber de nada, apenas me colocar a par dos nossos eventos e ver se está tudo correndo bem.

Porém a outra era bastante esperta e logo inferiu seus pensamentos:

— Está achando que os dois vão sair juntos? — perguntou.

— Não sei do que você está falando — Bia desconversou.

— Eu posso tentar descobrir para você...

— Pode mesmo?

— Eu sabia! — a amiga riu, satisfeita.

— Está bem, eu confesso, eu só queria ter certeza, mas é claro que eles vão sair. Eu vi quando ele recebeu uma chamada dela hoje de manhã — a sócia da Rasé contou, um pouco contrariada.

— E por que estava com ele de manhã? Tudo bem, não me interessa, já sei — a amiga logo se corrigiu antes de levar uma bronca. — Pois é, é estranho. Estou mandando uma mensagem para ela nesse momento, convidando-a para uma balada, vamos ver o que ela me responde. Hum... isso não é bom.

— Fala logo! — Bia perguntou, ansiosa.

— “Encontro romântico” — a outra lamentou, reproduzindo a resposta de Alice.

— Pergunta com quem.

— Calma, preciso disfarçar um pouco. Está bem, eu pergunto — Luciana disse, enquanto já digitava depressa outra mensagem, que logo foi respondida por Alice. — Adivinha?

— É o Lorenzo, não é? — ela perguntou, desanimada.

— “Segredo de estado”.

— Ela disse isso?

— Disse, e completou: “não quero me comprometer fazendo revelações antes da hora” — Luciana leu o restante das mensagens da coordenadora.

— Que oferecida — Bia disse de impulso e completou, admitindo: — E eu, uma despeitada.

A secretária riu novamente:

— Então, eu te pergunto: você vai deixar ela conquistar o coração do Lorenzo antes de você?

— Lorenzo é meu amigo, eu não posso fazer isso.

— Você tem mesmo certeza que é só amizade o que rola entre vocês? Nem uma atração, um carinho a mais, uma amizade colorida? Ah, vai me dizer que nunca aconteceu nada nessas viagens que vocês fazem para a cidade dele?

— Lu, você me respeita, eu sou sua chefe, e o Lorenzo também — Bia desconversou novamente.

— Não estamos na empresa agora e eu posso te falar como amiga. Não acho que o jeito que o Lorenzo te olha seja apenas um olhar fraternal. Então, se eu fosse você, tomava uma atitude antes que a “vamp da Rasé” morda sua vítima — ela alertou.

— Só você para me fazer rir mesmo! Vai fazer tuas coisas, vai, eu vou escolher o meu filme de hoje e voltar à minha rotina que é o que eu faço melhor.

— Tudo bem, você que sabe. Se precisar de alguém para chorar no ombro depois, quando os dois aparecerem juntinhos, você me procura, certo? — a outra ainda brincou, provocando a chefe antes de desligar.

Beatriz ficou pensando naquilo. Permaneceu incomodada, andou de um lado para o outro. Foi, enfim, para o quarto.

Desvirou o espelho de novo, olhou para si mesma. Precisava resgatar sua autoestima, era bonita, pensou. Podia ter o homem que quisesse, podia agir como mulher novamente em vez de se esconder, envergonhada pela humilhação que passou com Daniel. Três anos depois e ela ainda se escondia, de que adiantava? Independente de quantos anos se passassem, as pessoas não iriam esquecer, mas ela tinha que esquecer.

Tomou um banho e ajeitou os cabelos como se fosse a um evento, maquiou-se e tentou encontrar alguma roupa sexy no armário, o que

era um pouco difícil. Isso porque nos últimos anos tudo o que fez foi se esconder atrás de roupas sóbrias para tentar parecer menos patética do que a noiva abandonada na frente da igreja.

Por fim, finalizou com um salto. Voltou para frente do espelho, desceu a mão pelo ombro e braço, trazendo junto a alça do vestido, sentiu-se desejável. Sim, precisava encarar que era uma mulher desejável. Olhou as horas e, angustiada, saiu depressa.

Subiu ao quinto andar e bateu à porta de Lorenzo. Como o vizinho demorou para abrir, ela entrou. Ele estava terminando de colocar uma travessa no forno.

— Olá — o sócio estranhou a visita, ao mesmo tempo que a analisou da cabeça aos pés. — Vai trabalhar hoje?

— Por quê?

— Está toda produzida — ele observou.

— Estou produzida? — Bia quis confirmar.

— Se você não tivesse “excluído” os homens da sua vida, eu diria que está pronta para conquistar algum. Vai ao evento de inauguração no shopping?

— Acho que me apaguei mesmo como mulher para você achar que só me produzo para trabalhar — ela sorriu, sem graça.

Lorenzo balançou a cabeça:

— Não foi isso que eu quis dizer — ele ficou um pouco sem jeito. — É que nunca te vejo sair, só isso.

— Eu... eu não vou a lugar algum, eu só... queria te ver, queria que me achasse bonita — ela confessou.

Lorenzo estranhou aquela conversa.

— Só isso? Quer que eu aprove sua roupa para alguma ocasião futura? É isso? — ele ficou confuso, contraindo as sobrancelhas. — Porque você não precisa se produzir para eu te achar bonita; para mim, você é bonita todos os dias. O que está acontecendo? — ele se aproximou.

— É que... eu não quero que você saia com Alice. Não quero te ver com ela e acho que com nenhuma outra mulher enquanto tiver acontecendo essa coisa boa entre a gente, que eu ainda não sei exatamente o que é... — ela tomava coragem para falar, apesar de se sentir totalmente sem graça.

— Deixa eu ver se estou entendendo: você se produziu, veio ao meu apartamento para me impedir de sair com a Alice? — ele indagou.

— É, é exatamente isso — ela confessou, por fim. — Eu não quero que fique com ela e acho que temos intimidade o suficiente para eu poder te confessar isso.

Ele pensou um pouco:

— Agora compreendi. Você não quer que eu me envolva com uma funcionária da Rasé.

— Eu não disse isso. Disse que não quero que se envolva com a Alice, o que significa que quero que continue se envolvendo com a chefe da Alice...

— E estamos nos envolvendo? Você parecia confusa hoje de manhã — ele ainda tinha um olhar sério, um pouco apreensivo.

Beatriz engoliu em seco, dando um suspiro profundo. Ficou com medo de levar um “belo fora”, mas não podia voltar atrás:

— Eu não estou confusa agora, Lorenzo. E eu quero ficar com você.

O sócio segurava o pano de prato, ainda sem ação, quando ela o tirou de suas mãos, tomando a iniciativa de beijá-lo. Apesar de surpreendido, ele correspondeu, trazendo-a ainda mais para si.

— Eu sinto muito que tenha vindo tão produzida porque, na verdade, estou louco para te deixar despenteada — ele sussurrou.

— Então, se puder me ajudar a me livrar de toda essa produção, seria bem excitante — ela sugeriu.

Lorenzo sorriu, surpreso, mas aprovando com os olhos a ousadia dela. Tirou o próprio avental e ela o ajudou a tirar o resto enquanto ele abria o zíper do seu vestido a despindo depressa.

Pouco tempo depois descansavam, deitados lado a lado, mas despertaram com o alarme do timer do forno. Ele se levantou para desligar e a ela aproveitou para vestir a camisa que ele tirara e encontrá-lo na cozinha.

— Agora liga para a Alice e diga que não vão mais jantar juntos — ela pediu.

— Eu não vou fazer isso!

— Como assim? Então você não mudou de ideia? — ela perguntou, apreensiva.

— Olha, vamos entrar em um acordo. Você não pode chegar aqui me seduzindo e exigindo coisas de mim. Me seduzindo, tudo bem, mas exigindo coisas que não posso fazer é um pouco demais — ele explicou.

Bia se calou, confusa, sem saber o que dizer, mas tentou não desmoronar.

— Você vai jantar comigo? — ele perguntou, enquanto colocava dois pratos na mesa.

— Quer que eu jante com vocês? — ela ainda se sentia um pouco atordoadada.

— Eu disse comigo. Eu não sei de onde você tirou que eu iria sair com Alice, mas caso ela apareça, apesar de não termos combinado nada, eu coloco um prato a mais — ele disse, tranquilo.

— Está dizendo que não iriam sair juntos hoje? E eu... eu fiz esse papelão todo? — ela perguntou, envergonhada.

— Eu só estou dizendo que eu não tinha nenhum compromisso com Alice. Não sei de onde tirou isso.

— Mas ela te ligou de manhã e você disse...

— Eu disse que iria retornar, e retornei — ele a interrompeu, tranquilo.

— Então ela me pediu para ser substituída no evento de hoje porque tinha um compromisso importante, e eu deixei. Isso é tudo.

Beatriz escondeu o rosto entre as mãos, balançando a cabeça, e depois riram juntos.

— Mas, afinal, essa sua atitude foi puro egoísmo, tipo “não vou perder para outra funcionária” ou...

— Eu não quero perder você... — ela o interrompeu — para ninguém. E não sei se isso é egoísmo, pode até ser... Eu gosto de estar com você, mas quero que fique claro que não vou me colocar no seu caminho quando quiser partir.

Lorenzo a observou uns segundos em silêncio.

— Tudo bem, eu te digo o mesmo — ele respondeu, agindo naturalmente.

— E podemos aproveitar que gostamos da companhia um do outro, em todos os sentidos.

— Está me propondo um “amizade colorida”? — ela questionou.

— Não estou te propondo nada, só estou admitindo que existe uma afinidade grande entre nós e... também certa química. Não estou dando nome às coisas.

— Eu não quero me envolver em um relacionamento sério de novo, nem você. Então, você concorda que seria justo se um de nós dissesse quando achar que vai se machucar? — Bia pediu.

— Concorde, é claro — ele respondeu, tranquilo. — Toma o seu vinho. Como está a lasanha?

Bia sorriu e concordou em mudar de assunto. Percebeu que Lorenzo estava tranquilo e ciente de que decidiram incluir um relacionamento mais íntimo e casual na amizade que já existia entre eles. Ela sabia que acabaria se machucando, mas os momentos com ele compensavam, de modo que postergaria a hora de ser racional.

Claro que, no fundo, preferia que ele tivesse dito que também não queria ser de mais ninguém, além dela, mas seria esperar demais. Lorenzo nunca seria de ninguém, já tinha vivido sua grande história de amor e as mulheres agora significariam apenas um relacionamento físico ou amizade. Nada seria tão intenso quanto o amor que ele havia vivido ao lado de Júlia. Ou quem sabe... Melissa, ela se lembrou da ex-namorada que estava ansiosa para reconquistá-lo.

Na segunda-feira, Bia apareceu sorridente na empresa e caprichou mais no visual. Lorenzo já havia chegado e trocaram um sorrisinho cúmplice que talvez só Luciana tenha percebido. Bia olhou para Alice que trocava mensagens com alguém no celular, também sorridente, mas agora não importava, pois sabia que não se tratava de Lorenzo.

A sócia da Rasé começou a gostar daquela brincadeira, quase inocente. Na empresa, os dois eram os sócios sérios e concentrados no trabalho. Porém, de vez em quando, ele lhe roubava um beijinho rápido quando não havia ninguém por perto, só para se divertirem com a sensação do medo de serem pegos.

Não tinham compromisso, não marcavam encontros. Acostumou-se com a companhia de Lorenzo aos sábados, quando ele chegava com o vinho para degustarem na varanda. Aliás, ele já tinha sua poltrona e seu cantinho favorito, mas combinaram de não invadir muito o espaço um do outro.

Bia percebeu que Lorenzo parecia menos machucado pela perda da esposa, pois já não falava mais nela e não se via com tanta frequência

a expressão de tristeza em seus olhos. Talvez ele fingisse bem, assim como ela, que há anos fazia de conta que havia superado o trauma do “quase” casamento. Talvez, aliás, ela estivesse superando, agora que já não espiava mais as redes sociais para se machucar vendo as fotos felizes de Daniel e a namorada. Riu sozinha ao lembrar daquilo, que papelão, disse a si mesma.

Era difícil, contudo, disfarçar o ciúme quando alguma mulher abordava Lorenzo de forma diferente. Observou que o sócio era mais atraente do que havia deduzido, mas não exatamente pela aparência, ele era agradável, simpático e charmoso, de modo que as mulheres se derretiam com seu carisma.

Foi no comecinho do mês de dezembro que Bia o acompanhou ao orfanato em que ele costumava ir com Júlia. Tentou analisar suas reações e ficou com medo que as lembranças da esposa o fizessem reviver com tristeza seu grande amor. Teve medo de ver a angústia que vira tantas vezes em sua face quando ele ainda se afligia com o luto, mas o sócio pareceu normal.

Lorenzo estava sorridente e realmente feliz por estar com as crianças, de modo que ela se desligou dele e decidiu se envolver naquele encontro também. Sorriu para Kátia, trocou um olhar carinhoso com o tímido David, foi surpreendida pelo abraço carinhoso de Verinha. E ainda ganhou um beijo do pequeno William quando lhe entregou uma caixa de bombons, entre tantos outros momentos emocionantes. Entre tantos outros rostinhos e sorrisos que guardou na memória.

Teve que segurar o choro muitas vezes, envolvida que ficou por todas aquelas criaturas inocentes e injustiçadas pela vida. Conseguiu finalmente compreender o que era uma atitude verdadeira do ser humano, compreendeu na prática o que era o amor que a esposa de Lorenzo sentia pelas outras vidas e por que se dedicara tanto a fazer o bem. Pela primeira vez na vida, ela própria se sentiu útil, sentiu-se plena ao receber e dar tanto carinho.

— Eu não entendia o sentido do que era se doar — ela desabafou com Lorenzo, na volta. — Doar o seu tempo... Eu me sinto até envergonhada por nunca ter feito isso antes.

— Foi bom ter vindo, estou me sentindo mais completo agora.

Beatriz ainda estava pensativa:

— Talvez felicidade seja isso, pensar um pouquinho no outro e não só em nós mesmos — ela deduziu.

— Você já é assim! Foi tão presente quando eu estava me entregando à minha tristeza, insistiu tanto em ficar ao meu lado... — ele lembrou. — Você tem um coração enorme, Bia.

— Mas e agora, como você realmente se sente?

— Em relação a Júlia? Eu me sinto mais tranquilo, lembro dela com carinho. Talvez a gente mereça se dar uma nova chance, não é?

Exatamente em relação a quê? Ela quis perguntar, mas não teve coragem, apenas enxugou uma lágrima que associou à emoção de ter estado junto às crianças.

— Eu viria aqui toda semana — ela lhe disse.

— Jura? — ele pareceu empolgado. — Podemos vir, sim. E o que você acha de a Rasé criar um evento de fim de ano para elas?

Ela imediatamente aprovou a ideia:

— Eu adoraria. Será que nossa equipe aceita?

— Bem, eles vão receber por isso, nós doamos o evento, o que você acha? — ele sugeriu.

— Perfeito — ela concordou.

Quando chegaram na semana seguinte à empresa, eles compartilharam a ideia com a equipe. Contudo, para a surpresa geral, todos decidiram doar os recebimentos desse dia para compra de doces e brinquedos. Os funcionários aplaudiram ao final e Luciana já começou a organizar todos os preparativos.

O Natal chegou, mas naquele dia não se preocuparam com ceias luxuosas e trocas de presentes. Estiveram cedo no abrigo cuidando da decoração, das mesas de guloseimas, da ceia e dos presentes. Bia e Lorenzo ficaram tão felizes que se abraçaram longamente após a entrega dos presentes, disfarçando em seguida ao perceber os olhares desconfiados para eles, mas a equipe logo disfarçou também. Os dois apenas se comunicaram por uma troca discreta de sorrisos. Mais tarde, seguiram juntos para casa.

— Vamos ao meu apartamento, quero te dar o seu presente — Lorenzo convidou.

Em seu apartamento, ele a presenteou com uma fina luminária em formato de lua com suporte de madeira e uma joia.

— Essa luminária é para você não esquecer que gostamos de noites de lua cheia — ele lembrou. — E é para ficar perto da nossa varanda.

— Nossa varanda?

— Sim, ela já é um pouco minha, você sabe — ele brincou. — E essa gargantilha é para você lembrar que é uma pessoa muito especial na minha vida.

Ele colocou o fino presente nela, um gargantilha de ouro com delicada pedra de safira.

— Obrigada, Lorenzo — ela o abraçou forte, desejando naquele momento ser mais do que apenas especial. — Vamos buscar o seu presente agora.

Eles desceram para o apartamento dela, onde Bia lhe entregou uma vitrola retrô com um disco raríssimo.

— É uma versão original, de 1958, de “Lonesome Town”, do Ricky Nelson — ela revelou. — Achei num site de leilões, mas a vitrola é nova, edição vintage.

— Como conseguiu isso, sua maluca? Esse disco é raríssimo! Eu adorei o meu presente! — ele a beijou nos lábios. — Vamos curtir essa música agora.

Ele logo colocou o disco na vitrola para apreciarem a música que ambos gostavam, dessa vez bem em estilo retrô.

— Somos meio nostálgicos, não somos? — ele brincou. — Lembro que você colocou essa música a primeira vez que saímos juntos para comemorar os bons resultados da reformulação da Rasé.

— Sim, lembro bem daquele dia. Mas depois também me surpreendi com seu lado roqueiro. Quando eu iria imaginar você numa banda de roque?

— Um roque bem leve, eu diria, tirando a cara de mau do Greg — ele brincou. — Porém quem nos visse agora, ouvindo essa versão de Ricky Nelson, iria nos achar um pouco velhos. Momento nostalgia...

— Eu diria excitante — ela lhe sorriu, mergulhando em seu olhar.

Lorenzo correspondeu aquele sorriso, acariciando seu rosto antes de beijar seus lábios mais uma vez.

Naquela noite, ele acabou ficando por ali mesmo, dormiram tarde, curtindo a companhia um do outro.

No domingo, vinte e cinco de dezembro, tomaram o café da manhã e almoçaram juntos. Somente depois de colocarem a louça na lavadora é que Lorenzo foi para o seu apartamento. Ela aproveitou para descansar um pouco já que haviam dormido tarde.

No final do dia, ela estranhou o vizinho não ter vindo com uma garrafa de vinho para se sentarem à varanda, principalmente porque era noite de lua cheia e o céu ficava especialmente mais bonito. Como nunca combinavam nada, decidiu não se importar com sua ausência, ainda que temesse o dia que ele se envolvesse com outra pessoa. E, então, sua rotina voltaria ao normal...

Tentou se distrair com outra coisa e pegou um livro para ler, mas a verdade é que não conseguiu se concentrar e ficou receosa com esse sentimento. Sabia que não podia se apegar a Lorenzo. Sabia que o que viviam não passava de uma amizade colorida entre duas pessoas que, machucadas pela vida, decidiram dividir suas dores e solidão, desabafar e ceder o ombro acalentador um ao outro. Mas isso era tudo, e não podia confundir as coisas nem permitir que ele percebesse que estava mais apegada do que deixava transparecer.

Largou o livro, colocou uma música, voltou para a varanda. Suspirou incomodada. E se tivesse acontecido alguma coisa?, perguntou-se. Se Lorenzo tivesse tido uma recaída e mergulhado na tristeza novamente? Balançou a cabeça repreendendo a si mesma, sabia que queria apenas uma desculpa para ir até lá. Pois bem, usaria essa desculpa, decidiu.

Ela deu uma batidinha de leve e entrou, compreendendo, por fim, a ausência do sócio: ele tinha visita. Sentada, linda e elegante em seu sofá, estava a doce Melissa, a ex-namorada que ela tanto temia que se colocasse entre eles. Bia tentou forçar um sorriso, bastante sem graça:

— Desculpe, a porta estava aberta, eu não sabia que estava com visita — ela lamentou.

— Tudo bem, sem problemas, você já conhece a Melissa. Venha se juntar a nós — ele convidou.

— Olá, Beatriz, não sabia que eram assim tão próximos — a outra estranhou.

— E não somos — ela logo se defendeu. — Somos vizinhos, eu moro no terceiro andar e... e estou saindo. Só vim avisar o meu sócio que, se precisar de mim, não estarei em casa.

— Espera, Bia. Como assim? Aonde você vai? — ele se levantou e veio até ela.

— Eu... — ela tentou pensar em algo depressa, já se dirigindo à porta de saída. — Eu tenho um jantar com uns amigos.

— Que amigos? Você não me disse nada.

— Por que eu deveria dizer? Não devemos satisfação um ao outro — ela respondeu, enquanto atravessava o corredor.

— Por que está agindo assim? — ele a questionou, seguindo-a até o elevador. — O que aconteceu?

— Eu realmente preciso ir — ela disse, entrando no elevador.

Ainda observou o olhar parado de Lorenzo enquanto a porta se fechava. Trancou-se em casa, não querendo pensar mais no que tinha acontecido. Abriu o vinho que achou que beberia com o vizinho e foi para a varanda, aproveitar a noite sozinha como havia feito nos últimos três anos. Odiou a si mesma quando aquelas lágrimas tolas desceram dos seus olhos e enxugou depressa, com raiva, manchando a blusa com a maquiagem.

Não tinha se passado muito tempo quando bateram à porta. Ela sabia que era Lorenzo, mas não levantou para abrir porque ele, teoricamente, deveria achar que ela havia saído. As luzes estavam apagadas, e Beatriz estava sentada no chão, encostada na lateral do sofá. O vizinho continuou batendo e então ela viu que ele chamou no celular, porém não atendeu.

“Eu sei que está aí”, era uma mensagem dele, mas ela não respondeu.

“Fiquei olhando quando você desceu no elevador. Ele parou no terceiro andar”, era outra mensagem de Lorenzo.

Pensou em desligar o aparelho. Entretanto, chegou mais uma:

“Estou na garagem, seu carro está aqui”.

Ela tentou ignorar mais uma vez, contudo o som de notificação no celular soou de novo:

“O porteiro acabou de me dizer que você não saiu”, ele digitou.

Bia suspirou, sentindo-se novamente uma tola. Podia ter saído de verdade, ao menos.

“Estou na porta de novo. Abre”, era outra mensagem dele.

Bia se levantou e foi abrir.

— Eu estava dormindo — ela disse.

— Vai mentir para mim agora? — ele questionou. — Você me disse que tinha um jantar.

— Eu mudei de ideia e decidi ficar em casa.

— E por que saiu daquele jeito do meu apartamento? — ele quis saber.

— Não quis atrapalhar o reencontro com seu amor da juventude. Somos livres, por isso quis te deixar à vontade também.

— Eu não pedi para que me deixasse livre — ele respondeu, bastante sério.

— Por que veio até aqui? Precisa de alguma coisa? — ela quis mudar de assunto.

— Vim saber como você está, por que saiu aborrecida lá de casa? — ele insistiu.

— Aborrecida eu? Não! Está tudo bem, eu já sabia dessa história, ela me detalhou quando estive na sua cidade. Ah, Lorenzo, você não precisa se preocupar comigo, agora vá atender sua visita.

— Eu não estou com visita. Ela está hospedada em um hotel e eu já expliquei para ela que tinha um compromisso.

Bia ficou aliviada de saber que, ao menos, ela não ficaria hospedada na casa dele. Mas ainda estava incomodada com a sua presença:

— Bem, você não era obrigado a vir, nunca tomamos isso como um compromisso — ela ressaltou.

— Nossas noites na varanda? É onde eu gosto de estar — ele respondeu, ainda estranhando o comportamento dela.

— E quanto tempo Melissa pretende ficar em Belo Horizonte? — Bia mudou de assunto, voltando a falar na ex-namorada de Lorenzo.

— Bem, inicialmente ela pretende se mudar para cá.

Dessa vez foi mais difícil para Beatriz disfarçar o incômodo que sentia:

— Que ótimo! Tudo bem propício para um novo reencontro — ela acabou não se contendo.

— Bia, você está fazendo cenas de ciúmes — ele chamou sua atenção.

— Não, eu só não desejo estar entre vocês quando decidirem que querem recomeçar a velha história mais uma vez.

— Eu não estou com ela, estou aqui com você! — Ele estranhou sua atitude.

— Ela me contou como as coisas acontecem entre vocês. Se separam, mas, sempre quando se reencontram, ficam mexidos de novo, e isso só não aconteceu na época em que você estava com Júlia. Mas agora... a Júlia não é mais um empecilho.

— Agora estou com você.

Beatriz não acreditou no que ele dizia. Sabia que não havia nada sério entre eles e continuou arisca:

— Estamos? Não, nós não estamos. Nós apenas nos curtimos e isso é bom, mas eu não quero ser pega de surpresa quando vocês reatarem, entendeu?

— Por que está dizendo que isso vai acontecer? — Lorenzo questionou.

— Bem, foi a história que ela me contou. E agora ela está aqui de volta, vão se encontrar outras vezes e... Olha, está tudo bem, eu não vou ficar aborrecida, sabemos que estamos apenas nos curtindo.

Lorenzo continuou do mesmo jeito, olhando sério para ela:

— Você está apenas curtindo? Eu estou gostando de ficar com você, não quero outra mulher, podemos assumir esse relacionamento, se você quiser.

“Se eu quiser?”, ela se perguntou. É indiferente para ele, deduziu, chegando à conclusão de que não conseguiria mais levar aquilo adiante. Além disso, não levaria outro “fora”, não passaria pela mesma situação de novo, de modo que preferia, ao menos, sair de cabeça erguida dessa vez.

— Por que você está complicando as coisas? — ele perguntou. — Estava tudo indo tão bem, tivemos o Natal perfeito, nossas noites na varanda são perfeitas, o que está ruim para você?

Bia o olhou angustiada, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Quanto mais encarava aqueles olhos, mais tinha certeza de que estava apaixonada. Sim, estava completamente apaixonada e se sentindo uma tola por ter cometido tal erro.

— Fala, Bia, o que está acontecendo? — ele insistiu.

— Eu... eu não posso levar isso adiante porque... eu estou me envolvendo com outra pessoa, é isso — Ela usou a primeira desculpa que lhe veio à mente.

— Você está mentindo. Você não tem ninguém!

— Está bem, Lorenzo, mas eu quero ter, entendeu? — disse evasiva, procurando qualquer pretexto para colocar um fim naquela história. — Eu quero recomeçar minha vida, mas não quero mais me envolver com você porque você é meu sócio, acho que devíamos nos concentrar na empresa, é isso.

Lorenzo a encarou bastante sério, de um modo como ela nunca o vira antes.

— Quem sabe você possa arrumar, também, um outro sócio — ele se dirigiu para a porta.

— Como assim? O que você está falando? Vai me abandonar porque não quero continuar com essa amizade colorida? — ela o questionou.

— Vou te abandonar porque é uma inconstante. Além disso, você precisava de alguém para te ajudar a reerguer a Rasé, e nós já fizemos isso, acho que pode levar sozinha agora. Eu tinha uma dívida de gratidão com seu pai, mas acredito que já paguei.

— Não estou te entendendo. A empresa está indo bem agora para que largue tudo.

— Eu não preciso dessa sociedade, eu posso recomeçar em qualquer lugar — ele respondeu, sério. — Além disso, você sabia que eu partiria em algum momento, acho que essa é uma hora apropriada.

— Eu disse que não iria dar certo misturarmos as coisas — ela reclamou.

— Por que você está lamentando? Estou te deixando livre para se envolver com outras pessoas.

— Você não deveria colocar a empresa no meio, mas tudo bem, se quer me deixar, talvez seja melhor mesmo. Já estragamos tudo, não é? E eu perdi a pessoa que eu mais quis bem nesses últimos anos — Bia lamentou, percebendo que não havia mais volta.

— Você perdeu? Não, você me dispensou. Mais uma vez — ele frizou, abrindo a porta para sair.

— Para que você seja feliz! — ela argumentou.

Lorenzo se virou para ela, um pouco irritado:

— Eu não preciso de uma babá cuidando de mim ou me dando conselhos amorosos. Posso eu mesmo decidir sobre minha vida sentimental.

— Será que pode? Não foi o que Vivian disse.

— Bem se vê que você me subestima mesmo — ele a olhou com desprezo.

— Não, não é verdade, me desculpa por ser assim complicada — ela o alcançou.

— Tudo bem, eu te desculpo, mas me deixa tomar o meu rumo, está bem? — ele pediu. — Eu não vim para ficar, vim para te ajudar a reerguer a empresa porque fui muito grato ao seu pai.

— Então você não tinha mesmo intenção de ficar? — ela quis confirmar.

— Talvez eu tenha tido algum dia, mas você me convenceu de que eu devo seguir meu caminho, de que ainda não encontrei o meu lugar.

Lorenzo saiu e ela se sentou desolada. Sabia que não acabaria bem se misturasse as coisas em vez de ser racional e conservar apenas a amizade sincera que havia sido cultivada entre eles.

Sentiu mais uma vez que não fazia nada direito. Agora não tinha nada, nem o amigo, nem o sócio, nem o amante, estava sozinha mais uma vez.

Terminou o domingo em casa, solitária. Na segunda, não houve expediente para compensar o dia de Natal que caíra no domingo. Na hora do almoço, ela foi até o apartamento de Lorenzo:

— Você já almoçou? Eu fiz uma lasanha, se quiser almoçar comigo...

— Eu não quero — ele respondeu, sério. — Fiz um lanche, estou sem fome.

— Lorenzo, você vai ficar assim comigo? Vai me tratar desse jeito frio?
— ela perguntou, angustiada.

Lorenzo a encarou, sério:

— O que será que você esperava de mim? — questionou.

— Acho que nunca vamos conseguir resgatar a nossa velha amizade, não é? — ela lamentou. — Eu faço qualquer coisa para não te ver assim, aborrecido desse jeito comigo. O que eu posso fazer?

— Você não pode fazer nada, as coisas aconteceram do jeito que tinham que acontecer. Nós dois sabemos que nada dura para sempre, não é?
— Naquele momento ele pareceu lembrar-se dos relacionamentos anteriores de ambos.

— Eu não queria sair da sua vida assim. Você vai ficar bem, não vai? Agora que Melissa voltou e vocês podem reatar.

— Eu não sei, se você não aparecer de surpresa e me agarrar o dia que desconfiar que vamos ficar juntos, como fez quando achou que eu sairia com Alice — ele tinha uma ironia um tanto ácida dessa vez.

— Tudo bem, você tem razão, eu fui egoísta, eu te queria só para mim. E esse é o problema.

— Do que você está falando agora? — ele questionou de novo, um pouco impaciente dessa vez.

— Essa história toda de que eu queria ficar livre para encontrar outra pessoa... é tudo uma grande mentira só para não admitir que... — ela respirou fundo — que estou morrendo de ciúme e medo de perder você para Melissa.

— Mas, Bia, eu nem estava com a Melissa, eu estava com você. E nós não estávamos fazendo nada, você viu, você entrou lá, a porta estava aberta — ele tentava explicar.

— Eu sei, mas... voltando a conviver juntos, uma hora ou outra vocês poderiam se reaproximar e... e mesmo que não fosse ela, poderia ser qualquer pessoa. Eu não consigo mais disfarçar o ciúme que eu sinto quando alguma mulher se aproxima e eu fico com medo que você se envolva e saia da minha vida — ela lamentou.

Lorenzo balançou a cabeça, suspirando.

— Por que você está complicando as coisas desse jeito? Era com você que eu estava e eu estava gostando disso. Não quero outra mulher. Nós estávamos tão bem, eu passei o melhor Natal da minha vida ao seu lado, gostamos das mesmas coisas.

Bia tinha o olhar distante, queria acreditar em Lorenzo, mas não conseguia mais acreditar nas pessoas, precisava fugir. Ele prosseguiu:

— Esse seu ciúme é infundado, eu não sou seu ex-noivo! Eu sou uma nova história, assim como você é uma nova história para mim, uma nova chance que estamos nos dando.

— Você não compreende, eu não posso seguir com isso — Ela se afastou. — Eu não te quero mais como amigo porque... porque estou me envolvendo de outra forma... Eu não queria te dizer isso, não queria admitir que não consegui ser racional.

— Eu também estou envolvido.

— De que forma? — ela quis saber.

— Eu... eu não sei dar nome às coisas — ele pareceu confuso.

Ela o encarou em silêncio por uns segundos, decepcionada:

— Você não sente o mesmo — ela concluiu, entristecida.

Lorenzo se calou e aquele silêncio foi extremamente perturbador. Talvez ele também tenha sentido medo em algum momento. Mas qual era seu medo?, ela se perguntou. De se ferir? De machucar os sentimentos dela?

De encarar uma nova relação? Que silêncio constrangedor, ela pensou, abrindo a porta atrás de si.

— Bia — ele a chamou quando percebeu que ela ia embora.

— Eu não quero que diga nada, por favor, não diga nada — ela pediu. — Eu realmente preciso ficar um pouco sozinha.

— Mas acho que precisamos conversar — ele insistiu.

— Sempre respeitamos a necessidade de silêncio um do outro. Respeita a minha agora, por favor — ela pediu, afastando-se.

Bia chegou e casa, sentindo-se envergonhada por ter se entregado daquela forma e por ter admitido que não conseguiu levar amizade colorida alguma, pois misturou todos os sentimentos dentro de si. Por outro lado, sentia-se, também, aliviada, pois agora não precisava mais fingir, não precisava mais se fazer de forte.

10 CORAÇÃO FECHADO

Lorenzo não tentou mais contatá-la naquele dia. No dia seguinte os dois estavam um pouco sem graça no escritório. Beatriz percebeu, quando teve que levar uns papéis em sua sala, que ele estava organizando alguns objetos pessoais, certamente já preparando seu desligamento da Rasé. Ela teve que admitir que foi um erro se deixar levar pelo calor do momento quando estiveram juntos pela primeira vez em São Sebastião do Rio Verde. No entanto, sabia que já estava mexida por ele antes disso, encantada por sua gentileza e sorriso acolhedor.

Naquele dia, ele saiu mais cedo para almoçar e disse que resolveria uns problemas particulares. Luciana a chamou depressa no Café:

— Corre, Bia, Lorenzo esqueceu o celular. Tem várias chamadas da Melissa aqui.

— Eu não acredito que você fez isso! Isso é invasão de privacidade, você pode, inclusive, ser demitida por ele, sabia? — Beatriz a repreendeu.

A secretária, porém, ignorou sua repreensão:

— Vai, por que não olha as mensagens trocadas por eles? Eu cuido da porta — a outra sugeriu.

— O que está me mandando fazer? Isso é absurdo e eu jamais faria tal coisa.

— Seria o jeito mais fácil de descobrir o que está realmente rolando entre eles, mas se prefere ser correta...

Beatriz olhou séria para a secretária e, em seguida, para o celular sobre o balcão.

— Eu vou fingir que você não me sugeriu tal disparate somente porque te considero muito — ela disse, séria, se retirando e voltando para sua sala.

Luciana meneou a cabeça lamentando, mas disfarçou rápido quando viu o próprio Lorenzo, que voltou para pegar o aparelho. Beatriz se virou para os observar da porta de sua sala e se sentiu aliviada por não ter cedido aos apelos da funcionária.

— Está tudo bem? — ele estranhou a expressão assustada da secretária.

— Sim, é só a minha pressão que baixou um pouquinho, chefe — ela disse depressa.

Lorenzo fez que sim e se retirou. Luciana olhou para Beatriz, fazendo expressão de alívio. A dona da Rasé apenas balançou a cabeça, não conseguindo nem ficar brava com a espevitada de sua secretária.

Foi até a janela, observando o movimento nas ruas. Estava certa de que o sócio tinha ido se encontrar com Melissa ou, quem sabe, resolver questões de seu desligamento da empresa. Qualquer um dos dois compromissos a entristecia do mesmo jeito.

Não podia lamentar, pensou, porque sabia desde o princípio que não iria dar certo misturar amizade e desejo. Por que se arriscou, achando que era forte e fria o suficiente para não se apaixonar apesar de estar tão carente?, ela se questionou. Vestiu por três anos uma máscara de mulher forte e indiferente, vestiu uma armadura para não se envolver e se machucar de novo, mas acabou se envolvendo com uma pessoa que usava o mesmo tipo de proteção.

No dia seguinte, o clima entre eles ainda era de distanciamento. Ela estava na janela pensando no Ano Novo que se aproximava, provavelmente iria para o quarto ano remoendo mágoas e tristeza, provavelmente se isolaria novamente, deduziu. Nem parecia que a noite de Natal havia sido tão envolvente e para o Réveillon nada de especial era sinalizado.

Assustou-se quando ouviu a voz de Lorenzo atrás de si.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

— Você me assustou. E, sim, está tudo bem.

— Bia, acho que devíamos conversar.

— Sobre o quê? Sobre o seu desligamento da Rasé? — ela tentou desconversar. — Não precisa, você já havia me prevenido sobre isso desde o início e você já tomou sua decisão de partir. Acho que só precisamos conversar quando tivermos que assinar os papéis.

— Não é disso que estou falando, e você sabe.

— Eu pedi que você respeitasse minha vontade de silenciar — ela quis fugir mais uma vez daquela conversa. — Não pode fazer isso? Eu sempre respeitei a sua, aliás, eu acho que silenciou da última vez em seu apartamento.

— Você me pegou de surpresa, eu não estava preparado para falar de sentimentos — Lorenzo justificou. — Acha que também não tenho medo de começar de novo? A vida foi dura demais comigo, eu mal me refiz de tudo por que passei. E se estou me refazendo agora é porque você insistiu em ficar ao meu lado.

— Talvez seja gratidão o que você sente — ela sugeriu.

Lorenzo se aproximou dela, segurando sua cintura e olhando bem em seus olhos.

— Parece gratidão quando nos tocamos? — ele perguntou, sério.

Bia suspirou fundo, afastando-se dele:

— Eu só queria que nossa amizade voltasse a ser como no começo — ela desabafou. — Era tão bom ter alguém com quem eu pudesse ser eu mesma e para quem eu pudesse oferecer alguma coisa, nem que fosse apenas apoio.

— Nossa amizade nunca será como antes, você sabe disso, porque não é só amizade que existe entre nós. Você quer fugir para não se machucar, é isso?

Beatriz o olhou em silêncio. Sim, era exatamente o que queira, fugir para não se machucar, mas como dizer aquilo e admitir que era uma covarde? Ou como dizer que queria apenas ter certeza de que ele era capaz de amar de novo e de que não haveria fantasmas do passado como Júlia ou Melissa?

— Está vendo? Nem você sabe o que quer — ele lamentou. — Seria bom que continuássemos como estava, mas podemos também assumir um relacionamento, qual é o problema?

— Não sei, parece tão simples para você: amizade colorida ou relacionamento, tanto faz — ela disse, confusa.

— Bia, você não está me entendendo, o que quero dizer é que, para mim, é bom estar ao seu lado, não importa o nome que damos a isso. Eu sei que você sofreu uma grande decepção e certamente não é fácil para você acreditar novamente em outra pessoa.

— Você tem toda razão — ela admitiu.

— Mas você me conhece, não é? E sabe que eu sou diferente.

— Será que eu sei? Eu te conheço como amigo, eu sei sua história, mas eu tenho tanto receio de passar para outro nível e descobrir que você... — ela se calou.

— Não posso corresponder às suas expectativas — Ele pareceu adivinhar seus pensamentos.

Beatriz apenas suspirou, mas nada disse. Então Lorenzo prosseguiu:

— Achei que eu temesse uma nova relação, mas estou vendo que você está bem mais arisca do que eu. Mas tudo bem, eu não vou ficar te pressionando, vou deixar você pensar sobre o que realmente quer.

Ele se retirou em seguida. Beatriz queria que ele simplesmente falasse sobre sentimentos. Afinal, o que ele sentia? Carinho? Desejo?, ela se perguntava, confusa. Por outro lado, pensava se não podia ser menos racional e simplesmente se entregar sem reservas para saber como iria terminar. Se fosse tão simples ser racional...

— E, aí, se entenderam? — Luciana perguntou quando foi levar um documento para ela assinar.

— Não. Eu acho que devia ser menos tola, esperando demais das pessoas, e aceitar apenas o que elas têm a me oferecer — ela respondeu com um sorrisinho apagado.

— Ou, quem sabe, construir esse sentimento junto com a pessoa — a outra sugeriu. — Olha, eu e o Junior não sentimos amor à primeira vista um pelo outro, foi uma coisa que foi crescendo. Hoje não consigo imaginar minha vida sem ele.

— Mas será que ainda tem um lugar para mim no coração de Lorenzo? — ela perguntou, insegura. — Um amor de “idas e vindas” com uma, um amor intenso com outra.

— Você acredita mesmo que só se ama uma vez? Isso é tolice, você pode amar quantas vezes quiser, é o momento que faz o sentimento. Ele viveu amores bonitos, você viveu um droga de amor, está certo — ela lamentou, fazendo careta. — Mas pode ser que o que viverem agora supere todos os outros.

Bia olhou com carinho para Luciana, querendo acreditar no que ela dizia:

— Talvez você tenha razão, eu preciso acreditar mais em mim.

— Claro, Bia. Você é linda, é adorável e eu vejo o jeito que Lorenzo te olha, você é especial para ele. Deixa esse medo de ser feliz de lado.

— Você está certa, Lu. A amizade nunca mais vai ser como antes mesmo. Se não posso recuperar o amigo, quem sabe o amante... — ela sorriu.

A secretária correspondeu seu sorriso, aprovando. Porém, nesse momento, elas interromperam a conversa ao ver que havia alguém na recepção. Mas não era bem um cliente procurando por serviços, e sim Melissa procurando por Lorenzo.

— Olá, alguém sabe do Lorenzo? — Ela veio até a sala onde as duas estavam.

— Ele deu uma saída — Luciana informou. — Disse que tinha que ir ao banco, mas não informou a que horas retornava.

— Bem, então eu acho que não tem problema se eu esperar por ele aqui, não é? — ela perguntou, sentando-se na cadeira de frente à mesa de Beatriz.

— Tendo em vista que já se instalou, acredito que não — Beatriz respondeu, não muito contente.

— Vou terminar meu serviço — Luciana avisou, deixando-as.

— Você marcou horário com ele? — a sócia de Lorenzo perguntou.

— Eu não preciso marcar horário com Lorenzo. Afinal, nos conhecemos há tantos anos! Sempre foi assim, a vida se encarregou de promover nossos reencontros.

Beatriz ergueu as sobrancelhas, surpresa com seu discurso, mas não quis se deixar abalar e tentou deixá-la à vontade:

— Você quer alguma coisa, um café, uma água? — perguntou, tranquila.

— Não, eu não quero nada, estou bem assim.

Melissa parecia um pouco mais ríspida dessa vez do que quando se encontraram em São Sebastião do Rio Verde. Ela seguiu falando:

— Sabe, Beatriz, eu fiquei realmente surpresa quando vi você entrar daquele jeito no apartamento do Lorenzo. Eu não imaginei que, como sócios, vocês tivessem tanta intimidade para você ir entrando sem bater.

Bia ficou em dúvida se devia dar satisfações para Melissa, principalmente pelo tom irônico que ela estava usando.

— Isso é uma constatação ou uma intimação? — a sócia da Rasé questionou.

— Bem, eu não sei, talvez você saiba me dizer — a ex-namorada de Lorenzo a encarou.

— E ele, o que disse a você?

— Quer saber das nossas conversas? — Melissa a olhou com desprezo naquele momento.

— Eu quero saber por que não tirou suas dúvidas diretamente com ele — ela retrucou, ainda tentando ser educada.

— Você sabe que Lorenzo é um homem muito discreto e não falaria coisas desse tipo — ela respondeu, como se fosse algo óbvio.

— De que tipo? — Bia a questionou.

— Tipo... a intimidade que existe entre vocês.

Beatriz a encarou, pensativa, alguns segundos antes de responder:

— Então, eu sinto muito em te dizer, mas existe realmente muita intimidade entre nós — acabou admitindo, farta de sempre ter medo de magoar as pessoas.

Melissa se levantou, irritada:

— E eu, que tola fui, desabafando com você lá em São Sebastião do Rio Verde — ela demonstrava uma mistura de decepção e indignação.

— Eu não tenho culpa se vai contando da sua vida para qualquer pessoa. É, de fato, um defeito meu ser uma boa ouvinte.

— Você foi muito falsa — Melissa acusou.

— Eu não fui falsa, eu apenas te ouvi — Beatriz também se levantou. — Em nenhum momento você me perguntou o que eu estava sentindo! E, que bom, porque eu teria grande dificuldade de esconder que eu estava apaixonada por ele — ela confessou.

— Então agora você finalmente se revelou como minha rival — a outra concluiu.

— Eu não sou rival de ninguém — Bia se sentou novamente. — Não me coloque nessa situação, isso é ridículo — pediu.

— Não sei que chances você pensa que tem com Lorenzo, Beatriz. Eu tenho uma história com ele desde que éramos adolescentes, eu o conheço como a palma da minha mão. E vou conquistá-lo de novo — Melissa declarou, decidida.

Beatriz teve medo de se sentir diminuída novamente. Queria perguntar se eles já estavam tendo algum relacionamento nesses últimos dias, mas não teve coragem com medo do que pudesse ouvir. Melissa era mesmo muito ousada e parecia bastante disposta a reconquistar o ex-namorado, de modo que Bia se sentiu insegura mais uma vez, apesar de tentar não demonstrar.

A visitante ainda a encarou uns segundos até que ambas se distraíram com o barulho. Olharam pela janela de vidro e viram que Lorenzo havia retornado. Ainda tentando parecer tranquila, a dona da Rasé apontou para o sócio a fim de que a outra se retirasse. Foi o que Melissa fez e, em seguida, se fechou com ele em sua sala.

A sócia da Rasé foi até o Café, de onde conseguia ver, pela janela de vidro da sala dele, que Melissa parecia um pouco alterada pelo modo como gesticulava. No momento em que se abaixou para pegar mais pó de café no balcão inferior, ela ouviu barulho de porta e percebeu que saíram. Permaneceu abaixada, não querendo ser vista por eles.

— Lu, eu vou dar uma saída. Volto antes do fim do expediente, OK?

Beatriz escutou quando ele avisou a secretária e se levantou a tempo de ver os dois se dirigindo para o elevador, percebendo apenas que a mulher ainda parecia bem nervosa.

Suspirou, tensa. Luciana se aproximou logo em seguida.

— Não, Lu, por favor. Eu não quero conversar sobre isso — ela pediu, confusa.

Mais tarde voltou para sua sala, remoendo o ciúme que estava sentindo. Os funcionários foram embora, a empresa ficou silenciosa, porém Lorenzo não retornou, o que a deixou bastante contrariada. Fechou tudo e foi para casa.

No dia seguinte, ela evitou o sócio todas as vezes que pôde e procurou se manter bastante ocupada a fim de que ele não tentasse se aproximar. Era seu dia de sair mais cedo, porém, certificando-se de que tudo estava em ordem, ela foi para casa ainda antes do horário habitual.

Mais tarde, Lorenzo bateu à sua porta:

— Eu ia te convidar para jantar comigo — ele disse. — Estou descongelando uns camarões e...

— Eu não quero, estou sem apetite — ela o interrompeu, recusando o convite.

— Podia ser um pouco mais gentil — ele comentou, surpreso. — Tudo bem, era só uma desculpa para ficar um pouco mais perto de você.

— Eu estive na empresa a tarde toda. Aliás, estive ontem também, mas você estava ocupado, nem voltou para fechar o expediente. A propósito, parece que a sua namorada estava bem nervosa ontem — ela comentou.

— Ela não é minha namorada — Lorenzo respondeu, sério.

— Quer saber? Não me importa. Não quero mais ficar entre você e seus amores do passado — ela acabou dizendo.

— Você sabe que esse seu ciúme não faz sentido, não sabe? Eu já te disse isso — ele continuava sério.

— Ah, eu percebi que não faz pela quantidade de chamadas dela no seu celular — ela acabou respondendo, de impulso.

— Você andou mexendo no meu celular? — ele perguntou, franzindo a testa.

Beatriz ficou totalmente sem ação.

— Leu minhas mensagens também? — ele questionou.

— Não! — ela respondeu, indignada.

— Então toma — ele colocou o celular sobre o balcão. — Termina de ver.

Ela levou a mão ao rosto, balançando a cabeça.

— Eu não vou fazer isso e não vi suas chamadas propositadamente — Bia lamentou. — Estou muito envergonhada por isso, mas não vi mais nada, eu juro.

— Eu não tenho por que esconder alguma coisa de você — ele se aproximou dela. — Nunca te escondi nada, eu te contei minha história, te contei minha vida e agora você faz parte dela.

Beatriz entendeu que fazia parte, sim, mas não do jeito que queria e achou melhor evitar mais sofrimentos.

— Olha, eu lamento pelo episódio do celular, pelo papelão que fiz quando achei que você iria sair com Alice, realmente lamento! Mas isso só demonstra que sou insegura e nunca vou conseguir encarar com naturalidade esse seu relacionamento com Melissa.

— Bia, o que eu faço para te convencer de que é com você que eu quero ficar? — ele se aproximou, segurando seu braço.

— Nada — ela respondeu, ríspida, o repelindo. — Eu quero apenas que prossiga com suas providências para encerrar nossa sociedade e vá embora da minha vida.

— Você está nervosa, está falando isso no calor do momento.

Ele a segurou novamente, trazendo-a para si e a encostou contra a parede. Lorenzo acariciou seu rosto, tirando-lhe uma mecha de cabelo da testa para que não desviasse os olhos dele.

— Olha para mim, para que desperdiçar o que existe entre nós? — ele perguntou.

— Amizade? — ela sugeriu.

Lorenzo a encarou uns segundos, movimentando os olhos entre os olhos e lábios dela. Beatriz se sentiu muito fragilizada entre os braços de Lorenzo, de modo que não fez resistência quando ele beijou seus lábios com desejo. Teve vontade de se entregar àquele desejo intenso que sentia e esquecer toda a racionalidade.

— Te parece mesmo amizade? — ele a encarou novamente. — Me deixa ficar — sussurrou.

Beatriz se sentiu seduzida, mas temeu. Lembrou-se novamente das inúmeras chamadas de Melissa, do modo seguro como ela disse que o reconquistaria e de que saíram juntos da empresa na tarde em que ele não retornou depois.

Lembrou-se ainda, mais uma vez, de si mesma vestida de noiva no carro em frente à igreja e da mensagem de Daniel: “Sinto muito”. Não vou me machucar de novo, disse a si mesma.

— Não — ela respondeu Lorenzo, com dificuldade, virando o rosto para o outro lado a fim de não encará-lo.

— É isso mesmo? Está me dizendo não? — ele perguntou, enquanto a soltava devagar. — É por causa da Melissa?

— É por causa da Melissa, da Júlia. É por causa da minha história. É pela minha incapacidade de acreditar nas pessoas — ela estava um pouco nervosa e confusa. — E é também por essa minha cabeça complicada e meu desejo de ficar sozinha.

— Eu não sei mais o que dizer a você — ele lamentou. — Aliás, eu acho realmente que não tenho mais nada a dizer...

Beatriz olhou sem ação quando viu Lorenzo se afastando. Deixou-se escorregar na mesma parede onde havia pouco tinha sentido o corpo dele junto ao seu. Sentou-se no chão colocando a cabeça entre as mãos e lamentou.

Naquele instante tudo o que lhe restou foram as lembranças. Pensou no enternecimento que sentiu quando Lorenzo chorou seu luto em seus braços. Pensou no momento louco em que fizeram amor na fazenda pela primeira vez, lembrando-se da sensação que experimentou quando ele tocou sua pele ao lhe tirar o vestido. E que, a partir daquele toque sutil, todas as suas resistências pareceram ruir por terra... Pensou nos momentos sob o luar, na varanda da fazenda, na varanda de seu apartamento.

Chorou amargamente por ter durado tão pouco aquele gostinho de felicidade intensa.

11 UMA NOVA CHANCE

Na manhã seguinte, quando saiu para trabalhar, estranhou que o carro do sócio não estivesse na garagem do prédio, já que não era seu dia de chegar mais cedo e sim o dela. Contudo ele não estava na empresa também, de modo que deduziu muitas coisas, ou que havia ido se encontrar com Melissa ou quem sabe estivesse providenciando sua partida. Tentou se concentrar no serviço, porém não conseguiu se desligar das horas, principalmente depois que passou do horário eventual de Lorenzo chegar, mas ele não apareceu.

Olhou o calendário que marcava o penúltimo dia do ano: trinta de dezembro de dois mil e dezesseis. Uma sexta-feira triste, pensou, angustiada com a noite de Réveillon que se aproximava e sabia que brindaria sozinha em sua sacada, como vinha fazendo nos últimos anos quando se escondia de todos. Sentiu uma profunda tristeza ao saber que voltaria a ser solitária depois de ter experimentado o gostinho indescritível de ter uma companhia agradável com quem dividia tantas afinidades.

Ainda estava vagueando em seus pensamentos quando se distraiu com um barulho alto do outro lado da rua e a movimentação de sua equipe na janela. Uma afinação de instrumentos chegou a lhe castigar os ouvidos depois da noite maldormida. Era só o que faltava, pensou, irritada, imaginando algum comício ou preparação para as festas do Réveillon na praça logo em frente.

— Mas o que está acontecendo?

Ela perguntou ao ver Luciana e Alice debruçadas na janela, curiosas para ver o burburinho do lado de fora.

— Não sei, parece que vai ter algum show na praça — Alice respondeu.

— Mas a essa hora? Essa gente enlouqueceu? — ela questionou, mal-humorada. — As pessoas ainda estão trabalhando! — resmungou.

Porém as duas nem lhe deram ouvidos, curiosas para saber o que estava acontecendo do outro lado da rua.

— Olha só, é o chefe! — Alice disse, empolgando-se.

— Chefe? Está falando do Lorenzo? — Beatriz quis saber.

— Bem, a empresa só tem dois donos, se você está aqui... — Alice deu de ombros. — Olha, o chefe em frente a um microfone. — ela cutucou a secretária ao seu lado.

Bia se aproximou, tentando se colocar entre elas:

— Do que vocês estão falando? — perguntou.

— Uau! O Lorenzo vai dar um show em frente à empresa! Não estou acreditando no que estou vendo — Luciana comentou.

— Deixa eu ver isso — Bia finalmente conseguiu se colocar entre as duas, apoiando-se no parapeito da janela.

Foi, então, que se deparou com Lorenzo, que apontou para a janela onde elas estavam:

— Essa é para você, Beatriz — ele disse.

E, nesse momento, posicionando-se diante do microfone, acompanhado de sua antiga banda, ele começou a cantar a canção da Gregory Peck Band:

*“Eu busquei um amor por tantas estradas,
Mas estava tão pertinho e eu não vi.
Eu busquei um amor em tantas furadas,
Mas estava tão pertinho e quase perdi*

*Como te convenço que só quero você,
agora, a qualquer hora
Como eu poderia querer outro amor?
Se pensei, foi sem querer...”*

Beatriz mal podia acreditar no que estava vendo. Lá estava Lorenzo no vocal e guitarra, Guto no baixo e segunda voz, Beto no teclado e Greg na bateria. Ao lado do palco, Laura e Vivian seguravam um cartaz que dizia: “Ele não quer outro amor, mas você”.

A dona da Rasé começou a rir sozinha, mal acreditando no que via. Do seu lado, Alice ria e assobiava, Luciana suspirava e batia palmas, enquanto os demais funcionários já desciam para ver o show de perto.

Lá embaixo, Lorenzo seguia cantando para ela:

*“Eu busquei por abrigo em tantos lugares,
Mas teu ombro era onde eu mais me abrigava.
Eu busquei emoção em outras mulheres,
Mas só o teu sorriso me emocionava*

*Como te convenço que só quero você,
agora, a qualquer hora
Como eu poderia querer outro amor?
Se pensei, foi sem querer.”*

Greg pegou o microfone enquanto Lorenzo fazia um solo de guitarra:

— Fizemos mais de cinco horas de viagem para ajudar esse cara a te convencer de que você é a única mulher que ele deseja, será que pode acreditar agora? — ele se dirigiu à Beatriz. — Estamos exaustos da viagem e com fome.

Em seguida, Guto pegou o microfone do amigo e também se manifestou:

— É isso aí. Por sua causa eu dei uma chance para esse cara, agora vê se dá uma chance para ele também! — ele brincou.

Bia ainda se sentia atordoada com aquela surpresa e estava tão sem ação que Luciana e Alice tiveram que puxá-la para que descesse até a praça. Lá embaixo, Laura e Vivian a trouxeram para a lateral para que subisse no palco, onde foi conduzida por Guto até Lorenzo. Ele a abraçou beijando seus lábios apaixonadamente, antes de pegar o microfone e se dirigir a ela:

— Eu queria dizer, diante de todas essas testemunhas, que eu quero uma nova chance para amar de novo e que eu escolhi você para isso. Será que você aceita? Você aceita continuar sendo minha amiga e companheira, mas agora incluindo o status de esposa também? — ele perguntou.

— Claro que aceito — Bia o abraçou, emocionada.

Lorenzo a beijou novamente e, depois dos aplausos da torcida lá embaixo, os dois, finalmente, desceram do palco.

— Você está mesmo certo de que é isso que quer? — ela ainda questionou.

— Bem, tudo o que preciso é te convencer de que não quero outra mulher em minha vida, apenas você. Alguns até me chamariam de tolo por isso, mas eu não sei ser diferente — ele lhe disse, tranquilo.

— E é por isso que eu te amo.

— O que você disse? Repete sem fugir agora — Ele a apertou contra si.

— Que eu te amo! — ela disse, pela primeira vez sem medo.

— Por que demorou tanto tempo para admitir? Eu também te amo, será que agora pode, finalmente, entender que a melhor coisa a fazer é ficar comigo?

— É que, quando eu falava de sentimentos, você ficava tão sem reação, eu...

— Você está certa, eu fiquei sem reação — ele admitiu. — Tive medo de recomeçar, medo que a vida nos separasse. Eu também tenho meus medos, assim como você, mas eu te disse, somos uma nova história na vida um do outro, vamos viver isso.

— Mas... e a Melissa?

— Bem, aquele dia que não voltei ao escritório, eu a estava convencendo a ir embora. Consegui um voo de volta para São Lorenzo, que é o aeroporto mais perto de São Sebastião do Rio Verde, e me assegurei de que ela embarcou — ele contou.

— Jura que fez isso? — ela perguntou, aliviada.

— Vai parar de duvidar do que eu sinto?

— Vou. Vou, sim, eu prometo — ela respondeu depressa. — Que loucura isso tudo que você fez! — Referiu-se à montagem dos equipamentos e apresentação da banda na praça.

— Você tentou me dispensar tantas vezes, eu tinha que ser muito persuasivo dessa vez para te convencer de que você é realmente a única pessoa que eu quero e que devemos “passar para outro nível” agora — ele lembrou um trecho de outra música que ambos gostavam —, de que merecemos uma nova chance.

— Você está certo, eu vou conseguir vencer esse medo.

— Eu estou ao seu lado para isso.

— E quanto a Rasé? Vai manter a sociedade comigo? — ela quis saber.

— Na Rasé, na vida, onde você me quiser ao seu lado — ele respondeu, carinhoso.

Bia o abraçou novamente, e Lorenzo beijou seus lábios com paixão. Pouco depois tomaram um susto quando foram surpreendidos pelo abraço de Laura.

— A cunhada dos meus sonhos — ela brincou.

Alice lhe deu um tapinha de leve, em seguida:

— Danadinha! Escondendo o jogo, não é? Eu devia ter desconfiado que tinha um motivo para ele ser tão resistente ao meu charme — brincou.

Bia e Lorenzo riram com Alice, e a sócia da Rasé se dirigiu, então, aos visitantes de São Sebastião do Rio Verde:

— Digam que vão ficar até amanhã e passar a virada do ano com a gente — Bia pediu aos amigos de Lorenzo.

— Garota, eu acho bom que essa cidade tenha ótimos lugares agitados para nos abrigar porque você sabe que somos muito festeiros — Laura logo disse.

— E a festa com a gente não tem hora para acabar — Greg fez questão de enfatizar.

Luciana se manifestou depressa:

— Bem, somos especialistas em festas — afirmou. — E se a cidade inteira fechar, ainda temos um salão sobrando na Rasé.

A equipe toda aplaudiu a secretária e partiram para desmontar os aparatos da apresentação de Lorenzo antes de procurarem um lugar para almoçar. Depois, Lorenzo e Bia foram providenciar as hospedagens para cada um deles.

Alice logo se aproximou animada do Guto:

— Bem, eu tenho um quarto bem confortável sobrando na minha casa — disse, maliciosa.

Bia sorriu sem graça, mas já sabia que a funcionária era espalhafatosa e indiscreta mesmo, por isso não se importou. Por outro lado, até que seria bom se ela se entendesse com Guto, assim os amigos poderiam ficar bem próximos de novo.

Beatriz divagava em seus pensamentos enquanto seguiam conversando e rindo muito, preparando tudo para a festa de Réveillon. A festa que, conforme prometido por Laura, se estendeu a noite inteira.

E, assim, após muitas horas de comemoração, o ano de dois mil e dezessete se iniciou diferente para Bia e Lorenzo, depois dos coincidentes três anos de luto e solidão que ambos vivenciaram até se conhecerem e cuidarem um do outro. Ao longo do ano, o apartamento dele passou a ser tão pouco usado que logo foi devolvido, pois já havia mais coisas suas no apartamento dela.

No final daquele mesmo ano, Lorenzo e Beatriz decidiram oficializar a união e se casaram numa cerimônia simples na pequena capela da fazenda administrada por Laura e Beto. Foi ele quem fez questão da cerimônia e ela colocou apenas como condição que fosse tudo muito simples e com poucos convidados. Obviamente que Laura conseguiu tornar o evento um pouco mais grandioso, como tudo o que ela costumava fazer.

— Eu tenho seguranças, minha querida, ele não vai fugir de jeito nenhum — a cunhada assegurou com seu jeito brincalhão de sempre, enquanto organizava os preparativos para a festa.

Depois de um suspiro, Beatriz riu com a irmã de Lorenzo, tentando encarar com bom humor o medo de ser novamente abandonada.

No dia do casamento, Beatriz estava bastante nervosa. Respirou fundo, quando o carro parou em frente à capela, observando a bela decoração preparada por Laura. Não podia negar que ainda tinha um pouquinho de trauma do primeiro noivado, de modo que, se dependesse dela, não haveria cerimônia alguma.

Luciana logo se aproximou da janela do carro:

— Lorenzo está lá dentro, lindo, charmoso e apaixonado, esperando ansioso por você — ela lhe disse, radiante.

Beatriz sorriu para a jovem, e seu sorriso era iluminado dessa vez. Vencida a tensão e o medo de ser abandonada de novo, ela entrou emocionada, vendo que o homem que amava a esperava sorridente no altar, junto com seus amigos de São Sebastião do Rio Verde e os de Belo Horizonte também. Enquanto se aproximava, ela se lembrou de como construíram aquele amor, baseado na amizade e no suporte, surpreendidos pelo desejo. Lembrou-se de como estavam machucados e fragilizados quando se encontraram e como cuidaram das feridas um do outro, feridas agora cicatrizadas, dando espaço a novos sentimentos.

A festa foi na fazenda mesmo. Melissa não apareceu, pois resolveu voltar para o exterior depois da tentativa frustrada de reconciliação com Lorenzo. Daniel? Daniel era assunto superado e ela desejou que ele seguisse sendo feliz com Bianca.

Já o sonho de ser mãe se manifestou no ano seguinte, em dois mil e dezoito, quando intensificaram suas visitas ao orfanato. E se concretizou em outra forma, em dois mil e dezenove, ano em que iniciaram a construção do abrigo para crianças carentes em São Sebastião do Rio Verde. Foi quando ela e Lorenzo decidiram que não precisavam colocar mais crianças no mundo, pois já tinham todas aquelas das quais ajudavam a cuidar.

E todas elas eram singulares, especiais, não apenas números, mas sujeitos únicos com os quais podiam compartilhar respeito e amizade como compartilharam um dia. E, assim como se doaram um ao outro quando a esperança parecia seca, doaram-se aos que também precisavam de uma nova chance.

Mas, da mesma forma, doavam-se um ao outro todos os dias, compartilhando a luz da lua nas noites iluminadas. Nesses momentos, somente o vinho era demi-sec, o resto era doce... Doce como a brisa

fria que entrava pela sacada aberta enquanto faziam amor no tapete macio da sala. Doce como os ombros que ainda acolhiam, suave como o silêncio cúmplice.

O silêncio, agora, intercalado de histórias...

ESSA HISTÓRIA nasceu há mais

de dez anos, mas, por alguma razão, foi deixada de lado. Em 2018, encontrei-a no meu arquivo de “não finalizados” e reli as primeiras páginas, achando-as interessantes. Decidi dar continuidade à narrativa, começando a vislumbrar as “cenas dos próximos capítulos”. Os sentimentos foram se intensificando assim que encontrei uma trilha sonora para me concentrar na aproximação entre o casal e, finalmente, as ideias pipocaram. Depois que a paixão tomou espaço, não consegui mais parar de escrever até ajeitar a vida dos protagonistas.

Adoro histórias de recomeço, e essa é uma delas. Sempre procuro situações em que as pessoas voltem a acreditar que a felicidade é possível de ser alcançada. Tanto que o título inicialmente era “Uma nova chance” (para a qual relutavam duas pessoas feridas que resistiam a se abrir para um novo amor). Contudo, para o título final, busquei inspiração na cena em que Lorenzo e Beatriz tomam um vinho demi-sec e ela percebe o doce amargo dos sentimentos que se misturavam dentro de si. O doce amargo de quando o amor e a amizade se confundem trazendo alento e medo, desejo e fuga.

Enfim, “O amor é demi-sec” é um romance leve e despretensioso sobre amor, amizade e recomeço!



Luciane Monteiro é natural de Paranaguá, residente em Curitiba. Graduada em Letras pela PUC/PR, leciona inglês para alunos do Ensino Médio. Descobriu a paixão pela escrita aos treze anos e, desde então, nunca parou de escrever. Gosta de mergulhar na alma feminina, masculina, desvendando os nós de cada um e inventando novas possibilidades para cada realidade com que se depara. Autora dos livros “Estela Becker, solitária e intensa” e “História de uma vida, memórias de Dona Nilce”, pela KDP Amazon, e “Taça escarlata e “A última tempestade”, publicados pela editora InVerso.

Instagram: @subjativa.lmm

Facebook: @lucianemonteiro2020

LEIA TAMBÉM, DA AUTORA:



TAÇA ESCARLATE

O livro traz contos que retratam os anseios da mulher: suas buscas, batalhas e descobertas.

São almas femininas que se expõem em cada narrativa; umas desfalecem enquanto outras se libertam e alcançam sua plenitude.



A ÚLTIMA TEMPESTADE

A Última Tempestade aborda a violência doméstica e psicológica contra a mulher, descrevendo uma dentre milhares de histórias que poderiam ter retratado dramas reais vivenciados por diferentes mulheres. Contudo, o foco deste livro não é apenas a violência doméstica, mas a esperança, o modo como a personagem renasce e recomeça, juntando os cacos de si mesma.

O destaque é o amor, a amizade, a persistência. É por isso que o livro traz dois momentos na vida da personagem, mostrando as tempestades e calmarias que intercalam nossas vidas.